



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação Física

MARIANA ANTONELLI

DIAGNÓSTICO DOS CENTROS DE TREINAMENTO DE ALTO RENDIMENTO DO
BRASIL CUJAS MODALIDADES ATENDIDAS TÊM EXPECTATIVA DE CONQUISTA
DE MEDALHAS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016

CAMPINAS

2016

MARIANA ANTONELLI

DIAGNÓSTICO DOS CENTROS DE TREINAMENTO DE ALTO RENDIMENTO DO
BRASIL CUJAS MODALIDADES ATENDIDAS TÊM EXPECTATIVA DE CONQUISTA
DE MEDALHAS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016

Dissertação apresentada a Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual de
Campinas como parte dos requisitos exigidos
para obtenção de título de mestra em Educação
Física na área de Biodinâmica do Movimento
e Esporte.

Orientador: Professor Dr. Roberto Rodrigues Paes

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA
ALUNA MARIANA ANTONELLI ORIENTADA
PELO PROFESSOR ROBERTO RODRIGUES PAES

CAMPINAS

2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): FAPESP, 2014/10328-6

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

Antonelli, Mariana, 1991-
An88d Diagnóstico dos centros de treinamento de alto rendimento do Brasil cujas modalidades atendidas têm expectativa de conquista de medalhas nos Jogos Olímpicos de 2016 / Mariana Antonelli. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Esportes-Treinamento. 2. Infraestrutura. 3. Equipes de esportes. I. Paes, Roberto Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Diagnosis of high training centers Brazil whose terms of achievement medals attended have expected in the 2016 Olympic Games

Palavras-chave em inglês:

Sports-Training

Infrastructure

Sports teams

Área de concentração: Biodinâmica do Movimento e Esporte

Titulação: Mestra em Educação Física

Banca examinadora:

Roberto Rodrigues Paes [Orientador]

João Paulo Borin

Ricardo Antonio D'Angelo

Data de defesa: 22-03-2016

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Orientador

Professor Dr. João Paulo Borin

Membro titular

Prof. Dr. Ricardo Antonio D'Angelo

Membro titular

A ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos **meus pais**, que me apoiam, me orientam e fazem o possível (e o impossível!) pela minha felicidade.

E ao meu professor e orientador **Roberto Rodrigues Paes**, pela confiança depositada, sabedoria compartilhada e oportunidade dada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

A **Deus** por me iluminar nessa caminhada, colocando pessoas tão especiais para me guiar;

Aos meus pais, **Adilson e Maria**, pelo incentivo para que eu siga sempre estudando. Pelo amor, pelo apoio, pela torcida sincera;

Ao meu irmão **Tiago**, pelo exemplo de competência e honestidade;

Ao meu namorado **João**, pela paciência, carinho e humildade. Nunca negou ajuda ou compreensão;

Ao meu orientador, mestre e ídolo, professor **Roberto Paes**, que acreditou em mim há sete anos na minha Iniciação Científica. E desde então se mostrou muito mais que um orientador. Um exemplo. Meu exemplo!

Ao **Nestor Mosterio**, pela destreza na arte de ensinar, por me ensinar a semear, pelas oportunidades. Outro grande ídolo!

Àqueles que me abriram portas nos Centros de Treinamento visitados. Ao **Hermes Balbino**, em especial, por abrir também as portas do seu conhecimento. A todos os gestores e entrevistados, meu muito obrigado.

Aos membros de GEPESP: **Larissa, Riller, Gisele, Hermes, Henrique, Marlus** e companheiros de viagem: **Daniel Tancredi, Thiago Leonardi, Paula, Kelvin e Humberto**;

Aos professores da Unicamp, em especial ao **João Borin** por me inspirar (desde suas aulas instigadoras da graduação) e abrir novos horizontes;

Ao professor **Ricardo D'Angelo**, pelas contribuições imensuráveis da sua atuação prática e por ter me aberto as portas para a minha primeira visita a campo;

Aos companheiros de trabalho, em especial **Diogo Perez**, líder nato.

Aos companheiros de basquete **Jeannine Ferrari** (primeira treinadora), **Lúcia Gumerato, Marisa Bianco, Fúlvio Nina, Brito, Jair, Tarallo, Rosevaldo** e tantos outros...

Aos amigos, pelos impagáveis momentos de descontração em meio às tarefas da pós-graduação: **Amanda, Fernando, Mariana, Bia, Guilherme, Gabriel e Matheus**.

Aos meus avós pelas orações. Aos demais **familiares e amigos**.

A **FAPESP** e à **UNICAMP**, instituições que me permitiram esta realização.

Ao meu primeiro professor de Educação Física do Ensino Fundamental **Régis Belode**. Meus agradecimentos terminam com ele, por meio do qual tudo começou...

RESUMO

A partir do entendimento que o sucesso esportivo de um país está relacionado, dentre outros fatores, à infraestrutura esportiva, tem-se a necessidade de investigar os Centros de Treinamento de Esporte do Brasil a fim de obter um diagnóstico das instalações e verificar se, de fato, elas podem ser classificadas e reconhecidas como Centros de Alto Rendimento Esportivo em âmbito internacional, já que no Brasil não há um documento com informações sobre padrões mínimos necessários. Para delimitação das instalações a serem investigadas, a proposta foi conhecer os Centros com obras concluídas cujas modalidades apresentam expectativa de conquistar medalhas olímpicas em 2016, segundo o que sugeriu o Ministério do Esporte em 2012 ao elaborar o Plano Brasil Medalhas, o qual se encarregou de contemplar tais modalidades por meio de incentivos adicionais no esporte. Foram visitados nove Centros de Treinamento que contemplam as seguintes modalidades: voleibol, voleibol de praia, judô, boxe, natação, ginástica artística, atletismo, handebol, boxe e canoagem. A metodologia contemplou: pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas semiestruturadas, questionários, fotos, filmagens e diários de campo. Em cada um dos Centros foi feita entrevista semiestruturada com o gestor, a fim de traçar o perfil e investigar suas considerações acerca do Centro no qual trabalhava. Houve categorização dos dados para análise de conteúdo. Em suma, a expectativa em torno do projeto foi obter informações que permitissem verificar se há Centros de Treinamento do Esporte de Alto Rendimento do Brasil que atendem a parâmetros necessários estabelecidos para esse tipo de estrutura, por meio de investigações acerca de três categorias: infraestrutura física e equipamentos, da estrutura organizacional e dos recursos humanos, considerando os investimentos que vêm sendo feitos e buscando conhecer o perfil dos profissionais e atletas que frequentam tais ambientes. Como resultado, constatou-se que um dos Centros visitados se aproximou de padrões internacionais de excelência, destacando-se não só pela infraestrutura física como pela abordagem multidisciplinar de treinamento de maneira coesa. O estudo permitiu dar indicativos de um modelo de Centro de Treinamento de Excelência voltado ao alto rendimento para o Brasil e fazer apontamentos do que falta nos Centros visitados para se aproximar deste modelo proposto. Permitiu concluir que falta políticas esportivas nacionais que contemplem as instalações esportivas voltadas ao treinamento e desenvolvimento do esporte de alto rendimento.

Palavras-chave: Alto Rendimento; Centro de Treinamento; Excelência Esportiva; Infraestrutura; Equipe Multidisciplinar.

ABSTRACT

From the presupposition that a country's success in sports relates, among other factors, to its sports infrastructure, we felt the need to investigate the Sports Training Centers in Brazil, in order to get a diagnostic and analyze if they can, in fact, be considered and recognized as High Performance Sports Centers, since Brazil does not have a document establishing the minimum standards required. In order to delimitate the facilities investigated, we proposed to visit those centers that are already concluded and that represent sports with golden medal expectations for the Olympic Games of 2016, according to what the Sports Ministry suggested in 2012, when it created the Medal Plan for Brazil to give additional incentive to those sports. We visited nine Training Centers that relate with the following sports: volleyball, beach volleyball, judo, boxing, swimming, artistic gymnastics, athletics, handball and canoeing. This study contemplated bibliographical and documentary research, semi-structured interviews, surveys, photos, videos and field journals. In each of the Centers was made semi-structured interview with the manager in order to trace the profile and investigate their considerations about this place. There were categorization of data for content analysis. Thus, the expectation for our study was to obtain information that would allow us to examine the existing Training Centers and analyze whether they meet the minimum standards required for this type of facility. For this matter, we investigated the three categories: physical infrastructure, available equipment, organizational structure and human resources, considering the investments that are being made and aiming to know the profile of the professionals and athletes that attend the Centers. As a result, we found that one of the visited Centers relates to the international standards of excellence, standing out not only for its physical structure but also for its multidisciplinary approach to different areas. This Study allowed us to give indications for a model of High Performance Training Center directed to sports in Brazil and make notes of what is missing in the visited Centers to approach this proposed model. Concluded that lack national sports policies that include sports facilities aimed at training and development of high performance sport.

Keywords: High Performance; Training Center Sports; Sport Excellence; Infrastructure; Multidisciplinary Team.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Entrada do Centro de Desenvolvimento do Voleibol.....	68
Imagem 2 - Academia do CDV.....	68
Imagem 3 - Quadra de voleibol	68
Imagem 4 - Sala de reunião do Centro Pan-americano de Judô	70
Imagem 5 - Tatames	70
Imagem 6 - Fachada do Centro de Judô	70
Imagem 7 - Academia Núcleo de Alto Rendimento	73
Imagem 8 - Centro de Treinamento de Boxe.....	73
Imagem 9 - Pista de atletismo do NAR	73
Imagem 10 - Espaço interno do CT de Atletismo (Arena Caixa).....	76
Imagem 11 - Espaço interno do Centro de Treinamento de Ginástica Artística.....	76
Imagem 12 - Centro de Desenvolvimento do Handebol	76
Imagem 13 - Sala de combate do Centro de Treinamento Time Brasil	78
Imagem 14 - Piscina do Centro de Treinamento Time Brasil	78
Imagem 15 - Sala de força e condicionamento do CT Time Brasil	78
Imagem 16 - Corrente do Centro de Canoagem	80
Imagem 17 - Centro de Treinamento de Canoagem	80
Imagem 18 - Academia do alojamento do Centro de Treinamento de Canoagem	80
Imagem A - Complexo aquático do CEAR	150
Imagem B - Pista de atletismo do CEAR	150

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Níveis de fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional.....	22
Figura 2 - Modelo <i>SPLISS</i> - Pilares que levam ao sucesso esportivo internacional.....	29
Figura 3 - Estrutura organizacional brasileira do esporte de alto rendimento.....	42
Figura 4 - Qualidade e disponibilidade/acessibilidade dos Centros de Treinamento.....	43
Figura 5 - Pirâmide que ilustra a Rede Nacional de Treinamento.....	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Centros de Treinamento por modalidade.....	35
Gráfico 2 - Respostas da questão 7 do questionário.....	90
Gráfico 3 - Respostas da questão 8 do questionário	91
Gráfico 4 - Publicações existentes sobre multidisciplinaridade	101

LISTA DE SIGLAS

AIB	Associação de Imprensa da Barra
CAR	Centro de Alto Rendimento
CARD	Centro de Alto Rendimento Desportivo
CBCa	Confederação Brasileira de Canoagem
CEAR	Centro Especializado
CEAR	Centro de Alto Rendimento Esportivo
CENESP	Centro Nacional de Excelência Esportiva
CETD	Centro de Formação Esportiva Especializado
CFO	Centro de Formação Olímpico
CIE	Centro de Iniciação ao Esporte
COI	Comitê Olímpico Internacional
COT	Centro Olímpico de Treinamento
CNE	Conselho Nacional do Esporte
CNO	Confederações Nacionais Olímpicas
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
CPJ	Centro Pan-americano de Judô
CSD	Conselho Superior de Desporto
CT	Centro de Treinamento
CTD	Centro de Excelência/Formação Esportiva
EBC	Escola Brasileira de Comunicação
EUA	Estados Unidos da América
FIVB	Federação Internacional de Voleibol
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IOB	Instituto Olímpico Brasileiro

INSEP	<i>Institut National du Sport de l'Expertise et de la Performance</i>
INDESP	Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto
LPOTC	<i>Lake Placid Olympic Training Centre</i>
LEED	<i>Leadership in Energy and Environmental</i>
ME	Ministério do Esporte
NAR	Núcleo de Alto Rendimento
NEES	Núcleo de Estudos em Esporte
ONG	Organização não Governamental
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
S	Sujeito
SEAR	Secretaria de Alto Rendimento
SESI	Serviço Social da Indústria
SNEAR	Secretaria Nacional do Esporte de Ato Rendimento
SPLISS	<i>Sport Policy Factors Leading to International Sporting Success</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCU	Tribunal de Contas da União
US	United States
USOC	<i>United States Olympic Committee</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. OBJETIVOS.....	20
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	21
3.1 ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO.....	21
3.2 GESTÃO DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO.....	25
3.3 AVALIAÇÃO DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO: MODELO SPLISS.....	28
3.4 CENTROS DE TREINAMENTO: DENOMINAÇÕES E DIFERENCIAÇÕES.....	32
3.5 ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA E CENTROS DE TREINAMENTO DE ALTO RENDIMENTO NO BRASIL.....	42
3.6 CENTROS DE EXCELÊNCIA NO MUNDO.....	47
3.7 ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO NO BRASIL: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS.....	51
4. METODOLOGIA.....	59
4.1 TIPO DA PESQUISA.....	59
4.2 AMOSTRA E LOCUS DA PESQUISA.....	59
4.3 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	62
4.4 INSTRUMENTO.....	62
4.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	63
4.6 LIMITAÇÕES E DELIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	64
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	66
5.1 BREVE APRESENTAÇÃO DOS CENTROS DE TREINAMENTO.....	66
5.2 ENTREVISTAS.....	81
5.3 QUESTIONÁRIOS.....	88
5.4 DIÁRIOS DE CAMPO.....	94
5.5 INTERLOCUÇÕES DA INICIAÇÃO AO ALTO RENDIMENTO.....	98
5.6 MODELO POSSÍVEL: ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR.....	100
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	108
APÊNDICES.....	122
ANEXOS.....	152

1. INTRODUÇÃO

Nações que apresentam bons resultados esportivos nas competições de âmbito internacional possuem pontos comuns na organização e estrutura política esportiva. Nesse sentido, há estudos que buscam modelos que permitem identificar alguns desses pontos, tais como: programas de treinamento, identificação e seleção de talentos, instalações esportivas, equipamentos de excelência e presença de equipes multidisciplinares nas instalações esportivas (DE BOSSCHER et al. 2009; MEIRA et al.; 2012; PHILIPS et al. 2010; VAEYENS et al. 2009; VAEYENS et al. 2008).

Dentre os fatores importantes a serem considerados, De Bosscher et al. (2009) apresentam em seu modelo teórico nove pilares que podem influenciar o sucesso esportivo internacional de um país, sendo: 1. Suporte Financeiro 2. Organização e Estruturas Políticas Esportivas, 3. Cultura e Participação Esportiva 4. Sistema de Desenvolvimento e Identificação de Talentos 5. Suporte para Carreira e Aposentadoria de Atletas **6. Instalações Esportivas** 7. Desenvolvimento e Capacitação para Técnicos 8. Competições (inter) nacionais e 9. Pesquisas Científicas.

O fator que nos propusemos a investigar foi o de número 6, referente às Instalações Esportivas; o que não exclui nos informarmos acerca dos demais fatores, os quais contribuiriam para a contextualização e entendimento do fator de prioridade deste estudo. Como pano de fundo tivemos o fator número 1 (Suporte Financeiro), já que ele exerce influência direta em todos os outros fatores.

No Brasil, há a hipótese que inexistem Centros de Treinamento que atendam a requisitos mínimos necessários, que de acordo com Mazzei et al. (2012) deveriam: ser instalações de caráter multidisciplinar ou monodisciplinar, com equipamentos esportivos de alta qualidade; possuir alojamentos, com residências amplas, localizadas em áreas silenciosas, próximas dos espaços esportivos e de centros educacionais, oferecendo ainda áreas de estudo e de convivência; dispor de um órgão de gestão administrativa que controle o funcionamento da instalação; contar com uma equipe técnica esportiva; dispor no local de serviço médico-esportivo para a prevenção e tratamento de lesões e enfermidades, e de reabilitação física; dispor no local de departamentos científicos e de investigação, que ajudem tanto aos treinadores como aos esportistas a conseguir seus objetivos de rendimento e dispor de um centro educacional, na própria instalação ou próximo a ela.

Na Espanha, o órgão máximo esportivo do governo é o Conselho Superior de Deportes (CSD), que realiza um trabalho interligado com o Comitê Olímpico Espanhol

(COE) e as Federações Esportivas. O esporte no país conta com investimento em infraestruturas, as quais são administradas por um departamento próprio do CSD. De acordo com o CSD, para ser categorizado como **Centros Esportivos de Alto Rendimento ou Centros de Excelência Esportiva**, é preciso preencher todos os requisitos estabelecidos para cada tipo de instalação.

Não pretendemos aqui comparar o modelo esportivo brasileiro ao espanhol, mas utilizar como referência modelos de padronização e normatização, como também existe em Portugal e em outros países, com requisitos e categorização das instalações esportivas, já que no Brasil não há definição clara do que são Centros de Excelência Esportiva e de Alto Rendimento e os investimentos feitos em infraestrutura não se baseiam em dados detalhados e normatizados, mas em dados genéricos e especulações acerca do que seriam estas instalações.

Conforme pesquisa nas Bases de Dados (*Scielo, Science Direct e Scopus*), notamos que há um número ínfimo de pesquisas nacionais que investiguem Centros de Excelência Esportiva do País. Nanomura e Oliveira (2012) citam os Estados Unidos na Ginástica, afirmando que as atletas têm a sua disposição uma infraestrutura física e humana dentro dos padrões internacionais, diferente dos clubes brasileiros, o que favorece o sucesso do sistema de seleção vigente nos Estados Unidos da América (EUA).

A ginástica é um dos esportes mais estudados nacionalmente no tocante à infraestrutura destinada para treinamento do alto rendimento no Brasil (ANTUALPA, 2011; NANOMURA E OLIVEIRA; 2012; SCHIAVON E PAES; 2012). Nanomura e Oliveira (2012) citam o caso dessa modalidade para exemplificar que ao possuir um centro educacional na própria instalação com professores particulares, no Centro de Treinamento (CT) de Ginástica de Curitiba, há a possibilidade de continuidade nos estudos sem prejuízo nos treinos. Mas ainda que seja um Centro chamado de Excelência e caracterizado por Carvalho (2007) e Vieira e Freitas (2007) por possuir estrutura de alto nível, não há dados concretos para afirmar se o CT de Ginástica de Curitiba atende a critérios necessários que o enquadraria como tal.

Bortoleto (2004) cita o governo da Espanha, afirmando que ele vem investindo progressivamente em instalações desportivas, tendo criado em 1968 um "Plano ideal de instalações desportivas". Ademais, em 1978, o CSD disserta sobre a necessidade de construção de Centros de Alto Rendimento (CAR), efetivados na década de 80.

Digel (2002) corrobora com o assunto, ressaltando que além da Espanha, outros países como: EUA, Rússia, Alemanha, Itália, Austrália, China e Reino Unido, têm um sistema político esportivo desenvolvido, o que implica, portanto, preocupação com instalações

esportivas dentro do projeto político esportivo de longo prazo. Nesse caso, há diferenças da política esportiva do Brasil, que muitas vezes é pautada pelas urgências. Embora a preocupação com as instalações tenha sido intensificada no Brasil devido aos eventos (Jogos Sul-Americanos em 2002, os Jogos Pan-americanos em 2007 e os Jogos Militares em 2011, Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas e Paralimpíadas em 2016), que demandam infraestrutura adequada para treinamento e permanência de atletas, com instalações desenvolvidas; muito vem sendo feito em caráter emergencial para atender a uma demanda de curto prazo.

A justificativa deste estudo advém de se ter um diagnóstico dos Centros de Treinamento do Brasil e da sua utilização. De acordo com Mazzei et al. (2012) as instalações esportivas que o Brasil possui, destinadas aos grandes eventos esportivos, geralmente, não possuem as características de Centros de Treinamento voltados para a formação e desenvolvimento de atletas do alto rendimento. Portanto, os ambientes existentes no Brasil, das diversas modalidades - destinadas ao esporte espetáculo, não equivalem à CTs de Excelência. Todavia esta informação não está embasada em uma investigação profunda que permita confirmar se de fato, é verdadeira, sendo essa uma das principais hipóteses que justificam a realização deste estudo.

Ainda que se caracterize por um fenômeno pouco estudado, os recursos financeiros destinados para Centros de Treinamento voltados para alto rendimento vêm crescendo significativamente, do mesmo modo, a importância da infraestrutura na preparação esportiva vem sendo cada vez mais reconhecida por diversos pesquisadores (FERREIRA, 2007; PENHA, 2009; DIGEL, 2005, DE BOSSCHER, 2009; SMOLEUSKIY E GAVERRDOUSKIY, 1996).

De acordo com Smoleuskiy e Gaverrdouskiy (1996), "nos Centros é possível realizar uma preparação centralizada, amparados por métodos intensivos e estrutura de ponta, possibilitando um controle mais eficiente do treino, além de contribuir para os aspectos médico e psicológico". De Bosscher et al. (2009) também confirmam que a infraestrutura de treinamento é um dos pilares para o sucesso no esporte. Tal centralização citada por Smoleuskiy e Gaverrdouskiy (1996) pode contribuir para uma comunicação eficiente além de prevenir geração de conflitos (GREEN E OAKLEY, 2001), sendo uma prática comum em países de sucesso esportivo internacional (DIGEL, 2002).

Antualpa (2011) afirma que o desenvolvimento e a permanência de atletas de alto rendimento no território nacional estão relacionados às instalações desportivas que a nação possui. A autora estudou os Centros de Excelência de Ginástica Rítmica no Brasil e destacou

que muitos Centros de Treinamento do país são do setor privado. Relatou também que há apoio do Ministério do Esporte e das Confederações e que poderia haver mais Centros advindos do setor público.

Quanto aos investimentos na construção, reforma e operação de Centros de Treinamento no Brasil, eles vêm sendo intensificados. Segundo o Comitê Organizador, quanto às obras feitas para o Pan de 2007, os Jogos Militares de 2011 e a Copa do Mundo de Futebol de 2014, apenas 26% das instalações terão que ser construídas (RIO 2016, 2009), as demais passarão por reforma.

A priori, houve intensificação dos investimentos por meio da Lei Agnelo/Piva de 2001 e da Lei de Incentivo ao Esporte de 2006; em seguida, houve o lançamento pela presidenta Dilma Rousseff e pelo ex-ministro do Esporte, Aldo Rebelo, do Plano Brasil Medalhas, em setembro de 2012.

Este Plano representa um novo patamar de investimentos no esporte visando à preparação de atletas brasileiros olímpicos e paralímpicos para os Jogos do Rio de Janeiro em 2016. A meta do Plano Brasil Medalhas é que o Brasil esteja classificado, pela primeira vez em sua história, entre os dez melhores da competição. Já para os Jogos Paralímpicos o objetivo é que o país encerre a participação entre os cinco primeiros.

Em vistas a atingir alguns objetivos, dentre eles, a construção, reforma e operação de diversos Centros de Treinamento para 21 modalidades olímpicas e um Centro de Treinamento para 15 modalidades paralímpicas, entre 2013 e 2016, o Plano Brasil Medalhas prometeu investir R\$ 1 bilhão no esporte. Do total, cerca de R\$ 310 milhões serão destinados aos Centros de Treinamento, visando: 1. Estruturação desses centros para aquisição de equipamentos 2. Aquisição de materiais e equipamentos esportivos 3. Contratação de equipe técnica e multidisciplinar que atenda essas instalações.

Alguns CTs serão entregues em 2016. Assim, poderão não ser usados no processo de preparação dos atletas para as Olimpíadas de 2016. Nossa análise ocorreu nos CTs que estavam com obras concluídas, em operação e que autorizaram o estudo. A visita deu-se em dez deles. Um no estudo piloto e outros nove para o estudo em si. Apenas o C.T. de Handebol (São Bernardo) não estava em funcionamento durante a visita (o que impossibilitou o uso dos instrumentos: entrevista e questionário), os demais já estavam operando.

Os Centros que ainda estão em fase de construção ou não estão em pleno funcionamento não foram contemplados neste momento do estudo. Pretendemos fazer a visita e pesquisa em um momento futuro devido à viabilidade de aplicação dos instrumentos pesquisa.

Com a pesquisa nos Centros de Treinamento em operação, esperamos como forma de contribuição para a área, obter um diagnóstico por meio de uma análise minuciosa do cenário atual das infraestruturas esportivas do país e de uma análise geral das equipes multidisciplinares que nelas atuam, além de tratar do legado esportivo que poderá advir no Brasil para treinamento dos atletas do alto rendimento. Por meio da pesquisa nas bases de dados, constatamos que são escassos os estudos que analisam os CTs nacionais das diversas modalidades.

Apontamos, portanto, para um campo de pesquisa que é de grande importância, tanto para os estudiosos do Esporte, como para atletas, treinadores, patrocinadores, Confederações e afins; e que futuramente poderá ser disseminado por meio deste estudo pioneiro.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Obter um diagnóstico dos Centros de Treinamento do Brasil cujas modalidades tenham expectativas de conquista de medalhas nos Jogos Olímpicos Rio 2016;

Objetivos Específicos:

- Verificar se os Centros de Treinamento voltados para o alto rendimento no Brasil se enquadram em parâmetros internacionais estabelecidos para esse tipo de instalação;
- Fazer apontamentos de um modelo de Centro de Treinamento voltado ao alto rendimento para o Brasil.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Esporte de Alto Rendimento

Tratar o esporte de alto rendimento implica investigar as razões pelas quais alguns países ganham mais medalhas que outros, analisar a eficiência das políticas públicas, além de verificar os impactos do sucesso em eventos esportivos internacionais na sociedade. O fato é que uma estrutura e organização favorável para o esporte de alto rendimento possibilita com que recursos sejam aplicados de maneira eficiente.

No Brasil, a lei nº 9.615/1998 (Lei Pelé) conceituou o Esporte de Rendimento como uma das três manifestações do desporto, além do desporto educacional e do desporto de participação, tendo como objetivo a obtenção de resultados e a integração de pessoas e comunidades do país e destas com as de outras nações (TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, 2011).

De Rose et al. (1999) definem esporte de Alto Rendimento como aquele no qual o atleta busca alcançar melhores níveis de desempenho, obtendo assim bons resultados coletivamente e individualmente. Já Almeida (2008) define Alto Rendimento como "a participação em Campeonatos Nacionais organizados pelas Federações Nacionais, Jogos Continentais (Jogos sul-americanos e Jogos Pan-americanos), Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos."

Galatti (2010) alerta que é preciso compreender a estrutura do esporte como um fenômeno não mais piramidal e passar a observá-lo a partir de suas diferentes ramificações na sociedade. A autora estudou a organização de clubes nacionais e internacionais e percebeu que essa interpretação vem ocorrendo. Juntamente a tal organização, a profissionalização do esporte e o entendimento dele como fenômeno globalizado. Essa mudança de concepção do esporte vem se alastrando dos clubes às Federações.

Avanços nos resultados do esporte de alto nível requerem que o amadorismo dê espaço ao profissionalismo e que haja maior democratização da prática esportiva. De acordo com o Núcleo de Estudos em Esporte (NEES, 2004): "Ainda que grande parte dos clubes se encontre imersa no amadorismo, outros já perceberam a necessidade de migrar para um modelo administrativo moderno".

Amaral (2014) considera que as instalações esportivas são um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento. Meira (2012) explica

que atualmente há duas organizações em nível nacional responsáveis especificamente pelo esporte de alto rendimento em âmbito governamental: o Comitê Olímpico do Brasil (COB) e o Ministério do Esporte (ME). Ambos, juntamente com o Conselho Nacional do Esporte (CNE) formam o sistema nacional do esporte e são responsáveis por elaborar políticas para o esporte de alto rendimento. A autora problematiza que no Brasil não é possível identificar ações voltadas para esta manifestação do esporte e discute a divisão dos níveis Micro, Meso e Macro do esporte de alto rendimento.

Tais níveis podem ser encontrados na literatura no modelo teórico de De Bosscher e Knop (2003) que elencam os fatores que conduzem a um bom resultado internacional do esporte do alto nível. Este modelo traz informações relevantes de tudo que envolve o esporte, elencando-as em níveis: Macro, Meso e Micro, conforme segue na figura 1:

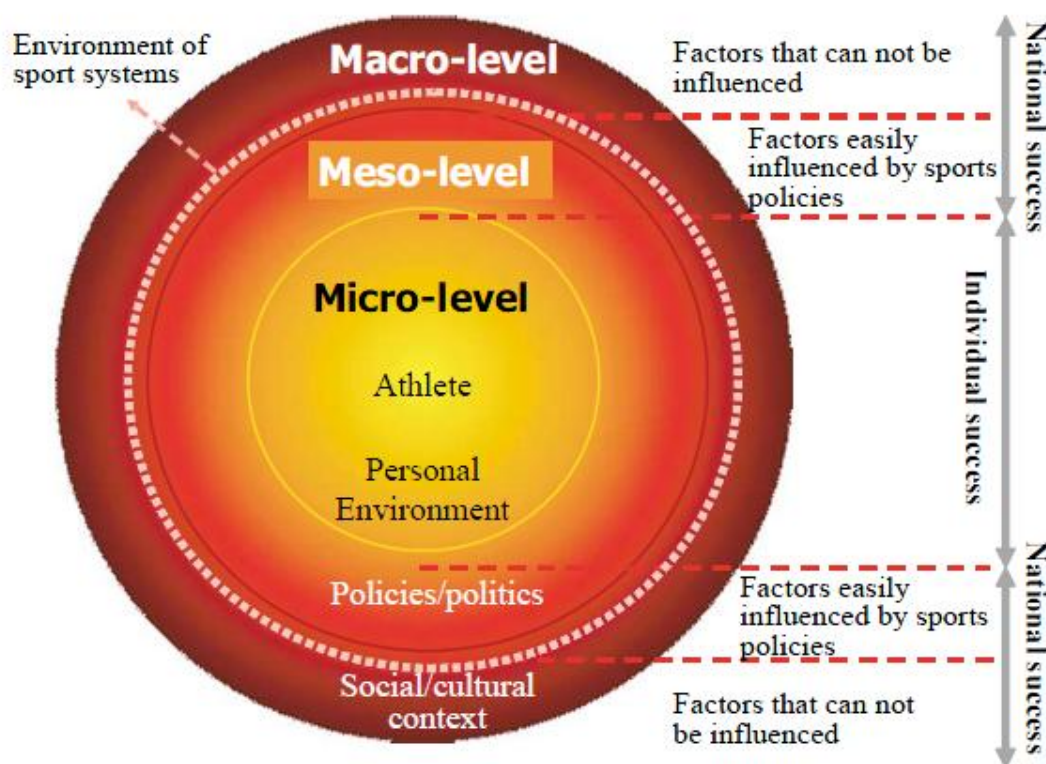


Figura 1- Níveis de fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional (traduzido De Bosscher et al., 2008).

Conforme podemos ver na figura 1, De Bosscher e Knop (2003) consideram que o nível **Micro** engloba os esportistas individualmente, considerando qualidades genéticas, além do seu contexto mais próximo (família, amigos, treinadores). Muitos dos fatores deste nível

podem ser controlados, como as partes: técnica, tática, psicológica e médica. No entanto, outros, não são passíveis de serem controlados, como a constituição genética do indivíduo.

No nível **Meso**, estão as políticas esportivas, as quais, a longo prazo, podem influenciar no rendimento do país. Para Meira et al. (2011), a análise no nível Meso em cada país possibilita a comparação de estruturas esportivas de diferentes nações no sentido de compreender os fatores determinantes do desenvolvimento do esporte de alto nível. Sendo assim, os esportistas de alto nível terão grande oportunidade de êxito dependendo da efetividade da política esportiva da nação na qual estão inseridos.

Entre o Meso e o Macro nível há, segundo Vilanova et al. (2011), outros fatores que podem ter incidência no êxito esportivo, como a cultura antidoping, a tradição esportiva do país e a mídia.

Finalmente, no nível **Macro**, são abordadas condições gerais, como contexto social e cultural, bem estar econômico, variações climáticas e geográficas, sistema político, sistema social, entre outros.

De Bosscher et. al (2008; 2009) apontam a tendência de o Macro nível, que atualmente é responsável por cerca de 50% do sucesso esportivo internacional, diminuir em detrimento a um aumento do Meso nível, já que países estão investindo em programas esportivos de qualidade e a globalização vem fazendo com que países adotem sistemas semelhantes de organização.

Considerando esses fatores e os níveis acima citados, Oakley e Grenn (2001) constatarem e elencaram dez fatores comuns verificados em seus estudos em três países (Canadá, Reino Unido e Austrália) de sucesso esportivo internacional, conforme será citado abaixo:

1. Entendimento claro sobre papel de diferentes agências envolvidas e comunicação efetiva na rede que mantém sistema esportivo;
2. Simplicidade de administração por meio de políticas esportivas comuns;
3. Sistema efetivo para identificação estatística e monitoramento do progresso de atletas talentosos e de elite;
4. Provimento de serviços na área esportiva para criar uma cultura de excelência na qual todos os membros possam interagir de maneira formal e informal;
5. Programas competitivos bem estruturados com intercambio internacional;
6. Boas instalações esportivas com prioridades para os e as esportistas;
7. Focalizar recursos em modalidades com mais chance de êxito;
8. Planejamento claro e específico de cada modalidade;

9. Reconhecimento dos custos da excelência esportiva, destinando recursos à infraestrutura e pessoal;

10. Suporte para a vida e preparação profissional do atleta após o término da carreira esportiva.

Essas constatações feitas no sentido de encontrar fatores comuns entre políticas esportivas de sucesso apontam uma tendência de uniformização do modelo esportivo, sendo que as semelhanças de estruturas esportivas de organização encontradas nos países também podem estar relacionadas com o advento da globalização (HOULIHAN E GREEN, 2008).

Tendência esta constatada por Digel (2002), que investigou oito países com sucesso esportivo: Itália, Austrália, França, Rússia, EUA, Reino Unido, Alemanha e China, encontrando as seguintes semelhanças: todos os países promovem fortemente o esporte olímpico e tendem ao profissionalismo; o financiamento é misto (público e privado) e as instalações são especializadas e centralizadas e os atletas têm acesso a Centros de Treinamento de alto desempenho. Oakley e Green (2001), que fizeram pesquisa no mesmo âmbito, investigando países semiperiféricos (Ex- República Democrática Alemã e Ex- União Soviética) e países centrais (Reino Unido, Espanha França, EUA, Canadá e Austrália), também descobriram que o sucesso está mais próximo daqueles que investem no processo (desenvolvimento) em vez de no produto (resultado).

Há, por fim, um estudo realizado por De Bosscher et al. (2009) em seis países (Bélgica, Canadá, Noruega, Itália, Holanda e Reino Unido) a fim de investigar fatores de importância no esporte de alto rendimento, baseados no modelo que tem proposta de analisar qualidade do Esporte de alto nível denominado *Sport Policy Factors Leading to International Sporting Success (SPLISS)*, o qual será esclarecido adiante.

Enquanto isso, os estudos existentes no Brasil (MATSUDO, 1999; MEIRA, 2008), apontam existência de programas esportivos assistemáticos, de forma que o Estado, os clubes e até a família se responsabilizam pelo desenvolvimento do esporte. De acordo com Meira (2008), no Brasil verifica-se que as entidades que trabalham com o esporte de alto rendimento atuam de forma descentralizada com programas e projetos próprios. Por esses e por outros motivos podemos inferir que ainda há um longo caminho a ser percorrido pelo país que o leve ao sucesso esportivo internacional, e pretendemos apontar ações que possam conduzir a ele.

3.2 Gestão do Esporte de Alto Rendimento

Nolasco et al. (2005) conceituam administração (denominação histórica) e gestão (nome apropriado) como a organização, sistematização e direção racional de instituições que atuam com atividades esportivas nos seus segmentos competitivos ou de lazer.

A gestão desportiva no Brasil adveio da busca do país por obter melhores resultados em competições internacionais (BASTOS et al., 2006). Pires e Sarmento (2001) fazem mais apontamentos sobre o surgimento da gestão esportiva, afirmando que ela adveio: da crise do setor esportivo moderno em busca de novos caminhos, da necessidade do desenvolvimento da criatividade para resolver essas questões; do número crescente de novas instituições surgindo, dos estudos acadêmicos que possibilitam a troca de informações, do aumento da oferta de empregabilidade no setor e da necessidade da formação de recursos humanos para espaços que até então eram preenchidos por pessoas desqualificadas na área.

Pinto e Sarmento (2009) discutem sobre três modelos de gestão que se têm atualmente: 1. Gestão pública ou direta: realizada pela própria entidade, com organização ou associação local cujo capital pertença integralmente à entidade local 2. Gestão indireta: realizada por uma organização pública de natureza privada, como clubes, associações ou empresas 3. Gestão privada: forma em que a lógica dominante se restringe ao lucro, às regras do mercado livre e acesso condicionado a determinados setores sociais e econômicos. Além dessa divisão, há divisão das diversas áreas de atuação do gestor esportivo, sendo a gestão de instalações esportivas uma das possibilidades de atuação deste profissional.

Rocha e Bastos (2011) problematizam o fato de os estudos no Brasil serem insipientes na área de Gestão Desportiva. Diferente dos EUA, onde cerca de 300 Universidades Americanas oferecem cursos de Gestão Esportiva, no Brasil existem poucos programas acadêmicos específicos com esse fim.

Um estudo acerca de Programas Acadêmicos de graduação em gestão do esporte no Brasil verificou que ainda há importantes lacunas a serem preenchidas no país, já que, segundo Mazzei et al. (2013):

(...) não existe no Brasil diretriz única para cursos de graduação voltados à formação de gestores do Esporte. Os cursos que são oferecidos têm diferentes formatos e objetivos. Há apenas um curso de bacharelado e os de formação de tecnólogos estão disponíveis de forma presencial na maioria dos Estados brasileiros, concentrando-se em duas regiões (Nordeste e Sudeste). Conclui-se ainda que o ensino à distância é uma modalidade pouquíssimo utilizada na formação na área no País.

Ainda de acordo com os autores, os gestores deveriam conhecer o processo produtivo preparando-se para atuar nas organizações. Ademais, eles defendem que gestores de Clubes de Futebol no país deveriam ser profissionais, e ainda, deveriam ser do meio esportivo.

Oliveira, Pereira e Almeida (2008) entendem gestão profissional como aquela em que predomina a visão estratégica e há busca pelos resultados, com prioridade na busca por parceiros e investidores e com gestores remunerados que devem ser cobrados pelos resultados. Nela, é dada ênfase na elaboração e implantação de projetos para detecção das necessidades como fonte de decisão no processo da gestão.

Para Maroni et al. (2010), o cenário nacional da gestão de entidades esportivas apresenta mudanças nos últimos anos e vem evoluindo na direção da profissionalização. No entanto, os autores afirmam que o Brasil ainda se coloca muito aquém de outros países quanto à gestão profissional do esporte, mesmo que haja diferenciações entre modalidades.

Um estudo sobre gestão do voleibol no Brasil (MARONI et al., 2010) apontou que no voleibol brasileiro há profissionalização desde 1997, quando foi adotado modelo empresarial. Não à toa a modalidade no país vem alcançando marcas relevantes e de destaque no cenário internacional, tanto no feminino quanto no masculino, mantendo hegemonia nas últimas décadas.

Ocorre que muitas outras modalidades adotam modelo de gestão amadora. Bohme e Bastos (2012), em seu estudo, revelaram que a maioria dos gestores das Confederações Brasileiras (55%) têm outra profissão. Isso caracteriza a gestão amadora, na qual os gestores têm outras ocupações profissionais que não só as de gestor e o interesse de um pequeno grupo costuma se sobressair sobre o da maioria, além de os dirigentes não serem remunerados ou terem baixa remuneração e ocorrer de não haver foco no resultado. Para Hernández (2005), neste modelo de gestão o pior inimigo de uma instituição esportiva é a própria organização, em função de sua inércia.

Mas isso não é um problema que ocorre só no Brasil. Em estudo sobre os gestores de instalações esportivas de Portugal, Amaral et al. (2014) constataram que 85,7% dos gestores participantes da pesquisa afirmaram exercer segunda e até terceira função que não a de gestor de instalação, apontando para uma semelhança com o que ocorre no Brasil. É sabido que esse acúmulo de funções pode acarretar um comprometimento no exercício da função por parte do gestor (AZEVEDO et al., 2004).

Embora exista pouco conhecimento gerado sobre gestão profissional de maneira sistemática e permanente no Brasil, há estudos que apontam alguns caminhos. Rezende

(2000) entende que a gestão de um CT envolve diferentes perspectivas de governança, que se inicia com uma visão empresarial, por meio de grande quantidade de clientes, fornecedores, empregados, comunidade e gestores, sendo estes últimos elementos chave. Já Pires (2000) afirma que a gestão de instalação esportiva integra vários fatores e diferentes planos, sendo eles: gestão orçamentária, gestão financeira, gestão comercial, gestão pessoal, gestão de materiais desportivos e gestão de atividades.

Quanto ao perfil do gestor no Brasil, estudos apontam que há uma prevalência de homens de 30-38 anos, com formação superior em Educação Física ou Esporte (BASTOS et. al, 2006; SANTANA, 2012).

Também Amaral (2014) realizou uma revisão que abordou 26 artigos sobre a temática, tendo notado que poucos gestores brasileiros possuem pós-graduação específica em estão ou administração do esporte. Em seu estudo de campo, a autora concluiu, após entrevistar 76 gestores, que dos entrevistados, 41% possuía cursos de especialização, enquanto apenas 3,8% possuía mestrado e, 1,3%; doutorado. 33,3% tinha curso superior, 2,6% nível técnico, 11,5% nível médio e 6,4% ensino fundamental. Sobre o curso de formação, apenas 55,8% foram graduados em Educação Física, sendo que a outra parcela possui formação variada (psicologia, pedagogia, economia, etc.).

Outro ponto discutido na atualidade acerca da gestão esportiva diz respeito à gestão sustentável. Fundamentada na visão multifatorial e de longo prazo, ela considera a interrelação entre os fatores: econômico, social, ambiental, cultural, político e espacial. Dada a sua importância, o Comitê Olímpico Internacional criou comissão de Esporte e Meio Ambiente, especialmente para atender obras das Olimpíadas Rio 2016.

A relevância da sustentabilidade já era conhecida mesmo antes do Brasil se eleger país sede, visto que no Plano para candidatura do país era preciso "definir planos de desenvolvimento sustentável das instalações permanentes que estão incluídas no projeto". Com essa exigência, a promessa das instalações do Rio 2016 é que todas as instalações sejam construídas fundamentadas em planos comerciais e assim, garantam sustentabilidade a longo prazo (Rio 2016).

A gestão esportiva sustentável requer não só que as instalações, mas também que os equipamentos sejam otimizados a fim de que se tenham legados que possam beneficiar a população a longo prazo. Pina (2010) problematiza o fato de a falta de planejamento acarretar em impactos negativos em comunidades que sofrem com gestão errônea. Neto e Junior (2013) corroboram com esta ideia ao afirmar que "normalmente a construção de instalações esportivas para megaeventos visa atender as necessidades técnicas das competições (...) não

estando preparada para as demandas na fase do legado". Para os autores, isso pode acarretar em prejuízos pós-competição.

De acordo com Telles (2006) a instalação esportiva é sustentável quando estão previstos e assegurados recursos necessários à sua manutenção e contínua operação. O autor aponta que ela deva contribuir para o incremento de futuras oportunidades do "esporte para todos" e da integridade do ambiente natural onde está inserida.

Finalmente, é importante entender que o desenvolvimento sustentável visa equidade e justiça social. Antunes e Laureano (2008) apontam para a questão do planejamento, tópico fundamental ao se discutir gestão esportiva, afirmando que o que realmente define "construção sustentável" é sua fase de projeto e planejamento, sendo que nesta fase deve ser pensada a redução do consumo e eficiência ambiental; já que na fase de uso as possibilidades de melhoria no desempenho são mínimas.

A sustentabilidade das instalações esportivas já é um conceito que vem sendo utilizado em alguns países (Espanha, Portugal, França) e passa por planejamento e construção de estruturas inteligentes, com custos baixos, eficientes e eficazes em seus objetivos, com total acessibilidade e amplo número de serviços aos usuários, buscando diminuir ao máximo os impactos negativos das estruturas, com aproveitamento de recursos naturais disponíveis para sua manutenção.

Ademais o sistema contínuo de capacitação de recursos humanos por meio de planejamento estratégico também deve ser considerado, somado à gestão profissional e serviços especializados, aumentando as divisas da instituição e promovendo inclusão social. Por meio dela é possível que os gestores obtenham eficiência operacional, alinhada ao equilíbrio entre responsabilidades financeira e ambiental e desenvolvimento social através do esporte (AGÊNCIA NACIONAL DE SUSTENTABILIDADE, 2011).

3.3 Avaliação do Esporte de Alto Rendimento: modelo *SPLISS*

O Modelo *Sport Policy Factors Leading to International Sporting Success (SPLISS)* é um projeto de investigação internacional que estuda a competitividade das nações no desporto de elite. O estudo é realizado por uma rede internacional de pesquisadores representativos de variados países. Ele teve início em 2002, com participação de seis países: Bélgica, Canadá, Itália, Noruega Holanda e Reino Unido. Estes iniciaram um estudo comparativo, visto a necessidade de se estudar a relação entre política esportiva e êxito esportivo. Atualmente, houve ampliação do estudo que passou a envolver países como

Espanha, Austrália, Brasil, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Holanda, Japão, Portugal, Reino Unido e Suíça (VILANOVA et al. 2011).

Faremos alusão a este modelo que atualmente é pioneiro na investigação e comparação do esporte de alto rendimento em diferentes nações, uma vez que ele traz fatores que influenciam o sucesso internacional de países no esporte; e um desses fatores (Pilar 6: Instalações Esportivas) é foco deste nosso estudo. Para fins de investigação, foi desenvolvido um questionário a ser aplicado com dirigentes, técnicos e atletas, com intuito de avaliar o nível de desenvolvimento esportivo das nações. De acordo com Bingham et al. (2006) este instrumento é capaz de avaliar os pontos chave de políticas de sucesso.

O *SPLISS* considera pilares importantes a serem investigados, pois com a grande competitividade que se tem hoje, faz-se necessário se estruturar em pilares sólidos e ter um planejamento estratégico adequado além de equipamentos e profissionais de ponta. Baseado em nove pilares que levam ao sucesso esportivo internacional, De Bosscher et. al (2008, 2009) elaboraram a figura que segue:

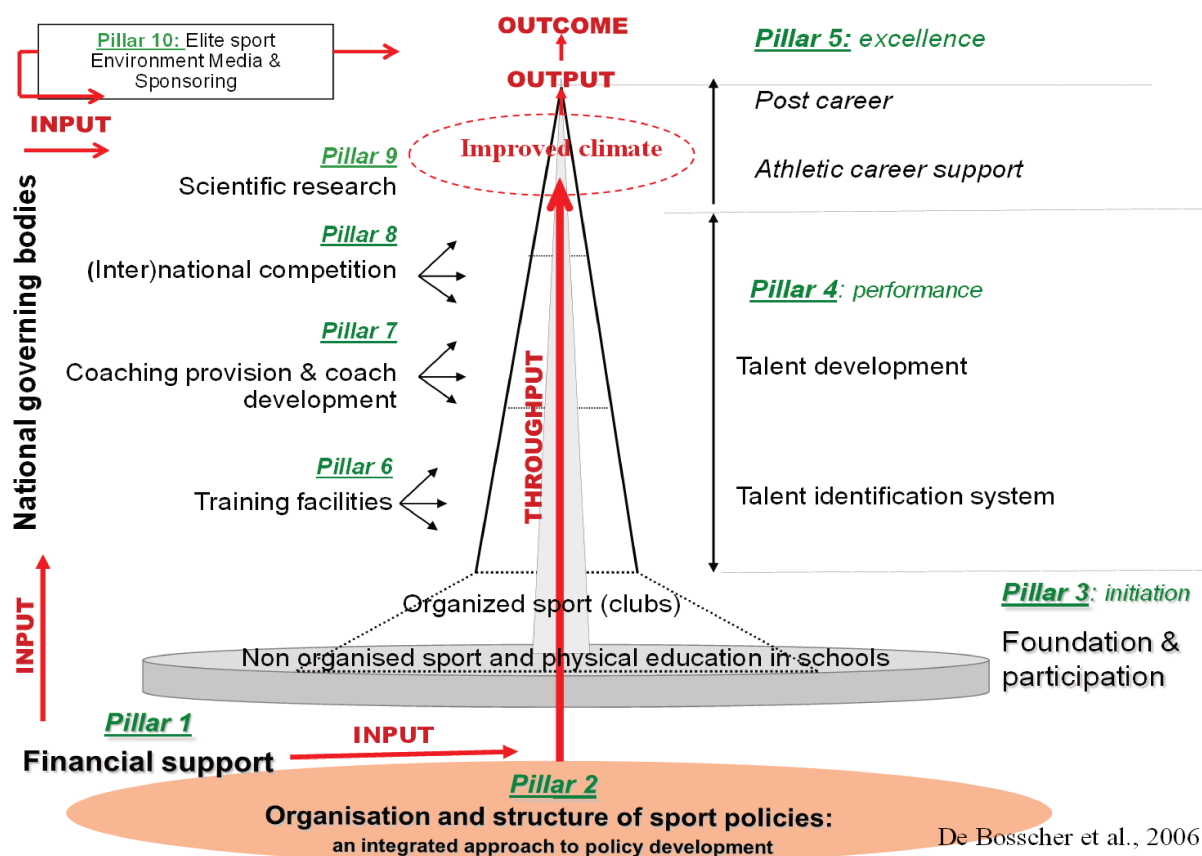


Figura 2 - Modelo SPLISS Pilares que levam ao sucesso esportivo internacional (adaptado de De Bosscher et al. 2008, 2009).

Na figura 2, é possível perceber importantes fatores que conduzem o país ao êxito esportivo. 1. Suporte Financeiro 2. Organização e Estruturas Políticas Esportivas, 3. Cultura e Participação Esportiva 4. Sistema de Desenvolvimento e Identificação de Talentos 5. Suporte para Carreira e Aposentadoria de Atletas **6. Instalações Esportivas** 7. Desenvolvimento e Capacitação para Técnicos 8. Competições (inter) nacionais e 9. Pesquisas Científicas.

Aqueles que investigamos com maior profundidade no Brasil foram o de número 6 (Instalações Esportivas) e o pilar 1 (Apoio Financeiro), sendo que este último não é o foco da pesquisa, mas possui relação direta com todos os outros, já que é dele que se originam os demais, conforme exposto no modelo acima. Detalhamos o que encontramos referente às instalações esportivas do Brasil voltadas ao alto rendimento e discutimos acerca do Pilar 1: Suporte Financeiro.

Baseados na figura 2, há estudos que apontam maior relevância de alguns desses fatores em detrimento a outros. De Bosscher et al. (2009) após investigar os nove pilares em seis países envolvidos na pesquisa afirmaram que os pilares 1, 5, 6 e 7 seriam os mais importantes para que o sucesso esportivo de alto rendimento de um país fosse atingido. Da mesma forma, outro estudo, realizado com utilização no SPLISS, sendo este no Brasil, deu-se no Minas Tênis Clube (ROHLFS; MAGALÃES, 2011), destacou que, de acordo com os atletas, os dois pilares de maior importância no alto rendimento esportivo são o de número 6 (Infraestrutura) e o de número 1 (Apoio Financeiro).

De Bosscher et al. (2009) ressaltam que cada país pode ter particularidades sobre a relevância de um ou outro pilar. Os resultados encontrados corroboram com a relevância do nosso estudo que tem como investigação principal o pilar 6 e cerca-se de informações relevantes correlacionadas ao pilar 1.

Em uma análise descritiva do modelo esportivo brasileiro utilizando o *SPLISS*, Bohme e Bastos (2012) encontraram informações importantes referente ao Pilar 1, verificando por meio da resposta de dez dirigentes das Confederações nacionais que a maior parte dos investimentos brasileiros vem do Comitê Olímpico do Brasil (COB), Governo Federal e Loterias, totalizando aproximadamente 85% dos recursos próprios, restando apenas 15% advindos de parcerias.

Embora o COB seja responsável por tratar dos investimentos no esporte de alto rendimento, incluindo investimentos em infraestrutura, ele não estabelece um valor mínimo que deva ser destinado a isso e tampouco, as suas outras atribuições, como: fomento de projetos, manutenção da entidade, formação recursos humanos, manutenção de atletas em treinamento e competições, organização e participação em eventos esportivos. Esta falta de

regulamentação pode acarretar problemas de má distribuição do dinheiro investido, favorecendo uma ou outra modalidade, priorizando um ou outro fator.

No quesito infraestrutura, é possível perceber que o Brasil mantém um distanciamento em relação a políticas esportivas de outros países de sucesso. Ainda não há no país normatização, fiscalização e manutenção adequadas que assegurem a eficiência dos investimentos. Todavia, há uma notória aproximação do Brasil com nações de sucesso internacional esportivo em outro âmbito, o da Economia. O ranking (BANCO MUNDIAL, 2014) apontou que o país ocupa sétima colocação, atrás apenas de Estados Unidos, China, Índia, Japão, Alemanha e França; conforme divulgado em abril de 2014.

Abarcamos este fato para adentrar na temática dos investimentos que vêm sendo feitos no esporte do país, intensificados principalmente a partir do momento em que a nação começou a sediar grandes eventos internacionais com regularidade, a partir de 2007 com os Jogos Pan-americanos, culminando com as Olimpíadas de 2016.

Ainda que o país possa cair uma posição no ranking, sendo superado pela Índia até 2018, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), se o Brasil ocupa o lugar da sétima economia mundial, juntando-se a importantes potências esportivas nacionais e destina recursos regularmente ao esporte, talvez haja investimentos significativos. De maneira a confirmar esta hipótese, Bohme e Bastos (2012) em comparação com outros países, constataram que o pilar 1 (Suporte Financeiro) juntamente com o pilar 5 (Competições Internacionais) são os únicos em que o Brasil apresentou-se acima da média de outros países desenvolvidos, com 47% e 50% dos fatores de sucesso, respectivamente. Este fato reforça a ideia que há investimentos bastantes no país, mas que é preciso assegurar maior eficiência desses investimentos, para que ele se aproxime dos resultados de países tidos como de alto "Índice de Desenvolvimento Esportivo" (Estados Unidos, China, Reino Unido, Alemanha, Rússia, França, entre outros).

Voltaremos a tratar de investimentos adiante ao referenciar o Plano Brasil Medalhas, criado em 2012 a fim de investir um bilhão de reais adicionais no Esporte visando melhores resultados na Olimpíada de 2016 no Rio de Janeiro, dos quais cerca de um terço é destinado à infraestrutura esportiva, com reforma e construção de instalações. 21 modalidades olímpicas foram atendidas pelo Plano, além de cerca de quinze paralímpicas; que contempla aquelas com mais chances de conquistar medalhas.

3.4 Centros de Treinamento: denominações e diferenciações

O sucesso esportivo internacional é advindo de diversos fatores. Dentre eles estão as instalações esportivas voltadas para o esporte de alto rendimento, conforme detalham De Bosscher et al. (2009).

Para o geógrafo Milton Santos (1996), os espaços destinados à prática esportiva carregam consigo possibilidades e significados. Para ele, "o espaço esportivo é um convite à ação, mas também um limite à ação. A qualidade e extensão do espaço esportivo condicionam nosso acesso ao esporte, nossas possibilidades concretas de praticá-lo."

Ainda que Mazzei (2011) defenda a ideia que no Brasil não haveria nenhum Centro de Treinamento de Excelência para o alto rendimento - se adotados padrões internacionais para este tipo de instalação - e que os espaços aqui existentes não passariam de "Complexos Esportivos"; buscamos investigar se isso se realmente se aplica, visto que os últimos anos foram de grande investimento devido aos megaeventos no país, havendo possibilidade de atualização nas conclusões de Mazzei (2011), a respeito da existência ou não de Centros de Treinamento de Excelência voltados ao alto rendimento.

De acordo com o Tribunal de Contas da União (2011) o Ministério do Esporte, "apesar dos esforços empreendidos em identificar os Centros de Treinamento existentes no Brasil e as condições operacionais da infraestrutura instalada ainda não dispõe de um diagnóstico das necessidades de cada modalidade" (pág. 61-62).

Dado o número escasso de pesquisas e o fato de serem, na sua maioria, pesquisas recentes e pouco aprofundadas do tema, a investigação das instalações esportivas torna-se decerto indispensável para análise e aprimoramento do que já existe e do que está por vir. Portanto, um passo inicial para reflexão foi tentar entender e distinguir as denominações que vem sendo dadas/utilizadas nestes espaços. Por meio de documentos, informações dos sites (COB, Confederações, Federações, Ministério do Esporte) e pesquisas na área buscaram-se definições e informações que nos permitam maior esclarecimento a respeito de cada denominação dada.

No Brasil, há diversas denominações para as instalações voltadas para o esporte de alto nível, tais como: a. Centros de Excelência Esportiva, b. Centro de Treinamento, c. Centro de Treinamento do Esporte de Alto Rendimento, d. Centro de Formação Olímpica, e. Centro Olímpico de Treinamento, f. Centros de Iniciação ao Esporte, g. Centro de Desenvolvimento h. Centro Paralímpico; podendo ainda haver outras.

Se por um lado há muitas denominações, por outro, há poucas distinções. Pelo menos, não documentadas. Diferente de outras nações, como Portugal, Espanha e França, nas quais se têm uma descrição detalhada de acordo com a denominação e com o que há neles referente à infraestrutura física e recursos humanos, no Brasil não há documentação clara e tampouco detalhada que diferencie umas das outras.

Corroborando com o exposto, Amaral (2014) defende "a importância que estes estudos possuem ao passo que propõem uma nomenclatura para as instalações esportivas de forma que se possam padronizar as análises dos estudos realizados e seja possível a reprodutibilidade e evolução dos mesmos".

No Brasil não houve novas avaliações após pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cujos dados foram publicados em 2006 (AMARAL, 2014). As definições existentes aqui se relacionam, mas não há uma padronização. Com base em informações advindas das Confederações, do COB, do Ministério do Esporte; além de definições advindas da literatura nacional, foi feita abaixo uma explanação sobre alguns dos Centros existentes no país, descrevendo um pouco da sua finalidade, do público para que se destinam, sobre o que há nelas, dentre outras informações.

As fontes que pesquisamos são diversas (Site das Confederações, Portal Brasil 2016, Site do Ministério do Esporte, artigos científicos, documentos) já que não é possível encontrar uma única fonte que reúna todas as definições. Ainda pode haver outras denominações que não foram aqui citadas.

a - Centros de Excelência Esportiva: Rosa (2009) afirma que o governo em 1999 entendia como Centro de Excelência:

Um conjunto de projetos de ação integrada entre o estado, comunidade e iniciativa privada, dotados de equipamentos, instalações, recursos materiais e pessoal técnico multidisciplinar, adequado ao desenvolvimento teórico prático de uma determinada modalidade esportiva com o objetivo de alcançar a excelência contribuindo também para a formação da cidadania, através da prática continuada de atividade física.

Já de acordo com Mazzei et al. (2011), um Centro de Excelência esportiva deveria conter: instalações de caráter multidisciplinar ou monodisciplinar e equipamentos esportivos de alta qualidade; estrutura de alojamentos, com residências amplas, localizadas próximas dos espaços esportivos e dos centros educacionais; dispor de um órgão de gestão administrativa que controle o funcionamento da instalação; contar com uma equipe técnica

esportiva e serviço médico-esportivo para a prevenção e tratamento de lesões e enfermidades e de reabilitação física; dispor no local de departamentos científicos de investigação e de um centro educacional, na própria instalação ou próximo a ela.

Em seu estudo mais recente Mazzei (no prelo) acrescenta alguns requisitos que tornam a instalação de excelência como: contar com instalações esportivas de interesse estatal, ter além de equipamentos de primeiro nível, recursos materiais técnicos, pedagógico e humano também de primeiro nível, áreas de estudo e convivência.

Tanto a definição de Rosa (2009) como os critérios propostos por Mazzei et al. (2011) nos dão indicativos do que, de fato, seriam Centros de Excelência. Entretanto, no Brasil há diversos espaços que se auto intitulam de Excelência, embora não atendam todos os requisitos apontados por Mazzei et al. (2011), que os considera como meros "Complexos Esportivos".

b - Centros de Treinamento: Segundo Almeida (2008), são um conjunto de instalações esportivas e **não esportivas** que se aliam a programas de treinamento e preparação física, sustentadas por meio da pesquisa científica aplicada ao esporte, as quais devem ser implantadas por profissionais de alta qualificação, partindo de uma abordagem interdisciplinar. De acordo com o autor, esta abordagem interdisciplinar tem papel preponderante na preparação sistematizada e na formação dos atletas, de forma a capacitá-los física e tecnicamente para atuar no alto rendimento.

Conforme consta no Relatório Nacional de Aplicação dos Recursos da Lei Agnelo Piva apresentado pelo Ministério do Esporte em 2011, no ano em que havia sido feito o relatório, das 40 modalidades pesquisadas, 22 tinham Centros de Treinamento. Esse número se mostrou significativamente maior do que havia no ano de 2000, com apenas cinco Centros de Treinamento. A tendência é que atualmente haja ainda mais, vide os megaeventos e recursos destinados à infraestrutura nos últimos anos. Abaixo, o gráfico disponibilizado pelo Ministério acerca dos CTs:



CENTROS DE TREINAMENTO – POR MODALIDADE

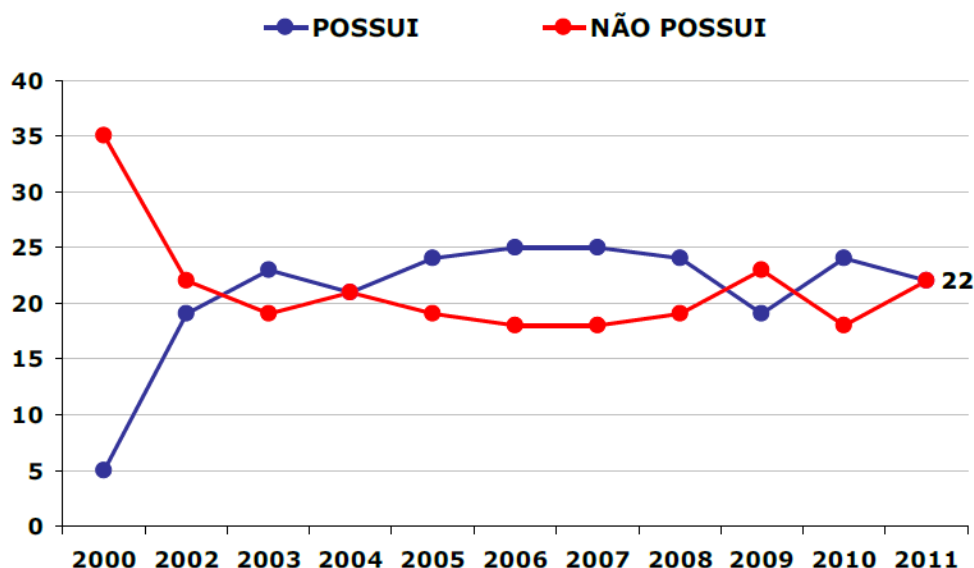


Gráfico 1 - Centros de Treinamento por modalidade (MINISTÉRIO DO ESPORTE, Demonstração da aplicação dos recursos técnico/financeiro, 2011).

Não é possível saber ao certo o que o Ministério do Esporte classifica como Centro de Treinamento, já que não há detalhes a respeito nem no relatório, tampouco em outras fontes pesquisadas (sites, documentos, Federações). Essa falta de diferenciação aponta para a possibilidade de equivalência do sentido das duas primeiras denominações apresentadas (Centro de Treinamento e Centro de Excelência), fato que também acontecerá com outras denominações, como veremos mais adiante.

Antualpa (2011), que fez um estudo sobre os Centros de Ginástica no Brasil, aponta como sinônimos os Centros de Treinamento e Centros de Excelência, o que se justifica partindo das poucas informações que se tem acerca de diferença entre eles. A autora os descreve como "espaços destinados à prática esportiva que visam incentivar o desenvolvimento e a permanência de atletas de alto rendimento no território nacional, propiciando instalações esportivas compatíveis com as necessidades do esporte de alto rendimento.”.

c- Centros de Treinamento do Esporte de Alto Rendimento. Por levarem no nome o termo "Alto Rendimento", estes Centros certamente denotam especificidade quanto ao público a que se destinam, com elevado grau de exigências. Atletas que competem

nacional e internacionalmente usam essas instalações e os serviços neles oferecidos. Tidos como os mais completos Centros na Espanha, lá os Centros de Alto Rendimento devem possuir desde a base até o alto nível.

Enquanto na Espanha o que diferencia um Centro de Excelência de um Centro de Alto Rendimento é o caráter nacional e multidisciplinar do segundo, em detrimento ao caráter territorial, autônomo e monodisciplinar do primeiro; no Brasil, é possível perceber que ambos se assemelham, na definição como em utilização, perante a falta de documentação que os regule e os classifique.

Sem detalhar quais são, Ferreira (2010) afirma que o Brasil possui apenas dois Centros de Alto Rendimento para aperfeiçoamento de 3 a 6 modalidades esportivas, ficando aquém de países como Alemanha, Austrália, China e Estados Unidos. O autor afirma que o Brasil possui 26 Centros de Treinamento para modalidades específicas (que, se seguirmos o conceito espanhol do CSD, seriam os denominados de Excelência) e cinco Centros de Desenvolvimento.

O CEAR, local do estudo piloto, (Centro Esportivo de Alto Rendimento de Campinas) pode ser um exemplo desta categoria. De acordo com o Portal Rio 2016 "a instalação oferece estrutura para treinamento de atletismo, natação, saltos ornamentais, voleibol, basquetebol e handebol e possui experiência em sediar eventos esportivos nacionais". Embora as informações constem no Portal Rio 2016, é preciso esclarecer, conforme visita realizada no estudo piloto, que há apenas infraestrutura para natação, atletismo e tênis. As demais estão em via de licitação. Ademais, constatou-se no estudo piloto que há no local sala para condicionamento físico e musculação, primeiros socorros, fisioterapia e massagem; salas de reunião e sala privada para a gerência da delegação.

d- Centro de Formação Olímpico é descrito como: multiesportivo capaz de proporcionar todas as condições para a descoberta de novos talentos e também para o treinamento de seleções olímpicas (PORTAL BRASIL, 2014). Está sendo construído um no Ceará, o qual terá ginásio com capacidade para 21 mil pessoas. De acordo com Vieira e Negreiros (2013) o objetivo do CFO é formar atletas de alto nível e será um dos mais completos do Brasil.

Conforme consta no projeto, o Centro de Formação Olímpica (CFO), localizado em frente ao Estádio Castelão, no Nordeste, abrigará 26 modalidades olímpicas e outras paralímpicas, contemplando as manifestações do esporte da base ao topo do esporte de Rendimento.

Construído principalmente em vistas aos resultados do Brasil nas Olimpíadas do Rio 2016, recebendo como parte da verba valor advindo do Plano Brasil Medalhas, foi acrescido ao Centro o termo "de Formação Olímpico". Ainda que apresente semelhanças claras com as outras denominações de Centros previamente apresentados, a nomenclatura é distinta e parece ser única no Brasil.

e- O Centro Olímpico de Treinamento (COT): De acordo com Guimarães (2008), diretor de esportes da candidatura Rio 2016:

Um COT é um ambiente propício para a execução de treinamentos com o auxílio de profissionais com sólida e atualizada formação científica, além de equipamentos e instalações do mais alto nível. O objetivo principal é centralizar toda a infraestrutura necessária para o desenvolvimento dos atletas.

Em um estudo realizado por Koslowski (2013), o autor afirmou que Centros Olímpico de Treinamento brasileiros podem efetivamente contribuir com a conquista de mais medalhas, nas mais diversas modalidades olímpicas, e principalmente com a meta do COB, de estar entre as dez potências olímpicas mundiais em 2016. Ele investigou o COT junto as Confederações Nacionais Olímpicas (CNO) sob cinco aspectos: 1. Humano 2. Ambiental 3. Estrutural 4. Financeiro 5. Social.

Como parte dos resultados Koslowski (2013) apontou que houve desenvolvimento dos CTOs brasileiros a partir de 2000, principalmente em relação à quantidade. Ademais, ressaltou que o fato de não serem, ou serem pouco usadas, as perspectivas de gestão sustentável, pode acarretar risco a manutenção dessas instalações após os Jogos Olímpicos do Rio em 2016, já que nesse momento pode acontecer de os recursos ficarem escassos.

Após a investigação ter sido concluída, o autor afirmou que "CTOs brasileiros ainda possuem estruturas morosas, pouco eficazes e que necessitam de uma atualização no sistema de gestão", apresentando, a maioria deles, problemas com acessibilidade e tímida comunicação com a sociedade.

f- Os Centros de Iniciação ao Esporte (CIES) possuem um projeto que visa integrar, num só espaço físico, atividades e a prática de esportes voltados ao esporte de alto rendimento, por meio do oferecimento de equipamentos públicos e qualificados. Há três modelos de CIES e um investimento de aproximadamente um bilhão em cerca de 300 CIES

previstas pelo Ministério do Esporte. Os CIES serão alocados principalmente em territórios de vulnerabilidade social, nas grandes cidades brasileiras (BRASIL, 2014).

Há três modelos de CIES, variando de acordo com tamanho do terreno (de 2.500m² a 7.500m²) e área a ser construída. Em todos está previsto ginásio poliesportivo com arquibancada para 177 pessoas. O mais completo deles contará com administração, sala de professores/técnicos, vestiários, chuveiros, enfermaria, copa, depósito, academia, sanitário público e estruturas de atletismo.

O Modelo 1 destina-se aos menores terrenos e visa atender as modalidades olímpicas: badminton, basquetebol, boxe, esgrima, ginástica rítmica, handebol, judô, levantamento de peso, lutas, taekwondô, tênis de mesa e voleibol; além de modalidades paralímpicas: esgrima em cadeira de rodas, goalball, halterofilismo, judô, tênis de mesa e voleibol sentado; e ainda a modalidade não olímpica: futsal. O Modelo 2 mantém as estruturas para as mesmas modalidades e acrescenta quadra poliesportiva externa. Já o Modelo 3 mantém as instalações dos primeiros e acrescenta pistas para atletismo.

Dentre os critérios para seleção dos locais onde seriam construídos os CIES, destacam-se: regiões de alta vulnerabilidade social; complementação de obras de urbanização do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) ou do Programa Minha Casa, Minha Vida já contratadas e situação fundiária que permita rápido início de obras.

Indo ao encontro do que vem sendo feito no Brasil com a implementação dos CIES, De Bosscher e Sotereadou (2013) abordam a importância do desenvolvimento do esporte de alto rendimento desde a base, afirmando que os países que desejam usar o modelo de excelência esportiva têm de ter essa preocupação. Além da preocupação com o esporte da base, o projeto de construção dos CIES considera outro ponto importante que vem sendo discutido na literatura, que é a Sustentabilidade. No material do Ministério do Esporte (CADERNO DE ORIENTAÇÕES TÉCNICO-OPERACIONAIS DO PROGRAMA DE CIES, 2014) que detalha esses Centros consta que:

No processo construtivo devem ser utilizados preceitos de sustentabilidade, com equipamentos para uso de energia solar e adotar princípios de acessibilidade universal, além da necessidade de se preocupar com o conforto ambiental, técnico e acústico dos ginásios.

Ademais, no planejamento afirma-se que serão preenchidos os requisitos de acessibilidade com rampas, plataforma elevatória, banheiros adaptados, portas largas e

espaços para cadeiras nas arquibancadas. O Ministério considera que este é o maior programa de infraestrutura para iniciação à prática esportiva nacional, tendo como diferenciais: fornecimento de projeto padrão básico para tornar a ação mais ágil; projeto com tipologia compatível com dados eólicos de cada região do país, permitindo economicidade e segurança; adaptabilidade do projeto para criação de centros especializados em determinadas modalidades esportivas; entre outros.

O fato de haver projeto padrão básico aponta uma normatização, fazendo parecer que os CIES possam ser pioneiros no país quanto ao detalhamento e padronização de instalações esportivas de acordo com seu fim e com o que deve conter nela, embora percebamos que o projeto é bastante específico para tratar da infraestrutura física, mas não detalha com a mesma primazia o que deve conter nos CIES referente a recursos humanos (nível técnico dos profissionais, equipe multidisciplinar, etc.).

g- Centro de Desenvolvimento Esportivo visa "colaborar para a formação de cidadãos e de jovens talentos para o esporte brasileiro" (BRADESCO, 2015). O primeiro Centro a receber pela Lei de Incentivo Fiscal foi um Centro de Desenvolvimento Esportivo, mais especificamente do Bradesco/Osasco, que é modelo de sucesso no campo das parcerias público-privadas e contribui para o desenvolvimento do País, combinando esporte, educação, saúde e cidadania.

Nele é possível constatar existência de acompanhamento médico, psicológico, fisioterápico e nutricional, uniforme e material esportivo a todas as atletas, além de estrutura de apoio que inclui benefícios, como seguro de vida, plano de saúde, bolsa-auxílio, transporte e alimentação. Todavia, o Centro de Desenvolvimento do Bradesco só atende o público feminino e as modalidades: voleibol e basquetebol (BRADESCO, 2015).

Fortemente embasado em conceitos de sustentabilidade, ele foi projetado, construído e equipado com os mais modernos conceitos de eco eficiência e preservação dos recursos naturais, seguindo as melhores práticas internacionais e por ter cumprido todas as exigências em benefício da sustentabilidade, o Centro Esportivo recebeu a Certificação LEED – *Leadership in Energy and Environmental*, conhecido como Selo Verde, concedida pela ONG *U.S. Green Building Council*. Uma das poucas edificações brasileiras a receber esta certificação, sendo a primeira e única, até 2011, na área esportiva a ter esse reconhecimento.

Muitas ações do projeto foram decisivas para a conquista do Selo Verde, como destinação correta dos resíduos gerados durante a construção, reservatórios de água de reuso, captação de água da chuva para utilização em sanitários, limpeza e jardins, além de placas

solares para aquecimento de água para chuveiros, cozinha e piscina. Ademais, ele possui iluminação natural por grandes janelas de vidro que permitem excelente circulação de ar interna, auxiliando na troca de ar quente.

Por conseguinte, um importante exemplo no campo da gestão sustentável pode ser verificado nesta instalação. Logo, se consideramos que os CIES possam ser pioneiros em questões de normatização e padronização, podemos inferir que o Centro de Desenvolvimento Esportivo localizado na cidade de Osasco-SP possa ser pioneiro no país no campo da Sustentabilidade.

Outro Centro intitulado de Desenvolvimento é o de voleibol localizado em Saquarema-RJ, o qual tem objetivo aperfeiçoar o programa de treinamento das seleções brasileiras em todas as suas categorias, promovendo uma maior integração entre as comissões técnicas e possibilitando uma maior interação entre os planejamentos. O projeto conta com atendimento ao público por meio de ações sociais em suas dependências, além de promover cursos de formação e reciclagem de árbitros, treinadores, dirigentes e profissionais do esporte (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2012).

Outra modalidade que recentemente (2014) passou a investir em Centro de Desenvolvimento foi o handebol. No cenário desta modalidade, muito se têm discutido, também acerca de infraestrutura, vide título de Campeão Feminino do Mundial conquistado em 2014. Um estudo visando propor um modelo de gestão organizacional para o handebol realizado por Ribas (2013) apontou que integrado ao Centro Nacional de Desenvolvimento de Handebol haveria seis Centros Regionais para o desenvolvimento da modalidade no país; e que somadas, essas instalações podem contribuir para que, a longo prazo, a modalidade alcance a excelência e, a curto prazo, possa preparar-se adequadamente para a realização dos próximos Jogos Olímpicos.

Mesmo não sendo muito frequente encontramos esclarecimentos que diferenciem uma instalação da outra, conforme visto até o momento, o COB (2006), neste caso, esclarece que embora haja objetivos similares entre **Centros de Treinamento** e **Centros de Desenvolvimento**, eles têm finalidades diferentes. De acordo com o que é apresentado, os **Centros de Treinamento** são destinados à lapidação de atletas já formados, enquanto os **Centros de Desenvolvimento** são voltados à formação de atletas para o futuro (BOLETIM OLÍMPICO, COB, 2006).

h - Centro Paralímpico. De acordo com dados do Ministério do Esporte este é um Centro de Treinamento (usado como sinônimo também pelo Ministério do Esporte de Centro de Excelência) para modalidades paralímpicas que conta com apoio médico para reabilitação das diversas deficiências, além de toda infraestrutura destinada ao desenvolvimento do esporte, com possibilidade de conter nele espaço para crianças e jovens iniciarem a prática esportiva nas várias modalidades que ali serão desenvolvidas.

O Centro Paralímpico de São Paulo é fruto de parceria com o Comitê Paralímpico Brasileiro. Suas instalações integrarão a Rede Nacional de Treinamento, que está sendo estruturada em todo o Brasil para modalidades de alto rendimento. Ele será o principal Centro de Excelência do Brasil e da América Latina do parolimpismo e um dos melhores do mundo, podendo abrigar quinze modalidades paralímpicas, seguindo conceito de países potência no esporte adaptado, como China, Coreia do Sul e Ucrânia, que concentram modalidades em um só local.

Após apresentação das principais denominações dos Centros existentes no Brasil, percebemos, nas fontes de busca do Ministério do Esporte, Confederações, Comitê Olímpico do Brasil e na literatura, que há mais definições no sentido de justificar a importância desses espaços do que interpretações das suas particularidades que permitam diferenciá-los e enquadrá-los como tais. Ademais, verificamos na literatura a existência da hipótese que os espaços destinados ao alto rendimento no país não passariam de "Complexos Esportivos" (MAZZEI et al. 2011).

Isso nos levará a adotar, para fins desta pesquisa e por motivo de padronização o termo "Centros de Treinamento" de maneira que este compreenda todas as denominações que foram apresentadas. Esperamos, com isso, tratar acerca das instalações esportivas sem nos atermos tanto à denominação - embora reconhecendo o quanto essa normatização/padronização seria importante - já que isso demandaria um esclarecimento que cabe a um contexto maior no qual ainda não é possível obter clareza. Mais especificamente trataremos dos Centros de Treinamento de modalidades que serão atendidos pelo Plano Brasil Medalhas, conforme explicaremos mais adiante.

3.5 Organização esportiva e Centros de Treinamento de alto rendimento no Brasil

O Brasil não está entre as principais potências do esporte mundial, tendo apresentado seu melhor desempenho em Atenas, 2004, com dez medalhas, sendo cinco de ouro. Em Londres houve maior quantidade total de medalhas (17), sendo apenas duas de ouro. Dentre os motivos podem justificar o desempenho aquém do esperado no Brasil nos Jogos, grande parte pode estar relacionada à estrutura organizacional do esporte de rendimento (FILHO; BOHME, 2014), a qual se apresenta conforme a figura:



Figura 3 - Estrutura organizacional brasileira do esporte de alto rendimento (Meira e Bastos, 2011).

Por meio dela, se verifica no Brasil duas organizações em nível nacional responsáveis pelo desenvolvimento do esporte de alto rendimento: o ME e o COB, por meio da Secretaria Nacional do Esporte de Alto Rendimento (SNEAR). A organização do esporte no país é constituída por entidades governamentais e não governamentais em nível, municipal, estadual e federal. Ao Ministério do Esporte, que é composto pela SNEAR - que deveria cuidar do desenvolvimento o esporte de alto rendimento no Brasil, cabe, dentre outras atribuições, pensar no o planejamento, construção e manutenção das instalações.

Outra instituição responsável pelo desenvolvimento do esporte de alto rendimento no país é o COB, entidade não governamental que atua no desenvolvimento do esporte olímpico no Brasil. Ele elaborou plano com meta de o Brasil estar entre os dez primeiro colocados no quadro de medalhas nos jogos do Rio em 2016. Para atender a essa meta e

também contribuir com aos Centros de Treinamento nacionais voltados ao alto nível, o Ministério do Esporte, por meio de gestão integrada, resolveu destinar 310 milhões de reais em infraestrutura esportiva prevista no Plano Brasil Medalhas, em 2012.

Embora os investimentos destinados às instalações esportivas sejam significativos, no campo das pesquisas acerca de infraestrutura, Telles (2006) afirma que o conhecimento e a divulgação das informações sobre a temática no Brasil é incipiente e a maior parte da literatura que existe tem pouco mais de meio século.

A fim de contribuir com uma melhora no cenário das escassas pesquisas apontadas por Telles (2006), Bohme e Bastos (2012) se dedicaram à pesquisa nos CTS brasileiros utilizando parâmetros do *SPLISS*. Estes apontaram que a visão dos atletas e técnicos relacionada com a qualidade, disponibilidade e acessibilidade das infraestruturas de treinamento, resultou em índices considerados “razoável, baixo e muito baixo” na visão dos entrevistados, o que confirma a carência desse tipo de estrutura de qualidade no Brasil. A amostra da pesquisa englobou 83 técnicos, 11 dirigentes e 449 atletas. A figura abaixo confirma os resultados:



Figura 4 - Qualidade e disponibilidade/acessibilidade dos Centros de Treinamento (BOHME e BASTOS, 2012).

Outros resultados encontrados no estudo de Bohem e Bastos (2012) apontaram que os dirigentes disseram que a quantidade das instalações no país, tanto para treinamento como para competição são insuficientes, o que pode ser problemático à medida que:

Em países com sucesso esportivo internacional, geralmente é identificado uma rede de instalações com acessibilidade e qualidade essenciais para o treinamento e preparação de atletas, ao mesmo tempo em que essas estruturas esportivas dispõem de gama de serviços como, por exemplo: alojamentos de qualidade, treinadores, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, pesquisadores e serviços educacionais dentre outros (BOHME, BASTOS, 2012).

O próprio Tribunal de Contas da União (2011) admitiu que não existem Centros de Treinamento no país como os existentes em países de melhor resultado em competições internacionais. É importante a ressalva que, como já se passaram cerca de cinco anos deste relatório do TCU, cabe um estudo que garanta comprovação ou não dessa afirmativa na atualidade.

É evidente, segundo Teixeira et al. (2013), que as ações do Ministério do Esporte e das entidades esportivas no país são pautadas pelas urgências, ocorrendo de acordo com interesse dos seus gestores, em contraposição a princípios básicos da administração, como o Planejamento Estratégico, o qual está enraizado nas bases da gestão estratégica. Esta é definida como: "a estratégia, que é um plano para atingir objetivos a longo prazo e alocar recursos necessários para atingir esses objetivos" (CAMY, ROBINSON, 2007).

Como exemplo de carência de modelos de gestão adequados nos CTs do Brasil, temos o Centro de Alto Rendimento de Campinas (CEAR), que foi objeto de estudo de Schneider (2013). Apesar de ter como propósito o desenvolvimento máximo de atletas, o autor afirmou que "o CEAR não possui modelo nenhum de gestão implementado".

Quanto ao modelo de gestão sustentável, Koslowski (2013) concluiu que os CTs do Brasil não usam ou pouco usam perspectivas deste modelo, colocando-se numa questão de risco no que diz respeito à manutenção, principalmente após os Jogos Olímpicos de 2016, já que os recursos tendem a ser reduzidos em comparação ao período pré Olímpico. O mesmo estudo sugere que a grande maioria dos CTs brasileiros ainda possuem estruturas morosas, pouco eficazes e necessitam de atualização no sistema de gestão. Como meta, Koslowski (2013) propõe a gestão sustentável e profissional.

De acordo com Telles (2008) a instalação esportiva é caracterizada como sustentável quando estão previstos e assegurados recursos necessários à sua manutenção e operação contínua, de maneira que contribua com oportunidades futuras de esporte para todos e a integridade do ambiente natural onde se insere. Já a Agência Nacional de Sustentabilidade (2011) considera que "Instalação sustentável é aquela que permite aos gestores o alcance da eficiência operacional alinhada ao equilíbrio".

Quanto à gestão profissional, sua importância aparece cada vez mais em evidência, embora sua implementação não seja utilizada na mesma proporção nas instalações nacionais. De acordo com os resultados de Koslowski (2013), a maior parte dos gestores investigados nos Centros de Treinamento Olímpico Brasileiros possui outra atribuição além do gestor, fato que evidencia a gestão pouco profissional.

Em contrapartida, como parte da minoria, podemos perceber que existem CTs bem estruturados no Brasil, inclusive sendo referência internacional, que adotam modelo de gestão profissional, como é o caso do Centro de Treinamentos da Confederação Brasileira de Voleibol, em Saquarema, no Rio de Janeiro. Ele implantou um processo de gestão profissional desde 1997. Centrada em produtos e serviços de qualidade e excelência, na modalidade de voleibol, buscando constantemente adequar-se ao mercado de forma dinâmica e eficiente, fazendo com que efetivamente a modalidade brasileira se tornasse referência mundial (KOSLOWKI, 2013).

De acordo com Ribas (2013) o Centro de Desenvolvimento de Voleibol apresenta similaridade das instalações de treinamento do esporte de alto rendimento espanholas (CARD). Ademais, pode-se perceber que o voleibol adotou modelo de gestão centralizado, que é tendência de nações com sucesso esportivo internacional, já que o concentrou em Saquarema as instalações e os equipamentos esportivos necessários para o treinamento das seleções brasileiras de voleibol, em todas as suas categorias, promovendo mais integração entre as comissões técnicas e possibilitando mais interação entre os planejamentos (RIBAS, 2013).

Além dessas constatações feitas no cenário nacional, faz-se importante entender um pouco mais também do cenário internacional, já que em outras nações há modelos importantes e Centros que são referências internacionais. Assim, após contextualizar realidade do Brasil, trataremos um pouco acerca da realidade da infraestrutura esportiva mundial, a fim de estarmos mais embasados para a discussão do tema.

3.6 Centros de Excelência no mundo

Se no Brasil falta clareza quanto uma diferenciação e definição de tais instalações, há países em que se sabe muito bem quais os requisitos necessários para que as instalações se enquadrem conforme denominações que se têm. Na **Espanha**, por exemplo, há categorizações bem definidas, detalhadas e documentadas pelo Conselho Superior de Desporto (CSD) para que se tenha um Pilar estruturado referente à infraestrutura, sendo elas: Centro de Alto

Rendimento Esportivo (CARD), Centro de Excelência/Formação Esportiva (CTD) e Centro Especializado (CEAR) e Centro de Formação Esportiva Especializado (CETD).

Além da existência de base de dados, na Espanha há procedimentos de reconhecimento e reclassificação das instalações existentes. De acordo Vilanova et al. (2011) há 3 CARD, 15 CTD 6 CEARS e 23 CETD. Conforme o Conselho Superior de Desporto (2002), o primeiro e mais completo (CARD) é destinado a atletas e técnicos de alta performance, que disputam competições internacionais, caracterizando-se pela abrangência de âmbito nacional, para diferentes esportes de alto nível com instalações específicas para cada um.

O segundo (CTD) é destinado a atletas de alta e média performance que aspiram e estão próximos de ter condições para competir internacionalmente, caracterizando-se pelo âmbito territorial e caráter autônomo. Já o terceiro (CEAR) tem por especialidade apenas uma modalidade, possui caráter estatal e autônomo, atendendo às modalidades cujo treinamento não consta nos dois primeiros. Ribas (2013) esclarece que os trabalhos de caráter científico e de pesquisa e a gestão técnico-administrativa tendem a se concentrar nos CARD e CTD. Mesmo assim suas ações podem depender de uma instituição pública que preste esse tipo de serviço.

Finalmente, há os CETD, que desenvolvem uma modalidade esportiva com a formação de atletas, atuando fundamentalmente na localidade do Centro. Esses Centros são financiados principalmente pelas comunidades autônomas, locais ou outras entidades públicas cuja participação é acionaria ou de gestão.

Vilanova et al. (2011) contabilizaram que só de residências permanentes, os Centros regionais disponibilizam 2205 e os nacionais contabilizam 485. Além disso, verificaram que há uma norma de distribuição equitativa das instalações entre as diferentes comunidades autônomas e explicaram que na Espanha existem convênios entre Centros de Treinamentos e grandes Universidades, como a Politécnica de Madrid e Universidade Granada, sendo a organização das instalações considerada mista, pois é uma combinação entre a centralizada (nacional) e a descentralizada (regional).

Outrossim, Vilanova et al. (2011) constataram em seus estudos nos Centros espanhóis que para os atletas a maioria das instalações destinadas ao esporte de alto rendimento pode ser considerada boa (40%) ou muito boa (36%). As mesmas instalações na visão dos técnicos foram consideradas em sua maioria como razoável (43%), considerando muito boa apenas 8,5% e boas 28% deles. Esses resultados podem indicar maior criticidade de técnicos em relação aos atletas.

O mesmo estudo tratou acerca da acessibilidade e constatou que tanto técnicos quanto esportistas consideram a acessibilidade aos locais de treino, em sua maioria, razoável, sendo que uma parcela de 25% dos atletas gasta durante a semana seis ou mais horas com deslocamentos até os locais de treino. Os demais gastam uma quantidade de horas inferior a seis, o que seria o ideal.

Outro país de destaque no âmbito internacional no cenário das instalações esportivas é a **França**. De Bosscher et al. (2008) e Houlihan Green (2008), que fizeram estudos comparativos por meio do modelo *SPLISS* em diversas nações de êxito esportivo, afirmaram que na França há uma rede nacional eficiente de Centros de Treinamento Esportivo, destinado a atletas de diferentes níveis competitivos.

O principal Centro da França é o *INSEP* (*Institut National du Sport de l'Expertise et de la Performance*). Localizado em Paris, é destaque também pela sua história de longa data, tendo sua estrutura inicialmente montada em 1912. Em 1927 recebeu alguns jogos das Olimpíadas em 1937, e em teve militares treinando no local (WYLLEMAN). Em 1975, o local passou a se chamar *INSEP* (sigla em francês para Instituto Nacional do Esporte e da Educação Física). Nas Olimpíadas de Pequim, mais da metade (51%) das medalhas da França foram conquistadas por atletas formados no *INSEP* (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS DE MESA, 2012). O Centro é o local de treinamento da grande maioria dos esportes olímpicos da França.

Por lei, o *INSEP* tem como missões: participar no desenvolvimento da política nacional do desporto e da atividade física, particularmente no que diz respeito ao alto rendimento, dando toda a infraestrutura necessária para a preparação de atletas olímpicos e paralímpicos; contribuir para a proteção da saúde dos atletas e preservar a ética do esporte. Entre as atividades que são desenvolvidas no espaço destacam-se o treinamento e preparação de atletas, associada à formação acadêmica a contribuição pela tecnologia científica, médica e no campo da atividade física, incluindo a produção e disseminação do conhecimento na área de esportes de alto rendimento e a cooperação com instituições francesas e estrangeiras no campo da atividade física.

A Confederação Brasileira de Judô enviou recentemente atletas para fazerem preparação no *INSEP*. A comissão técnica que acompanhou o grupo considerou a instalação como excelente. O Instituto possui cerca de 30 polos espalhados pela França e mais de 600 atletas beneficiados.

Como parâmetro de quanto se investe nesta instalação, tem-se que o investimento anual em 2011 no local foi de cerca de 42 milhões de dólares. (CONFEDERAÇÃO

BRASILEIRA DE JUDÔ, 2013). Em 2010, de acordo com Wylleman et al. (2010), o investimento também havia sido elevado, avaliado em mais ou menos 40 milhões de euros.

Wylleman et al. (2010) obtiveram essa estimativa financeira por meio de um estudo de caso de cinco Centros europeus e um Centro austríaco, o último incluído devido ao destaque que vem ganhando na organização, resultados e serviços prestados. O estudo divulgado em 2010 não foi comparativo, mas descritivo. Para isso, foi elaborado um roteiro de investigação com dez características consideradas essenciais, muitas das quais também utilizaremos como balizamento para a nossa pesquisa 1. Status no universo do esporte de elite 2. Razões para existir 3. Localização Geográfica 4. Grupo alvo 5. Serviços de apoio fornecidos 6. Características físicas e de infraestrutura principais 7. Planos para expansão e melhorias 8. Financeiro 9. Utilização 10. Resultados dos atletas.

Após a pesquisa, os autores encontraram resultados bastantes expressivos advindos desse modelo de organização esportiva francesa. Wylleman et al. (2010) constataram que dois terços das medalhas conquistadas em Atenas (2004) vieram de atletas que atletas do *INSEP*. Já nos Jogos Olímpicos da China em 2008, das 40 medalhas da França, 21 foram conquistadas por atletas que foram ou são treinados nos polos (53%). E em Londres (2012), foram 19 das 34 medalhas de atletas vindos do *INSEP*. Resultados estes que corroboram para reconhecermos a importância da infraestrutura para se chegar ao pódio em competições internacionais.

Nesse sentido, segundo Amaral (2014), na França há uma nomenclatura que permite classificar em seis grandes categorias as instalações esportivas, sendo elas: piscina, quadra de tênis, terreno de grandes jogos, salas de prática coletiva, pequenos terrenos de acesso livre e outras instalações. A distribuição geográfica das instalações francesas também pode ser consultada no mesmo Atlas que estabelece as categorias, denominado *Atlas des Équipements Sportifs Français par Grandes Catégories*.

No Brasil, uma iniciativa semelhante ocorreu em 2004 quando, segundo Ribeiro (2006), foi iniciada a coleta de dados para o Atlas do Esporte no Brasil, o qual foi publicado em 2006. No entanto, não houve caracterização das instalações consideradas no estudo. De acordo com Amaral (2014), ainda não foi realizada classificação clara nem sistema de classificação definido dos espaços.

Outro país cujos estudos vêm se intensificando acerca das instalações esportivas é **Portugal**. Amaral et al. (2014) apresentaram a Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto vigente, que regulamenta as políticas de desenvolvimento do esporte em Portugal, prevendo a realização de uma Carta Desportiva Nacional. Esta, contém, entre outros

indicadores, dados da situação esportiva do país no que diz respeito às instalações esportivas, sendo o conceito de instalação esportiva definido pelo decreto/lei português nº 141/2009 como: “...o espaço edificado ou conjunto de espaços resultantes de construção fixa e permanente, organizados para a prática de actividades desportivas, que incluem as áreas de prática e as áreas anexas para os serviços de apoio e instalações complementares.”

Este decreto/lei apresenta as tipologias de instalações esportivas e suas definições, agrupando-as da seguinte maneira a) instalações esportivas de base (podendo ter como objetivo a recreação ou a formação esportiva); b) instalações esportivas especializadas ou mono disciplinares (destinadas especificamente a uma modalidade) e c) instalações esportivas especiais para o espetáculo esportivo (destinadas a realização de eventos e competições esportivas).

Há outro país de extrema relevância no âmbito do esporte internacional, sobre o qual discutiremos. Os **Estados Unidos** são os únicos que apresentam modelo de gerenciamento das instalações esportivas diferente dos apresentados anteriormente no sentido de não possuir financiamento estatal. Enquanto França, Espanha, Portugal, Brasil e vários outros países recebem utilizam tanto financiamento estatal como privado, de acordo com Ferreira (2010):

Os Estados Unidos é a única nação de todos os países pesquisados que não possui um órgão máximo esportivo governamental voltado para o esporte de alto rendimento. Esta função é assumida pelo Comitê Olímpico Americano (USOC). De uma forma geral, o estado desempenha um papel muito pouco relevante e o financiamento resulta majoritariamente de patrocínios e doações da iniciativa privada através de uma lei de isenção de impostos que data de 1950.

Com infraestrutura de alto padrão, nos EUA os principais Centros de Treinamento Olímpicos ficam em Colorado Springs, Chula Vista e Lake Placid. Sendo o de Colorado o principal sem interferência do Poder Público. Todos eles servem para desenvolvimento e são abertos ao público (RIBAS, 2013).

Ainda de acordo com Ribas (2013) há muitas modalidades atendidas por cada um desses centros. **Colorado Springs** dispõe de instalações esportivas para as modalidades de basquetebol, boxe, pentatlo moderno, tiro, triatlo, voleibol, esgrima, ginástica, judô, natação, levantamento de peso e luta, e ainda, seis ginásios de esporte.

O diretor do Centro de Treinamento Olímpico de Colorado Springs McGuire (PORTAL BRASIL, 2014), destaca a importância de contar com um centro que reúna atletas

de modalidades diferentes no mesmo ambiente, como ocorre em Colorado Springs. De acordo com ele, a conveniência é fator determinante para o desenvolvimento dos atletas de alto rendimento. O fato de ter todos os serviços em um só lugar poupa energia e evita que os atletas encontrem distrações. Conforme Portal Brasil (2014), McGuire afirma que:

“Tem um impacto muito positivo e afeta o corpo dos atletas. A conveniência para eles é crítica. Se você mora em um lado da cidade e tem que dirigir uma hora para treinar, outra hora para comer e mais outra para voltar, são três horas em que você poderia estar recebendo uma massagem ou descansando numa banheira de gelo”, exemplificou o norte-americano.

Já o Centro de Treinamento Olímpico dos Estados Unidos, em **Chula Vista**, na Califórnia, possui instalações esportivas e instalações de apoio para as seguintes modalidades: arco e flecha, vôlei de praia, BMX, canoa/caiaque, ciclismo, hóquei em campo, remo, rúgbi, futebol, *softbol*, tênis, atletismo, triatlo e esportes de inverno.

E há o Centro Olímpico de Treinamento, em **Lake Placid** (LPOTC), Nova York, que atende às modalidades: biatlo, *bobsled* e *skeleton*, patinagem artística, hóquei, *luge*, *ski* e *snowboard* e *speedskating*, arco e flecha, atletismo, badminton, boxe, canoagem/caiaque, ginástica rítmica, remo, nado sincronizado, handebol, triatlo, vôlei, polo aquático, levantamento de peso e luta.

Haveria outros países que mereceriam uma breve explanação acerca da infraestrutura (Alemanha, Rússia, Reino Unido, China, etc.). Mas gostaríamos de esclarecer que optamos por descrever apenas alguns deles, seja pela evidência e frequência com que são encontrados na literatura (**espanhóis**), seja pelas pesquisas recentes realizadas nas instalações encontradas na literatura (**Portugal**), seja pelo modelo consagrado e reconhecido internacionalmente (**Estados Unidos**) ou pelo longo período de existência (**modelo francês**). Em outra oportunidade, pretendemos investigar a infraestrutura de outras nações, que não abordadas neste estudo, mas que obtêm êxito devido à política e organização.

Somados ao Brasil, temos contextualizado o cenário de infraestrutura esportiva de cinco importantes países no cenário do esporte mundial. Adiante, discutiremos de que maneira o Brasil está se preparando a fim de se aproximar de alguns desses e de outros modelos esportivos de sucesso como da China, Rússia e Alemanha, que de acordo com o Tribunal de Contas da União (TCU) também possuem Centros de Treinamentos nos quais o Brasil pode se espelhar.

A fim de discutir como o Brasil está buscando essa aproximação com modelos de êxito esportivo, abordaremos adiante questionamento como: de que maneira está interligando suas instalações (Rede Nacional de Treinamento); quanto tem investido regularmente no esporte e em programas e planos esportivos (Plano Brasil Medalhas); como está se comunicando com Universidades para contribuir com o esporte de alto rendimento (CENESP); que importância vem atribuindo à iniciação esportiva e ao esporte de base (CIES); se o país caminha para uma normatização/padronização das instalações esportivas existentes; como vem sendo distribuído os espaços esportivos no território - se de maneira centralizada ou descentralizada; se o planejamento vem sendo feito por longo prazo ou de forma emergencial (Olimpíadas no Rio 2016); enfim, abordaremos essas e outras discussões, atuais e pertinentes às vésperas das Olimpíadas no Brasil.

3.7 Esporte de alto rendimento no Brasil: aproximações e distanciamentos

O Brasil tem tido algumas iniciativas no sentido de pertencer a um lugar de destaque no ranking das próximas Olimpíadas. Embora estudos mostrem que os países sede costumam obter resultados melhores por promoverem o evento, como ocorreu com Austrália (2000), Grécia (2004), China (2008) e Inglaterra (2012), talvez no Brasil possa acontecer diferente (BOHME; BASTOS, 2012).

É notório que há iniciativas positivas que podem possibilitar que o Brasil melhore seu desempenho nos Jogos Olímpicos e ganhe representatividade no âmbito do alto rendimento. Mas ainda que existam aproximações do que vem sendo feito no Brasil em comparação ao que vem sendo feito em países de alto "Índice de Desenvolvimento Esportivo", certamente também há distanciamento em alguns aspectos. Ademais, é preciso entender que muitos projetos podem sugerir essa aproximação, mas dependerá da execução do projeto para que se configure como bem sucedido. Um projeto mal gerido, ainda que altamente qualificado na teoria, pode não atender às expectativas na prática.

Um exemplo de projeto que parece contribuir para o desenvolvimento do esporte de rendimento nacional se bem executado é a **Rede Nacional de Treinamento**. Criada por meio da Lei Federal 12.395, ela visa propiciar aprimoramento e intercâmbio para técnicos, árbitros, gestores e outros profissionais do esporte.

Rede Nacional de Treinamento



Figura 5 – Pirâmide que ilustra a Rede Nacional de Treinamento

Seu início seria por meio do atletismo, que ganharia várias pistas e Centros de Treinamento em todo o país, em parceria do governo federal, estadual, prefeituras, Universidades, Confederação Brasileira de atletismo e clubes. Uma vez que seja colocada em prática a Rede pretende se alastrar para outras modalidades.

Este pode ser considerado um projeto nacional de desenvolvimento do esporte de alto rendimento, desde a base até o nível olímpico que se apoia na aplicação das Ciências do Esporte, com bastante chance de dar certo se bem administrado. De acordo com o TCU (2011), foi no momento em que a Secretaria de Alto Rendimento (SEAR) reconheceu por meio de auditoria "inexistência de sistema de encaminhamento de talentos" planejamento e alocação de recursos do SEAR, que se sugeriu a criação desta Rede, a fim de que o Brasil se torne potência esportiva a médio e longo prazo.

Como objetivos da Rede Nacional de Treinamento têm-se: 1. Interligar e alinhar Centros de Treinamento nacionais, regionais e locais 2. Desenvolver e disseminar métodos de treinamento esportivo 3. Desenvolver e aplicar ciência e medicina do esporte 4. Capacitar profissionais e expandir conhecimento esportivo 5. Detectar, desenvolver e aprimorar talentos esportivos 6. Preparar atletas desde a base até a ponta 7. Proporcionar encadeamento de

carreira ao atleta 8. Modernizar instalações esportivas para treinamento e competição 9. Viabilizar materiais e equipamentos adequados a cada fase de preparação do atleta 10. Desenvolver o esporte de alto rendimento, de forma articulada e integrada.

O Ministério do Esporte afirma que a Rede em questão está em vigor, mas, conforme alertado anteriormente, ainda que haja a intenção de desenvolvimento do esporte de alto rendimento por meio dela e que se tenham objetivos claros a ser alcançados, não é certo se na prática isto está acontecendo conforme denota a teoria. Inferimos isso também devido às diversas e diferentes definições e novas denominações que se têm com o passar dos anos as instalações esportivas nacionais, apontando uma possível falta de padronização dos nomes e discernimento entre os diferentes espaços; falta de critérios claros do que deve conter nesses locais referentes a recursos físicos e humanos e gestão não profissional de algumas delas.

Nota-se, portanto, que os Centros de Treinamento brasileiros possuem pontos comuns e que muitos tenham diferença no nome, mas não nos objetivos e no conceito. A falta de uma denominação comum pode advir da falta de detalhamento ou mesmo entendimento. De acordo com Filho e Bohme (2014) apesar da existência de programas e projetos, pouca informações são divulgadas sobre o seu impacto no cenário esportivo nacional.

Mesmo que sem critérios claros do que se pretendem com os diversos Centros voltados para o rendimento existentes no Brasil, há intenção de centralizar nesses espaços atletas de alta performance, oferecendo excelência em instalações e serviços e meios técnicos, conforme informações fornecidas pelo Ministério do Esporte.

Além da Rede Nacional de Treinamento, outra iniciativa importante do Ministério do Esporte foi a criação Rede CENESP, com intenção de que os Centros de Excelência do Brasil fossem ligados às Universidades públicas brasileiras. Como proposição, foi sugerida a implantação da CENESP em 1995, por intervenção do Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto (INDESP) do Ministério Extraordinário dos Esportes. No entanto, os dados existentes atualmente no site do Ministério do Esporte acerca da CENESP não estão atualizados, o que não garante que esteja vigorando conforme projeto.

Este, a propósito, é um tópico em que é nítido o distanciamento do Brasil em relação a outros países, como Espanha e EUA, por exemplo, os quais possuem fortes vínculos entre o esporte de alto rendimento, instalações esportivas e Universidades. A Rede CENESP parece não demonstrar ter alcançando eficiência potencial que teria nos últimos vinte anos, embora ainda vigore e tenha contribuído com o esporte nacional em diversos aspectos.

Os Centros de Iniciação ao Esporte (CIE), também são uma iniciativa recente do Ministério do Esporte do Brasil que se preocupa com o esporte de base. Os CIES, que foram

citados anteriormente, vão ao encontro da literatura que defende que é da base que se inicia um programa, que como consequência, poderá preparar atletas para competir em alto nível; e que existe correlação entre quantidade de crianças e adolescentes envolvidos com esporte de base com o sucesso da modalidade no alto rendimento (DE BOSSHER et al. 2008; HOULIHAN E GREEN, 2008).

A integração entre iniciantes esportivos e atletas de rendimento é comum em instalações de diversos países desenvolvidos no esporte (Estados Unidos, Reino Unido, China, Alemanha, Rússia, França, Austrália, Itália). No Brasil passou a ser mais disseminada com a implantação de projetos como o dos CIES. Essa iniciativa também é válida, no sentido de os mais novos se "espelharem" nos profissionais e terem o sonho de, no futuro, ser atletas como eles, percorrendo caminhos que os levem a isso. Vale ressaltar que as modalidades disponibilizadas em cada unidade serão definidas pelos governos municipais, os quais irão arcar, além de com custeio, com a contratação de profissionais.

No que tange os investimentos em infraestrutura, o Brasil adota um modelo em que há investimentos públicos e investimentos privados, comumente utilizados pela maioria dos países, exceto pelos EUA.

No tocante aos investimentos nas modalidades brasileiras para a preparação das Olimpíadas de 2016, percebemos que as modalidades com mais chance de medalha são aquelas que mais atraem investidores. Segundo Teixeira et al. (2013), no ciclo das Olimpíadas de Londres, 2012, ocorreu da mesma maneira, as modalidades como voleibol, judô, atletismo, handebol, desportos aquáticos e basquetebol foram privilegiadas em detrimento a outras modalidades com menos visibilidade, como levantamento de peso, taekwondô e badminton. Dessa forma, aquelas que já têm patrocínio continuam a atrair ainda mais, e as que têm poucos ou nenhum, continuam sem chamar atenção dos patrocinadores.

Ainda a despeito do Aporte Financeiro (Pilar 1), uma iniciativa em vistas a investimento adicional de 1 bilhão de reais foi implantada com o **Plano Brasil Medalhas**. Este surgiu por meio de uma proposta de gestão integrada do Ministério do Esporte, Confederações, Comitê Olímpico e Paralímpico e Empresas Estatais. Para sua execução, o COB estabeleceu o parâmetro meritocrático, através do qual é acentuada a hegemonia de algumas modalidades, que por terem mais chances de medalhas, são o principal destino dos investimentos.

Lançado pela presidenta Dilma Rousseff e pelo ex-ministro do Esporte, Aldo Rebelo, em setembro de 2012, o Plano representa um novo patamar de investimentos no esporte visando à preparação de nossos atletas olímpicos e paralímpicos para os Jogos do Rio

de Janeiro em 2016. A meta do Plano Brasil Medalhas é que o Brasil esteja classificado, pela primeira vez em sua história, entre os dez melhores da competição. Já para os Jogos Paralímpicos o objetivo é que o país encerre a participação entre os cinco primeiros.

Entre 2013 e 2016, o Plano Brasil Medalhas promete contemplar o investimento de R\$ 1 bilhão no esporte. Do total, cerca de R\$ 310 milhões serão destinados aos Centros de Treinamento, visando: 1. Estruturação desses centros para aquisição de equipamentos 2. Aquisição de materiais e equipamentos esportivos 3. Contratação de equipe técnica e multidisciplinar que atenda essas instalações. O investimento dar-se-á em vários Centros de Treinamento de modalidades olímpicas e um Centro de modalidades paraolímpicas.

De acordo com informações do Blog do Planalto (2014) o investimento estimado de 310 milhões superou as expectativas chegando a R\$ 661 milhões destinados (R\$ 473 milhões do governo federal e R\$ 188 milhões de contrapartidas) com a entrega do CT de Judô em Lauro de Freitas na Bahia. Desta mesma fonte se tem informações que há duas finalidades para o investimento deste Plano nos CTs: uma é contribuir com a reta final da preparação das equipes para o Rio 2016 e outra servir como legado para o esporte brasileiro nos próximos ciclos olímpicos.

Alguns CTs foram entregues 2014, outros em 2015 e outros, serão em 2016. Portanto, nem todos serão usados no processo de preparação dos atletas para os Jogos Olímpicos de 2016. Os que ficarem prontos às vésperas dos Jogos serão usados, portanto, apenas para receber os atletas e sediar os Jogos. De acordo com informações do Portal Rio 2016 esses Centros estarão em pleno funcionamento visando os Jogos Olímpicos de 2020.

De acordo com as diretrizes do Plano as 21 modalidades Olímpicas que receberam investimento do Plano Brasil Medalhas são: águas abertas (maratona aquática), atletismo, basquetebol, boxe, canoagem, ciclismo BMX, futebol feminino, ginástica artística, handebol, hipismo (saltos), judô, lutas, natação, pentatlo moderno, taekwondô, tênis, tiro esportivo, triatlo, vela, vôlei e vôlei de praia; e as modalidades paralímpicas atendidas serão: atletismo, bocha, canoagem, ciclismo, esgrima em cadeiras de rodas, futebol de cinco, futebol de sete, *goalball*, halterofilismo, hipismo, judô, natação, remo, tênis de mesa e voleibol sentado.

Este estudo contemplou percorrer grande parte dos Centros de Treinamento das modalidades que receberam os investimentos. Além deles, também foi visitado o Centro de Alto Rendimento de Campinas (CEAR), no qual foi realizado o estudo piloto.

Desde 2012, quando o Plano foi lançado, não se divulgou muitas informações acerca dele. Isso dificultou com que identificássemos exatamente em que e aonde se foi investido nesse período. Logo, em alguns dos Centros visitados, constatamos que o

investimento foi na infraestrutura, em outros, em bolsas e auxílios a atletas e em outros na equipe técnica e multidisciplinar. Ocorreu, em alguns casos, de os gestores negarem ou desconhecerem de que forma o Plano implicou diretamente nas modalidades que geriam.

O mapa 1 é baseado na apresentação do Plano Brasil Medalhas divulgada no site do Ministério do Esporte e nas informações do site Portal Brasil 2016 referentes à infraestrutura. Ele ilustra aonde se localizam os principais Centros que atenderão as modalidades previstas para que recebam os investimentos adicionais referentes ao Plano.

Como poder-se-á notar, fica evidente que a maioria das modalidades serão atendidas na região Sudeste, especialmente na cidade sede das Olimpíadas, o Rio de Janeiro, e em São Paulo. Há Centros de SP e do RJ que atendem mais de uma modalidade, fazendo com que mais da metade das modalidades Olímpicas concentrem o treinamento nessa região.

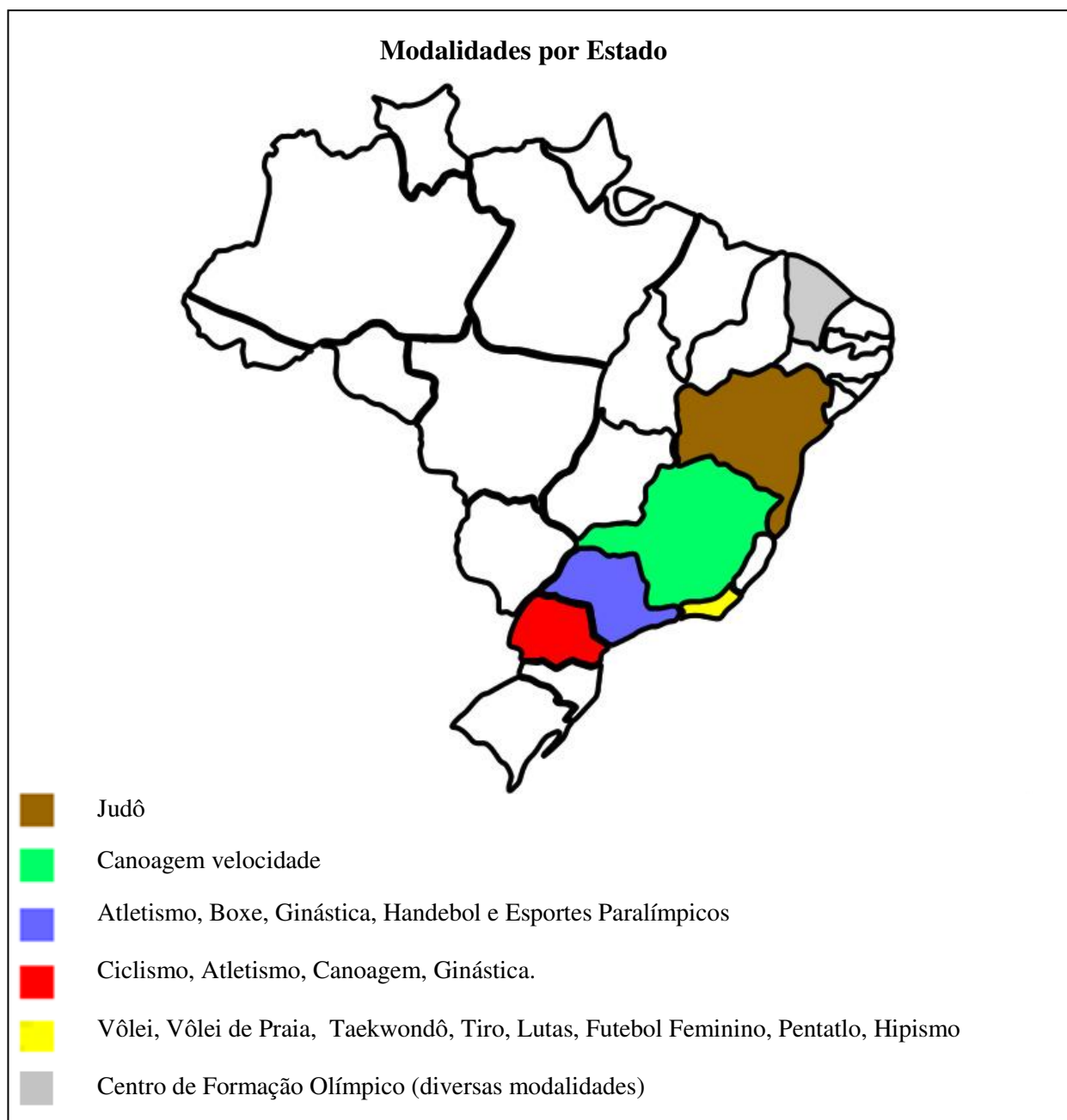
Em contrapartida, um dos principais Centros atendidos pelo Brasil Medalhas, o de Formação Olímpica foi construído em Fortaleza, no Ceará. De acordo com o ex-ministro Aldo Rebelo a implantação do Centro no Ceará:

"tem a finalidade de transmitir a ideia de que os grandes eventos têm que ter o projeto de nacionalização dos seus efeitos benéficos no Brasil. A Olimpíada não pode ser a Olimpíada de apenas uma cidade. Nós queremos que o Brasil inteiro se beneficie com esses eventos. Como legado esportivo, nós estamos fazendo dessa obra aqui o mais importante investimento em um equipamento do governo federal e do Ministério do Esporte" (PORTAL BRASIL, 2014).

Da mesma maneira, o Centro Pan-americano de Judô estar localizado em Lauro de Freitas, na Bahia, se justifica, de acordo com o ex-ministro, na medida em que:

"É uma forma de descentralizar o legado e o projeto de construção dos centros de treinamento de alto rendimento no Brasil". (BLOG DO PLANALTO, 2014)

Abaixo, o mapa ilustrativo da localização dos Centros de Treinamento, cujas modalidades, por terem chances reais de medalhas nas Olimpíadas de 2016, receberam apoio do Plano Brasil Medalhas:



Mapa 1 - Localização dos Centros de Treinamento com as respectivas modalidades que serão atendidas pelo Plano Brasil Medalhas.

Em meio a esse cenário de programas, projetos, investimentos e planos visando contributo para desenvolvimento do esporte de alto rendimento no Brasil, alguns pontos estão sujeitos a serem problematizados. Como mencionamos anteriormente, segundo Mazzei et al. (2010) não existe na legislação esportiva brasileira atual nenhuma referência específica quanto ao papel do Estado na construção e manutenção dos CTs, tampouco requisitos necessários definidos para classificação de uma estrutura com esta finalidade.

Já De Bosscher et al. (2009) problematizam o fato que medidas de desempenho baseadas em medalhas ignoram conjunto de resultados de um programa de esporte de elite. Também Athayde et al. (2013) afirmam que quando o interesse que prevalece é ampliação do número de medalhas, o pragmatismo pode se materializar na ausência de continuidade na promoção dessas modalidades caso seus atletas frustrem a expectativa.

Nesse sentido, o Plano adotado pelo Brasil, intitulado Brasil Medalhas, vai de encontro à literatura, à medida que o investimento de cerca de um bilhão de reais adicionais no esporte visa que o país ganhe medalhas atingindo uma classificação nas Olimpíadas de 2016 em posição ainda não alcançada em edições anteriores. Os autores supracitados sugerem que haja um modelo que meça eficiência e eficácia organizacional e não só o resultado.

A despeito dos impactos que os Jogos Olímpicos podem trazer, Villano e Hubnet (2013) afirmam que as consequências dos impactos podem ser tanto positivas quanto negativas; já a natureza dos legados será sempre positiva. O legado está atrelado ao uso que se faz das novas circunstâncias apresentadas, sejam elas definidas pelas novas instalações ou pelo conhecimento que se gerou. O COI (2011) em seu Guia Legado Olímpico (2011) elenca cinco áreas principais referentes aos legados: Legado Econômico, Legado Social, Legado Ambiental, Legado Urbano e Legado Esportivo. Interessante entender que as três primeiras áreas são base para o desenvolvimento sustentável, e as duas últimas são caracterizadas pelos grandes investimentos das cidades sede e dos comitês organizadores.

Finalmente, percebemos que não é só no detalhamento e discernimento do que se tem em termos de infraestrutura que o Brasil deixa a desejar em relação outros países. A literatura produzida também é deficitária. Estudos sobre essa temática são ínfimos, o que contribui para uma dificuldade ainda maior de colocar o tema em debate. Há estudos aprofundados sobre Centros de Treinamento de Alto Rendimento na França, Alemanha, Espanha (WYLLEMAN, 2010), Estados Unidos (OAKLEY e GREEN, 2001), Portugal (AMARAL, 2014) e em outras nações, que não só descrevem como inferem melhorias e pontos fortes e fracos.

No Brasil, os estudos são mais recentes que nos países citados e passaram a ser mais frequentes com o grupo de pesquisadores que se envolveram com modelo de investigação *SPLISS* (MAZZEI, 2011; AMARAL, 2014; MEIRA, 2008; BASTOS, 2006).

4. METODOLOGIA

4.1 Tipo da Pesquisa

Quanto aos fins, trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, que visa a elucidação do fenômeno e a verificação da hipóteses referente aos Centros de Treinamento esportivos do país destinados ao esporte de alto rendimento. Quanto aos meios, a pesquisa foi bibliográfica e de campo. Houve busca da fundamentação teórico metodológica em livros, artigos e trabalhos publicados.

Através desta pesquisa buscou-se obter dados qualitativos e quantitativos por meio de diferentes instrumentos de observação e registro (VASCONCELOS, 2007). De acordo com Thomas et al. (2007) a pesquisa qualitativa pode empregar análises quantitativas e estudos com métodos mistos têm se tornado comuns e aceitos.

Foi utilizada documentação direta e indireta. Os dados foram levantados no próprio local em que os fenômenos ocorreram, o que implica utilização de documentação direta, segundo definição de Marconi e Lakatos (2003) sobre essa forma de realização de trabalho. Por meio das observações não participantes, diários de campo, imagens e vídeos, entrevistas e questionários buscamos obter informações acerca do problema a ser investigado (CHIZZOTI, 2003). Foi feita categorização dos dados coletados e análise de conteúdo a partir do estabelecimento de três categorias (BARDIN, 2004), sendo elas: 1. Infraestrutura Física e Equipamentos 2. Recursos Humanos: Equipe Técnica e Multidisciplinar 3. Atletas e Estrutura Organizacional.

E utilizamos documentação indireta, por meio de pesquisa documental que permitiu a contextualização do fenômeno estudado e embasamento sobre temas importantes da área das Ciências do Desporto, além de pesquisa bibliográfica a fim de contextualizar a relevância do tema para os cenários esportivo nacional e internacional.

4.2 Amostra e *locus* da pesquisa

Trata-se de uma amostra não-probabilística, sendo que a seleção foi feita a partir de um procedimento informal, definida conforme as características da pesquisa (SAMPIERI et al., 2006). Utilizamos amostragem intencional, que de acordo com Martins (2007)

corresponde à escolha de um grupo a partir de um determinado critério, do qual se deseja saber a opinião.

Foram realizados contatos com a administração dos Centros de Treinamento. Nesse contatos buscou-se identificar a pessoa responsável, conforme sugere Peiró (1998). Houve cerca de quinze contatos, com duas negativas e três nos quais não obtivemos retorno. Nos dez que retornaram, sendo um deles o CT em que faríamos o estudo piloto, deu-se andamento na conversa até que agendássemos uma data na qual o responsável pudesse nos receber. Portanto, visitamos um Centro no estudo piloto e outros nove na pesquisa em si.

No momento das visitas, houve algumas dificuldades pontuais no sentido de que a pessoa mais adequada respondesse à entrevista. Nestes casos ela foi repassada para alguém de cargo parecido ou semelhante. De acordo com Peiró (1998), tais limitações encontradas para constituição da amostra realmente podem ocorrer.

Outras dificuldades encontradas foram trâmites burocráticos referentes às autorizações para que fizéssemos as visitas. O retorno da autorização (Apêndice XI) para visita por parte dos gestores nem sempre era enviado no prazo que gostaríamos. Ainda assim, tudo foi resolvido e a amostra final nos permitiu realizar as investigações pretendidas.

Acrescentamos, por fim, que um dos Centros visitados apresentou algumas características um pouco diferentes dos demais por ser um Centro de avaliação de atletas. O Núcleo de Alto Rendimento (NAR, Santo Amaro-SP) foi uma possibilidade que surgiu no decorrer do estudo, já que ficava ao lado do Centro de Treinamento de Boxe e ia ao encontro do que buscávamos no tocante à pesquisa científica aplicada à prática. Entendemos, assim, que seria interessante também uma investigação neste local.

Foram considerados participantes da pesquisa os gestores/dirigentes que atuam em oito Centros de Treinamento voltados para o alto rendimento, cujas modalidades atendidas têm expectativas de conquistar medalhas nas Olimpíadas de 2016, já que foram referenciados pelo Ministério do Esporte ao traçar os investimentos que seriam feitos pelo Plano Brasil Medalhas. Esclarecemos que nem todos foram beneficiados diretamente no tocante à infraestrutura por este Plano, conforme pudemos constatar no momento da resposta das entrevistas e dos questionários pelos gestores.

Pode-se notar que houve a análise de oito e não nove entrevistas e questionários. Isso porque em um dos Centros visitados (de Handebol em São Bernardo-SP) não foi possível aplicação do instrumento visto que não havia nenhum gestor no local no dia da visita pelo motivo de o espaço ainda não estar em funcionamento, apesar de as obras estarem quase ou totalmente concluídas.

Importante esclarecer também que o nome dos cargos que os gestores ocupam pode variar, sendo o nome Coordenador de Equipamentos Esportivos o mais utilizado (AMARAL, 2014). De acordo com a autora, além desta denominação, outras que aparecem são: Gerente de Esportes, Coordenador de Esportes e Coordenador, Supervisor de Esporte, Assistente Técnico, Animador Sócio Cultural, Coordenador de Projetos de Esporte e Lazer, Supervisor de Programação e Eventos, Coordenador de Esportes Jr., Gestor de Esporte, Coordenador de Núcleo de Esporte e Lazer, Coordenador de Ação de Esporte e Lazer, Assistente Administrativo e Encarregado Técnico.

A partir das denominações encontradas por Amaral (2014), que estudou recentemente 76 gestores esportivos do Estado de São Paulo, levaremos em consideração para fins de aplicação de questionário e entrevista semiestruturada os profissionais que se enquadrarem nessas denominações, seguindo a ordem supracitada, que confere com a ordem dos nomes que são mais utilizados.

Abaixo, seguem os centros visitados, com suas respectivas localizações:

Centro de Treinamento	Localização
1. Centro de Treinamento de Alto Rendimento (CEAR) - Piloto	Campinas, SP
2. Centro de Desenvolvimento do Voleibol Brasileiro (CDV)	Saquarema, RJ
3. Centro Pan-americano de Judô	Lauro de Freitas, BA
4. Centro de Treinamento de Boxe	Santo Amaro, SP
5. Núcleo de Alto Rendimento (NAR)	Santo Amaro, SP
6. Centro de Treinamento Time Brasil (Lutas/Natação/Judô)	Deodoro, RJ
7. Centro de Atletismo (Arena Caixa)	São Bernardo, SP
8. Centro de Treinamento de Canoagem Slalom	Foz do Iguaçu, PR
9. Centro de Desenvolvimento do Handebol	São Bernardo, SP
10. Centro de Ginástica Artística	São Bernardo, SP

O Centro número 1 foi cenário para realização do estudo piloto. Escolhido por atender as especificações do que se pretende investigar, sendo intitulado de excelência e tendo recebido recentemente investimentos para atender o alto nível esportivo. Considerou-se como critérios de inclusão para escolha dos Centros visitados: contemplar modalidades indicadas

pelo Ministério do Esporte para receber investimentos do Plano Brasil Medalhas e atender atletas de seleções brasileiras. Já quanto aos critérios de exclusão: estar em fase de construção e não contemplar o esporte de alto rendimento.

4.3 Aspectos éticos da pesquisa

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, sob o número do parecer 1.314.455 (Anexo III).

Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice X), o qual assegurou o anonimato dos mesmos.

4.4 Instrumento

Para obtenção dos dados foi aplicado questionário e entrevista semiestruturada junto a gestores e dirigentes das instalações esportivas. O instrumento foi reformulado após realização do projeto piloto. No piloto existia uma entrevista semiestruturada com quinze questões. O novo instrumento foi contemplado com entrevista semiestruturada e questionário, abrangendo perguntas relacionadas às três categorias que serão usadas na análise dos dados: 1. Infraestrutura Física e Equipamentos, 2. Recursos humanos: Equipe Técnica e Multidisciplinar, 3. Atletas e Estrutura Organizacional.

A entrevista teve enfoque nas categorias 2 e 3 e o questionário, além destas duas categorias, teve várias questões que abordaram a categoria 1.

Foram 30 perguntas no questionário e 10 perguntas na entrevista. O instrumento foi elaborado a partir de três pilares. O primeiro deles diz respeito à pesquisa bibliográfica, que trouxe dados e temáticas que seriam relevantes de serem investigados (como modelo de gestão amadora e profissional, padrões de excelência esportiva, Centros de Treinamento no Brasil e no Mundo, entre outros).

O segundo pilar que contribuiu para a elaboração do instrumento foi o modelo de investigação do esporte de excelência das nações intitulado *SPLISS*. Diversas questões abordadas no modelo foram contempladas no questionário, mais especificamente as relacionadas às instalações esportivas e sua relação com o sucesso esportivo internacional de uma nação.

Finalmente, o terceiro pilar que sustentou a elaboração do instrumento foi a execução do projeto piloto. Como visto, inicialmente, tínhamos apenas um modelo de

entrevista semiestruturada a ser aplicada com os gestores e/ou dirigentes. Após aplicação desta no projeto piloto, vimos a necessidade de fazer adaptações para que obtivéssemos as respostas que precisávamos por meio de algumas questões mais direcionadas. Para tanto, mantivemos algumas questões e adaptamos outras a fim de lapidar o instrumento.

As informações que buscamos obter dos profissionais que atuam nos CTs por meio do questionário e da entrevista semiestruturada, diziam respeito ao perfil de cada um: função, formação, experiência profissional e considerações sobre a instalação na qual trabalham. Dos atletas e equipe técnica que frequentam esses ambientes, investigamos quem são e como são selecionados e encaminhados para treinar em tais ambientes. Acerca da infraestrutura física, a investigação deu-se nos equipamentos, instalações, padrões oficiais e ambientes multidisciplinares.

Para o cumprimento deste trabalho também foi realizada observação não participante através da captura de imagens e vídeos e elaboração dos diários de campo. Por meio deles buscou-se identificar coerência entre fala dos gestores e respostas dadas no questionário. As anotações feitas nos diários permitiram confrontar os dados e fazer alguns apontamentos. Além de serem registrados no diário de campo, os registros da infraestrutura física foram realizados através de imagens (fotos) e filmagens. A rotina de um dia de utilização dos espaços foi investigada e anotada.

4.5 Procedimento de coleta e análise dos dados

A aplicação do questionário e da entrevista ocorreu de forma presencial juntamente com a visita aos Centros de Treinamento, tendo sido realizada após o projeto piloto, que permitiu lapidar o instrumento, revisar categorias elaboradas para análise de dados e direcionar os questionamentos das entrevistas e questionários.

Feito isso, buscamos obter autorização para as visitas junto aos gestores dos CTs e/ou membros das Confederações responsáveis pelas modalidades e, em seguida, foi feito agendamento prévio para visitar as instalações em um dia e horário em que pudssemos ser recebidos pelos gestor e/ou dirigente. Os participantes foram informados e esclarecidos a respeito dos objetivos do estudo apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice III), conforme Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas ao qual o projeto foi submetido.

Além de aplicar o questionário e a entrevista, foi elaborado diário de campo e feitas fotos e filmagens pelo pesquisador com anotações acerca de infraestrutura. Isto foi feito

por meio de observação não participante e em alguns casos o foi solicitado ao gestor documentos que dessem mais detalhes dos itens a ser observados, por meio de documentos impressos ou arquivados em meio digital. Com as imagens e vídeos coletados pode-se documentar e ilustrar o que for constatado referente à infraestrutura. De cada Centro foi elaborado um texto narrativo e um vídeo.

Os vídeos elaborados possibilitam uma apresentação didática e ilustrativa daquilo que foi observado, de maneira a contribuir para se ter um diagnóstico dos CTs do Brasil como proposto nos objetivos do estudo. A linguagem utilizada nos textos narrativos foi coloquial no intuito de apresetar os ambientes de maneira clara e sucinta. A narrativa dos vídeos foi apresentada no corpo do texto no tópico em que são apresentados os Centros visitados (tópico 5.1).

Ademais, foi feita uma análise descritiva dos dados coletados e uma análise de conteúdo. A análise de conteúdo é entendida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 2004). Dados obtidos por meio do questionário e entrevista semiestruturada foram divididos em três categorias para análise, sendo elas 1. Infraestrutura Física e Equipamentos; 2. Recursos Humanos: Equipe Técnica e Multidisciplinar e 3. Atletas e Estrutura Organizacional.

As entrevistas semiestruturadas foram transcritas na íntegra e interpretadas de acordo com seu conteúdo. Os questionários foram analisadas, algumas respostas foram quantificadas e outras analisadas qualitativamente.

Dessa forma, a partir da descrição, interpretação e da tabulação dos dados obtidos com a pesquisa de campo, observacional, com registro de imagens e com aplicação de questionários e entrevistas, buscou-se traçar o perfil dos gestores e conhecer quem são os técnicos, atletas e equipes multidisciplinares nos ambientes investigados, assim como verificar itens relevantes à estrutura organizacional e física dos Centros.

4.6 Limitações e delimitações da pesquisa

A pesquisa foi realizada em dez Centros de Treinamento Esportivo, sendo um deles visitado durante a fase do projeto piloto (Apêndice XII). Apesar da busca por Centros que recebessem apoio do Plano Brasil Medalhas, houve alguns que, de acordo com o site do Ministério do Esporte, estariam recebendo incentivos deste Plano na infraestrutura, porém de acordo com a fala dos gestores no momento da entrevista, isso não ocorria.

Desta forma, não se pode afirmar que todos os Centros visitados receberam ou não verba do Plano Brasil Medalhas, mas pode-se dizer que as informações referentes ao Plano expostas no site do Ministério foram o ponto de partida para a delimitação dos locais a serem visitados.

Apenas um dos locais visitados, sem contar o CEAR que foi utilizado no estudo piloto, não foi referenciado no site do Ministério do Esporte já que se trata de um Centro de Avaliação Esportiva e caminha independente do Ministério. Trata-se do Núcleo de Alto Rendimento (NAR), localizado em Santo Amaro. Foi incluído no estudo por tratar da excelência esportiva em um espaço muito semelhante ao que pretendíamos encontrar no âmbito da pesquisa científica aplicada ao esporte.

Ademais, percebeu-se que o investimento do Plano Brasil Medalhas, pelo menos em teoria, teria preocupação maior com as modalidades com mais chances de ter medalhas. Assim, inferimos que foram visitados os ambientes de modalidades que possuem expectativa no quadro de medalhas para o Brasil nas Olimpíadas de 2016 (vôleibol, judô, ginástica artística, atletismo, handebol, natação, canoagem, boxe e vôlei de praia).

A falta de informações atualizadas sobre o Plano referenciado anteriormente, também contribuiu para dificuldades em analisar exatamente quais Centros, modalidades e atletas seriam beneficiados pelo mesmo.

Ainda que o estudo estivesse de acordo com as normas do Comitê de Ética e Pesquisa e tivesse sido aprovado por ele (Anexo III) não obtivemos autorização de todos os Centros pretendidos para visita neste momento. O Centro de Treinamento Futebol da Granja Comary, o Centro de Ginástica Artística de Curitiba, por exemplo, não permitiram visita neste momento, quer seja por normas da instituição, ou por treinamentos específicos visando Olimpíadas, ou por outras razões.

Além destes, há os Centros cujas obras ainda não teriam sido finalizadas ou não estavam em pleno funcionamento até o final da coleta de dados do estudo (segundo semestre de 2015), como o Centro Olímpico de Fortaleza, Centro Paralímpico em São Paulo, Parque Olímpico da Barra da Tijuca, dentre outros; nos quais seria interessante a visita quando já em funcionamento, para aplicação dos instrumentos requeridos no estudo.

Mesmo sabendo das dificuldades de acesso às entidades, aos gestores e aos prazos de conclusão das obras, o ideal, portanto, seria num segundo momento, ampliar a quantidade de Centros envolvidos na pesquisa.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Breve apresentação dos Centros de Treinamento

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO VOLEIBOL BRASILEIRO CDV SAQUAREMA, RJ

Na cidade de Saquarema, Estado do Rio de Janeiro, há cerca de 120 quilômetros da capital está localizado o Centro de Desenvolvimento de Voleibol (CDV). À frente da praia, com 108 mil m² de área ele oferece aos atletas condições e estrutura para treinamento de alto rendimento. O local recebe competições, treinamentos, cursos e intercâmbios de outras modalidades.

O Centro conta com quatro quadras *indoor* (que podem ser divididas em até oito de treinamento), seis quadras de vôlei de praia, um campo de futebol, duas quadras de tênis, uma piscina semiolímpica e outra infantil, alojamento, salas de musculação, de fisioterapia e de pesquisa, além de sala de reuniões, administração, restaurante, auditórios, saunas, banheiras de hidromassagem e salão de jogos.

Nas portas dos alojamentos, os quais tem capacidade para duas ou três pessoas cada, há nomes de campeões olímpicos. Existem ainda outros ambientes como biblioteca, sala de computadores, sala de aula, almoxarifado, sala de troféus, churrasqueira, salão de jogos, além de ambientes abertos, com estacionamento e espaços de convivência. Dentro do Centro há dois lagos e um clima de tranquilidade diferente daquele encontrado nas cidades grandes, o que, segundo os técnicos, favorece a concentração dos atletas.

O objetivo principal da Confederação Brasileira de Voleibol com este Centro é concentrar em um só local todas as instalações e equipamentos necessários para o treinamento de equipes esportivas em vista a formação, desenvolvimento e reciclagem de recursos humanos. Fruto de parceria do Ministério do Esporte, Prefeitura de Saquarema e Governo Federal estabelecida em 2001, o espaço foi inaugurado em 2003 e está em pleno funcionamento.

É voltado para as categorias competitivas, da infantil até a adulta; tanto masculina como feminina. Ocorre, portanto, de atletas em fase escolar passarem por um período de treinamento no Centro. Devido a isso, há uma parceria com o SESI, que envia professores para o Centro a fim de dar aulas regulares aos atletas em idade escolar que ficam concentrados lá para treinamentos.

Seleções de outras modalidades, como a de judô, por exemplo, já utilizaram as instalações para se alojar e treinar. É feito um acordo e cobrado uma taxa para isso. Competições também ocorrem no local, que possui espaço para que arquibancadas móveis sejam montadas nas quadras cobertas.

A tecnologia é de ponta. Os aparelhos da academia, inclusive, são específicos e confeccionados do tamanho de atletas de voleibol, ou seja, maiores que o modelo padrão. Para treinamento em quadra, há aparelhos de altíssima tecnologia e materiais de qualidade. Há pesquisadores incumbidos de buscar novos aparelhos que auxiliem no treinamento ou até de criar equipamentos que possam contribuir no desempenho das equipes. Muitos dos profissionais da equipe multidisciplinar que trabalham no Centro são professores doutores, e a grande maioria, senão a totalidade, são pessoas altamente qualificadas que se aperfeiçoam constantemente. As refeições servidas são diariamente prescritas por uma nutricionista esportiva e contemplam café da manhã, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar.

Finalmente, para complementar todo o cenário descrito, vale destacar que todo o ambiente: dos alojamentos, até os corredores, ginásio, academia, enfim, todos os locais do Centro possuem nas paredes frases de incentivo e imagens de atletas subindo ao pódio, sendo campeões, recebendo troféus e medalhas, além de quadros de medalhas e títulos. Isso, para que exista dentro do centro um ambiente vencedor e que seja despertado nos atletas e nos profissionais o espírito vencedor. Não à toa, até quem visita o local é contagiado por essa energia.

Também não é à toa, portanto, que o voleibol brasileiro encontra-se em posição de destaque no cenário internacional, tanto masculino, como feminino. Além de excelente infraestrutura, há profissionais de relevância, como preparadores físicos, psicólogos, entre outros e treinadores como Bernardinho e José Roberto Guimarães, sendo este o único técnico de voleibol do mundo a conquistar três medalhas de ouro olímpicas.

Assim sendo, com mais de uma década de existência, o Centro de Treinamento de Voleibol Brasileiro, localizado em Saquarema, longe da mídia e do assédio de fãs, vem dando indicativos de como apresentar níveis de excelência no tocante a Centro de Treinamento voltado para o esporte de alto rendimento no Brasil.



Imagem 1 – Entrada do Centro de Desenvolvimento do Voleibol



Imagem 2 – Academia do CDV



Imagem 3– Quadra de voleibol

CENTRO PAN-AMERICANO DE JUDÔ - LAURO DE FREITAS, BA

Entregue em 2014, o Centro Pan-americano de Judô (CPJ), está localizado em Lauro de Freitas, Bahia, e poderá se tornar a nova “casa” da modalidade no país. Situado em uma das regiões considerados mais belas do Estado, o Centro se encontra na Praia de Ipitanga, a poucos minutos do Aeroporto Internacional de Salvador.

Voltado exclusivamente para a prática de judô, ele foi construído com recursos públicos e recursos privados. Sua infraestrutura é voltada para treinamento de atletas do alto rendimento e também para sediar eventos e competições da modalidade.

Em fase experimental, o Centro passa por um momento em que busca administrar adversários externos, como o clima e os efeitos do salitre na estrutura física. Por outro lado, possui uma localização estratégica, ficando próximo ao aeroporto. Ademais, a cidade foi escolhida também por ser o berço de inúmeros atletas que representam o Brasil no Judô.

Acredita-se que, com este novo espaço, grande número de judocas que saem do Estado da Bahia em busca de locais para treinamento deva reduzir, uma vez que eles contarão com uma das melhores estruturas do país para o treinamento da modalidade.

O CPJ é dividido em três prédios, sendo que em um deles há um o ginásio com três tatames e capacidade para 1900 espectadores. Há salas de apoio para equipes técnicas e arbitragem, sala para exame antidoping, espaço para fisioterapia, academia, e outros espaços que estão a definir.

O segundo prédio é voltado para a parte administrativa do Centro, além de possuir um auditório para até 200 pessoas. O terceiro prédio é de uso dos atletas, possuindo os alojamentos, refeitório, salão de jogos. Nos espaços externos, ele conta com uma piscina semiolímpica, churrasqueira, quadra poliesportiva e uma pista pequena para corrida. Todos os espaços fechados do Centro possuem sistema de refrigeração.

Alguns importantes eventos já foram realizados no local, além de treinamentos da seleção brasileira e cursos de arbitragem. Vale destacar que a obra ainda está em fase de finalização, no tocante à adequação de espaços e compra de equipamentos. Apesar do foco do centro ser o Judô de alto rendimento, a instalação tem como um de seus objetivos o desenvolvimento de projetos sociais, como o “Avança Judô”, que já acontece na Bahia, atendendo 200 crianças. De acordo com organização local, acredita-se que até 2016, ano de Olimpíadas no Brasil o Centro já esteja em pleno funcionamento, com adequação dos espaços e compra dos equipamentos.



Imagem 4 – Sala de reunião do Centro Pan-Americano de Judô

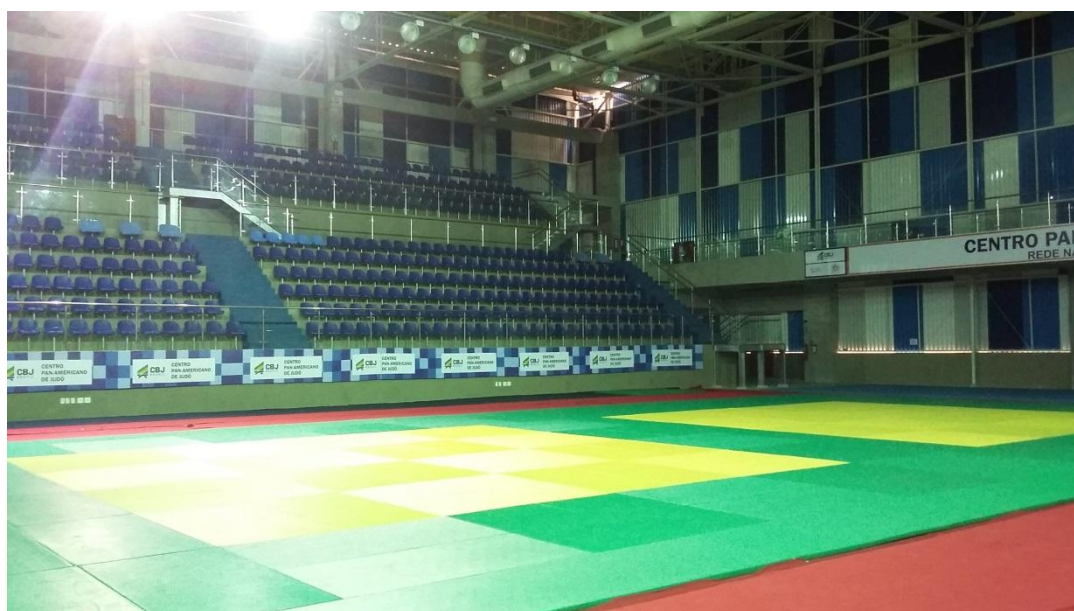


Imagem 5 – Tatames



Imagem 6 – Fachada do Centro de Judô

CENTRO DE BOXE E NÚCLEO DE ALTO RENDIMENTO (NAR) SANTO AMARO, SP

O Centro de Boxe fica localizado em uma das regiões mais movimentadas da zona sul da cidade de São Paulo, nos arredores do terminal de ônibus de Santo Amaro e da estação Largo Treze do metrô, o que facilita o acesso até o local.

O Centro esportivo dentro do qual estão as instalações do boxe, ocupa uma área de mais de 40 mil metros quadrados e existe há mais de 40 anos, atendendo em média 4.000 pessoas por mês.

Este Centro oferece diversas atividades ao público como atletismo, dança, futsal, ginástica, lutas, musculação, natação, vôlei, hidroginástica, futebol, escola de esportes, entre outras.

Há no local duas piscinas, sendo uma utilizada para recreação e outra semiolímpica, campo de *gateball*, duas quadras poliesportivas abertas, uma quadra de tênis, um ginásio poliesportivo coberto, um campo de futebol de areia, um campo de futebol *society*, uma pista de atletismo com um campo de *rugby*, espaço de convivência com mesas, uma academia de boxe, um salão para atividades e uma cancha de bocha. No prédio da secretaria há uma sala de apoio, sala da diretoria, dos professores, sanitários e cozinha.

Mas é na academia de boxe que se encontra a manifestação do esporte na sua dimensão do alto rendimento, pois lá ocorrem treinos da seleção olímpica brasileira. Uma equipe de seis a sete treinadores, entre eles Claudio Aires, do boxe, atua para preparar a seleção para os Jogos Olímpicos e as diversas competições de alto nível. Neste espaço, grandes atletas brasileiros de alto rendimento participam de treinos da equipe masculina e feminina da seleção de boxe. No local é possível notar diversos equipamentos de treino, pôsteres de campeões que já treinaram e treinam no local e um grande movimento de atletas e atividades.

Ao lado do Centro Esportivo visitado encontra-se o Núcleo de Alto Rendimento esportivo de São Paulo (NAR). Este núcleo é um Centro de Excelência em estudo, avaliação, prescrição de treinamento esportivo e capacitação de técnicos e preparadores físicos, voltado para otimização do desempenho esportivo de atletas e equipes profissionais de alto rendimento.

É um Centro de Treinamento e Pesquisa criado em 2011 e sediado desde 2014 no Centro Esportivo Santo Amaro através de um convênio entre o Instituto Península e a Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo.

Sendo uma iniciativa privada e contando com patrocinadores, o NAR possui instalações de última geração, equipamentos para treinamento e avaliação de força, potência e velocidade (que são foco do núcleo), academia, tatame, octógono, pista de 145 metros de grama artificial coberta, campo para treinamento, pista de atletismo, laboratórios, salas de reunião, escritórios, vestiários, salas de descanso, instalações e equipamentos acessíveis para pessoas com deficiência, refeitório, entre outros.

No Núcleo, desde 2011, mais de 2.000 atletas já foram atendidos, tendo sido frequentado por diversas seleções de esportes coletivos variados, de desporto na neve, do UFC, de modalidades de lutas diversas e esportes paralímpicos. Diversos estudiosos, com títulos de pós-graduação, atuam no local, sendo que a maioria deles é formado pela Universidade Estadual de São Paulo (USP). É oferecido, inclusive, um curso *lato senso* na área de treinamento esportivo na própria instalação, aos sábados.

O núcleo de alto Rendimento é um Centro de Treinamento de renome com publicações de estudos em revistas e jornais científicos no Brasil e no exterior.

Após as conhecer estas instalações pode-se perceber que, com parcerias e planejamento há possibilidades de avanços na área de treinamento esportivo e das instalações disponíveis para os atletas de alto rendimento das diversas modalidades esportivas no Brasil.

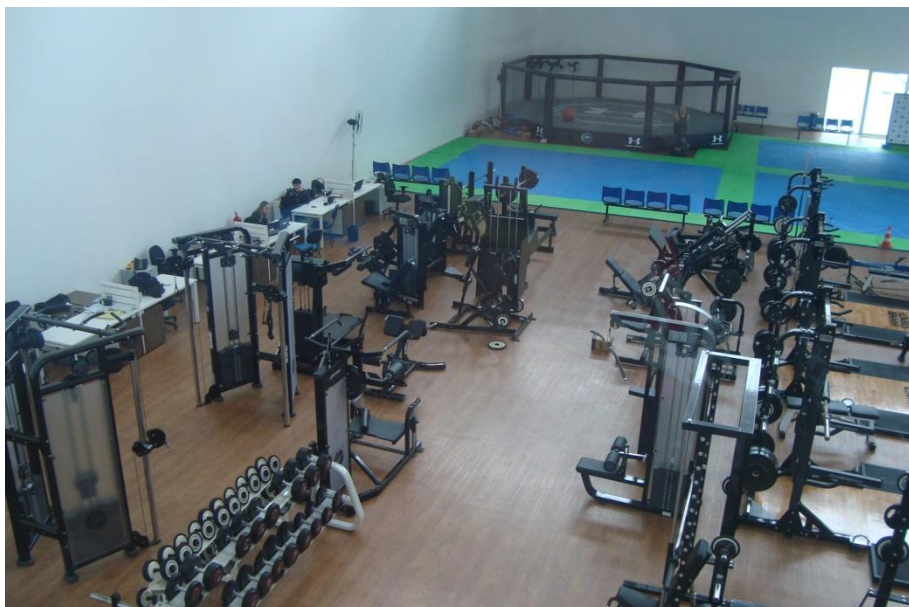


Imagem 7 – Academia Núcleo de Alto Rendimento



Imagem 8 – Centro de Treinamento de Boxe



Imagem 9 – Pista de atletismo e campo do NAR

CENTROS DE ATLETISMO E GINÁSTICA ARTÍSTICA (ARENA CAIXA) E CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DE HANDEBOL DE SÃO BERNARDO, SP

A Arena Caixa fica situada em São Bernardo do Campo, em São Paulo e contempla os Centros de Treinamento de Atletismo e Ginástica. Ela é parte do Complexo Esportivo e Educacional alocado nas dependências do antigo Clube da Volkswagen, localizado no Bairro do Tanque. Este complexo é composto pelo Centro de Atletismo Professor Oswaldo Terra, pelo Centro de Ginástica Marcel Francisco dos Santos, pelo Centro Esportivo da Vila São Pedro, além do Centro Educacional Unificado (CEU) Regina Rocco Casa e do Centro de Desenvolvimento do Handebol Brasileiro, que está em fase de finalização de obras.

O Centro de Ginástica Marcel Francisco dos Santos foi inaugurado em 2014 e abriga diversos atletas olímpicos, tais como Diego Hypólito e Caio Souza, Nele também treinam diariamente atletas da base do esporte no país e há aulas de iniciação na modalidade. O Centro é fruto de uma parceria entre o município, o Governo Federal e a Confederação Brasileira de Ginástica.

O município investiu na reforma e adaptação das quadras poliesportivas do antigo Clube que havia no local. A aquisição dos aparelhos como cavalos, paralelas, barras fixas, pistas trampolins, jogos de colchões, argolas, traves, mesas de salto e tablado de solo, foi feita com uma parceria entre o Ministério do Esporte e a Confederação Brasileira de Ginástica, e são todos certificados pela Federação Internacional de Ginástica.

No local há também uma sala de fisioterapia, uma para administração, vestiários e um local onde está sendo construído um refeitório. O Centro integra a Rede Nacional de Treinamento (que é um programa do Governo Federal para ampliação da infraestrutura esportiva do país e estruturação das modalidades) e se constitui como um espaço qualificado para treinamento de atletas do município e representantes das seleções brasileiras. No local são atendidos cerca de 50 atletas da iniciação e 22 atletas adultos.

Também inaugurado em 2014 e nas proximidades do CT de Ginástica há o Centro de Atletismo Professor Oswaldo Terra. Ele possui quase 30 mil m² de área construída.

A instalação é certificada como nível um pela IAAF (Associação Internacional das Federações de Atletismo) e atende a requisitos de acessibilidade. A pista de atletismo conta com uma arquibancada coberta com capacidade para 1,5 mil pessoas, além de áreas para treinamento e locais exclusivos para imprensa. Ao lado da pista há um prédio de três

andares com diversas salas de apoio, locais de descanso, administração, refeitório, espaço de convivência, consultório médico, sala de fisioterapia, academia, pista de saltos, vestiários, espaço para treinamento, almoxarifado, entre outros.

Devido à parceria com a Caixa há investimento anual advindo dela para manutenção do local. O Centro de Atletismo tem capacidade para realizar competições estaduais, nacionais e internacionais e atende atletas da base e do alto rendimento não só do município, mas de toda região, das seleções brasileiras, além de receber atletas internacionais.

Atletas de Cuba já utilizaram o espaço e existe possibilidade que atletas de outras nacionalidades utilizem a instalação para se preparar para os Jogos Olímpicos de 2016. Diariamente no Centro são atendidas cerca de 2.000 pessoas (entre crianças, adolescentes e adultos).

Ainda dentro do Complexo Esportivo e Educacional citado, encontra-se em fase de finalização o Centro de Desenvolvimento do Handebol Brasileiro, fruto de uma parceria entre a Prefeitura, a Confederação Brasileira de Handebol e o Ministério do Esporte.

A ideia é que o espaço seja utilizado para treinamento permanente das seleções de base e seleções adultas brasileiras. No local há quadras de handebol, alojamentos para 136 pessoas, academia, sala de fisioterapia, atendimento médico, salas de reuniões, espaço para gerência da delegação, restaurante e lanchonete, sistema de segurança, depósito e áreas de descanso.

É possível perceber que todo o complexo, em especial a Arena Caixa, é fruto do investimento do Governo Federal juntamente com a Prefeitura de São Bernardo e as Confederações das modalidades, e, de fato, é um Centro integrado que tem auxiliado a comunidade local e impulsionado o esporte brasileiro.



Imagem 10 – Espaço interno do Centro de Treinamento de Atletismo (Arena Caixa)



Imagem 11 – Espaço interno do Centro de Treinamento de Ginástica Artística (Arena Caixa)



Imagem 12 – Centro de Desenvolvimento do Handebol

CENTRO DE TREINAMENTO TIME BRASIL - DEODORO, RJ

O Centro de Treinamento Time Brasil está localizado em Deodoro, no Rio de Janeiro. O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) ampliou a o Parque Aquático Maria Lenk que antes era destinado principalmente à natação. O CT Time Brasil contempla:

Sala de esportes de combate, que atende as especificidades das modalidades de combate que fazem parte do Programa Olímpico.

Sala de força e condicionamento, a maior destinada ao alto rendimento do Brasil. Somada à área de treinamento funcional possuem 750m² e aparelhos de última geração.

Sala de treinamento funcional que recebeu aparelhos doados e customizados às necessidades indicadas por especialistas brasileiros. Com cerca de 280m², esta sala possui aparelhos como bolas medicinais e de pilates, barras e halteres, seis estações específicas para treinamento funcional e barras de escalada. O piso da sala é especial, possui uma estrutura mais espessa para absorção de impacto.

A atualização com novos aparelhos é feita aproximadamente a cada dois anos neste CT, visando oferecer aos atletas brasileiros as mesmas condições encontradas nos melhores Centros de Treinamento do mundo.

Além destes ambientes, há também sala de preparação física, sala de fisioterapia, consultório médico, sala com equipamentos de filmagem para análise de movimento, sala de descanso, sala de avaliação e cerca de 40 leitos.

Possui também piscinas que atendem natação, saltos ornamentais e nado sincronizado.

Ademais, há um auditório no qual são realizados cursos de formação de professores, organizados pelo Instituto Olímpico Brasileiro (IOB).

Há um CT de Ginástica Artística localizado ao lado das instalações acima descritas que também faz parte do Time Brasil.

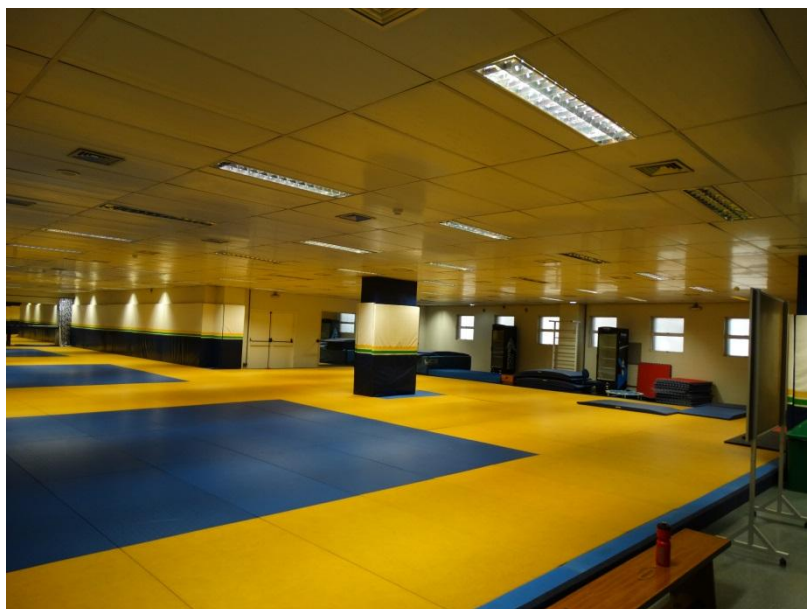


Imagem 13 – Sala de combate do Centro de Treinamento Time Brasil



Imagem 14 – Piscina do Centro de Treinamento Time Brasil



Imagem 15 – Academia do CT Time Brasil

CENTRO DE CANOAGEM – FOZ DO IGUAÇU, PR

O Centro de Canoagem Slalom está localizado na cidade em Foz do Iguaçu no Estado do Paraná. Para ter acesso a ele é preciso liberação de acesso ao Canal de Itaipu, que é uma parte do Complexo de Migração dos peixes chamado Parque Piracema. O Canal tem cerca de 400 metros de comprimento. Destes, para o curso de competição é definido um mínimo de 250 metros. São 12 metros de largura e 8,20 metros de profundidade.

Sendo considerada uma das dez melhores pistas de canoagem do mundo, o Canal tem um lago superior no qual é possível fazer aquecimento e relaxamento, ou até mesmo treinar a canoagem velocidade. Além deste, há o lago inferior e a corrente. Há obstáculos naturais e artificiais com os quais se podem modular a correnteza.

O local foi equipado com três bombas evitam que possíveis secas no reservatório da Hidrelétrica de Itaipu. Os equipamentos levam a água do Lago de Itaipu, através de dutos de até 100 metros quando a vazão de água não é suficiente para alimentar o canal.

Há atletas de alto rendimento que treinam em Foz, mas também há aulas de iniciação à canoagem, em um projeto social chamado Meninos do Lago que atende cerca de 100 crianças e jovens, de sete a dezessete anos. Há o Instituto Meninos do Lago, responsável pela divulgação da canoagem e à preparação de atletas, árbitros e voluntários que representam o país em eventos da modalidade. A ação teve início em 2009, a qual é patrocinada pela Itaipu Binacional, com parceria da Confederação Brasileira de Canoagem.

Com acesso controlado ao Canal, os atletas do alto nível ficam alojados há poucos quilômetros do Centro de Canoagem e têm a sua disposição transporte para os treinos da manhã e da noite. O mesmo ocorre com as crianças, para as quais é oferecido ônibus que as busca em suas residências para que possam adentrar no Canal e frequentar as aulas do Projeto.

O Canal já sediou diversas competições internacionais como o Mundial de Canoagem Slalom Júnior e Sub 23 (2015), Mundial de Canoagem Slalom Sênior (2007) e evento classificatório para os Jogos Olímpicos de Pequim (2008).



Imagem 16 – Corrente do Centro de Canoagem



Imagem 17 – Centro de Treinamento de Canoagem

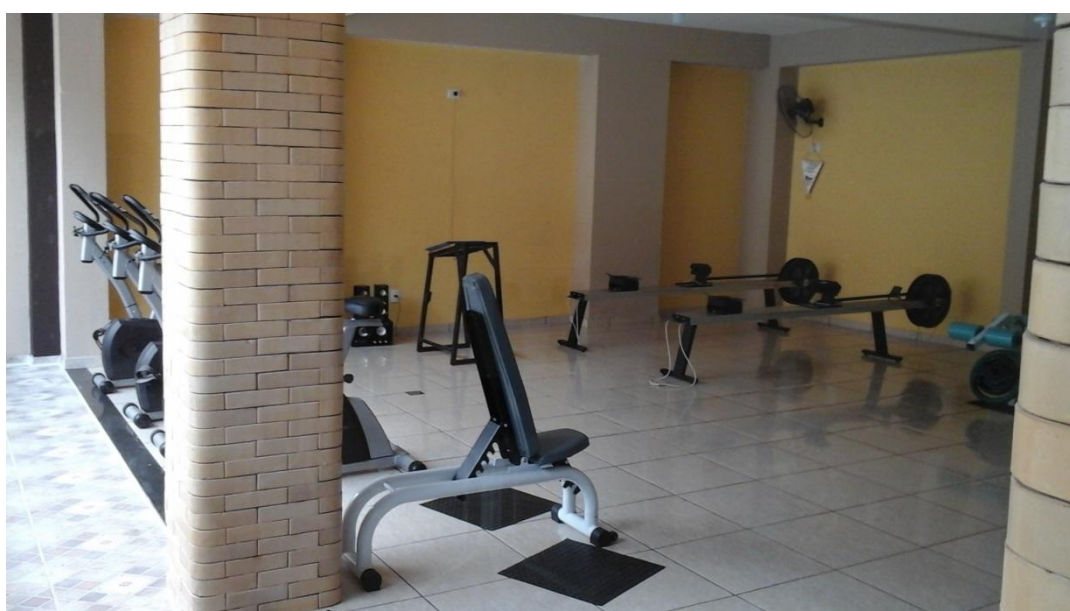


Imagem 18 – Academia do alojamento do Centro de Treinamento de Canoagem

5.2 Entrevistas

Por meio da análise de conteúdo das entrevistas identificamos acerca dos **Recursos Humanos**, conforme respostas obtidas nas questões de 1 a 4, que dos oito entrevistados, apenas metade possui graduação completa em Educação Física. Os outros quatro possuem graduação em Engenharia, Direito, Filosofia e um deles não possui Ensino Superior. Destacando-se apenas um deles por possuir dois cursos de graduação distintos concluídos (Educação Física e Engenharia).

Ademais, constatou-se que três deles possuem pós-graduação *lato senso*. Seis dos oito gestores disseram que se atualizam em por meio de cursos (exceto S1 e S3), sendo que dois deles citaram participar recentemente de cursos do Comitê Olímpico do Brasil (COB). Apenas dois disseram não se aperfeiçoar por meio de cursos.

Segue abaixo, conforme entrevista, uma breve caracterização sobre a formação de cada um deles:

Nível Superior	Pós Graduação	Outras informações
S1: Ensino Superior em Educação Física		
S2: Ensino Superior em Filosofia		Curso recreação
S3: Ensino Colegial		Mestre em capoeira
S4: Ensino Superior em Educação Física		Curso do COB
S5: Ensino Superior em Educação Física	Especialização-Atletismo e Handebol	
S6: Superior em Ed. Física e Engenharia	Pós graduação - Fisiologia	
S7: Ensino Superior em Direito		Gestão Esportiva COB
S8: Ensino Superior em Engenharia	MBA em Gestão Empresarial	

Quando perguntados sobre o conhecimento deles acerca de outros Centros de Treinamento (questão 4) nacionais e internacionais, 3/8 afirmaram conhecer CTs fora do Brasil e 6/8 afirmaram conhecer Centros de outras modalidades existentes no Brasil.

Como exposto abaixo, os sujeitos 1 e 3 (S1, S3) não conhecem nem no Brasil outros Centros de Treinamento, nem no exterior. Já os sujeitos 2, 7 e 8 parecem demonstrar mais conhecimento, inclusive internacional, acerca do assunto.

Seguem trechos das respostas da entrevista acerca do repertório deles:

S1: “Não. Já ouvi falar, já vi vídeos, certo? Já vi, mas nunca visitei. Nem no Brasil, no Brasil não acredito que tenha algum centro semelhante ao nosso aqui. Mas nunca visitei nenhum deles não”.
S2: “Eu conheço toda uma referência de Centro (...) o da França (...) do Japão (...) lá o judô é uma referência. Em Colorado, não é? Que não é só judô, Colorado mais de 42 modalidades na época, independente de olímpica ou não eu estive. Na China, eu não sei se é centro de treinamento, eu tive e visitei vários assim, tipos de ginásios como se fosse centro (...) achei um espetáculo, era tipo uma cidade”.
S3: “Não, não conheço”.
S4: “Só no Brasil, no exterior não tive a oportunidade de conhecer nenhum. Do Brasil conheci desses novos o de Porto Alegre e de Curitiba. Acho que só”.
“S5: Sim, eu conheço bastante o centro de Campinas, o de Presidente Prudente, conheço de Uberlândia, de Fortaleza, o mais novo agora de Belo Horizonte, que ainda não está sendo utilizado, mas é muito bem montado...”.
S6: “Sim, conheço São Paulo e conheci Brasília. No exterior não”.
S7: “Sim, conheço vários. CAR de Madri, <i>Arhen</i> da Holanda, etc.”.
S8: “Olha, eu conheço vários centros internacionais e no Brasil também. O do voleibol, o da canoagem, do handebol, o de natação... têm vários”.

Pelo menos metade deles citou ter experiência internacional no esporte quando eram atletas, em especial três daqueles que afirmaram não possuir nível superior de escolaridade na área de Educação Física.

S2: “Eu fui atleta, né! (...) Na vida eu viajei quase 80 países através do esporte, como atleta, técnico, dirigente”.
S7: “Fui atleta da seleção brasileira de Karatê por oito anos seguidos”.
S8: “Já fui atleta, mas da época que era ainda iniciação da canoagem no Brasil em 1988, 87...”.

Os dados iniciais obtidos a respeito dos gestores das instalações revelam que não há uma homogeneidade sobre o ensino superior requerido para este cargo e tampouco cursos comuns para que eles possam se aperfeiçoar. Algumas iniciativas individuais possibilitaram que um ou outro avançasse mais no aperfeiçoamento e especialização. O fato de estarem gerindo um Centro sem terem conhecimento de outros pelo Brasil e pelo mundo também apontou certo despreparo de conhecimento para estar à frente de espaços que se dizem de excelência em âmbito internacional.

A partir da questão 6 o enfoque das respostas passou a ser não mais sobre **Recursos Humanos** e formação dos profissionais, mas em e sim em **Atletas e Estrutura**

Organizacional. Uma vez conhecedores do perfil dos entrevistados, foi possível interpretar melhor suas respostas acerca dos ambientes nos quais trabalham.

Uma informação relevante obtida (questão 6) é o fato de alguns deles afirmarem que dentre suas atribuições como gestor, ainda têm que se preocupar com manutenção de equipamentos, treinamentos, parte pedagógica, nutricional, financeira; quando, em tese, essas funções deveriam estar direcionadas a profissionais específicos. Além disso, três dos oito gestores possuem atualmente outra função além da de gestor/administrador, ligadas principalmente às Confederações das modalidades que são de sua especialidade.

Trechos das respostas dos gestores a respeito de suas atribuições seguem abaixo:

S1: “Eu faço a parte administrativa das seleções (...) Essa parte de controlar materiais que são ganhos, distribuídos aos atletas, alimentação, controle de alimentação, controle de passagens...”
S2: “A minha função aqui é a manutenção do Centro. (...) Eu sou vice-presidente da Confederação Baiana de Judô”.
S3 “É uma coordenação administrativa (...) coordenação do ensino pedagógico (...) e se responsabilizar por qualquer coisa que venha a acontecer, seja boa ou ruim”.
S4: “Tudo! Tem que cuidar de todo mundo”.
S5: “Eu sou o coordenador técnico dentro do Centro, mas eu sou o diretor financeiro da Associação que administra esse Centro também”.
S6: “(...) toda a parte administrativa de todo o Centro como a parte esportiva e a parte de eventos, programação de eventos e programação do uso das instalações”.
S7: “Faço toda a coordenação administrativa e financeira. Relacionamento com técnicos e atletas, relacionamento com patrocinadores e prestação de contas”.
S8: “(...) Nós que organizamos e gerenciamos, não só a equipe permanente, que seria a seleção brasileira, como todo esporte do Brasil (...) Eu sou superintendente da Confederação Brasileira de Canoagem”.

Com isso, acerca da **Estrutura Organizacional**, notam-se alguns pontos que caracterizam gestão amadora em grande parte dos Centros visitados, como profissionais da equipe da gestão que têm de se envolver, ou até assumir outras funções, quer seja por falta de padronização e detalhamento no que compete a cada profissional, quer seja pela carência de profissionais suficientes, específicos e capacitados para exercer essas funções.

Foi possível identificar pelas respostas que não são claras, tampouco homogêneas as atribuições dos gestores nos Centros. Em contrapartida, o gestor de um dos locais visitados, do Centro de Desenvolvimento de Voleibol, mostrou-nos uma espécie de “cartilha” na qual são especificadas as atribuições dos gestores, não só deles, mas dos atletas e cada um dos

profissionais da equipe multidisciplinar; explicando que todos que frequentam o Centro possuem acesso ao material que tem distribuição gratuita e está na oitava edição (Anexo IV).

Descrito no Regulamento para integrantes das seleções brasileiras estão as “Atribuições dos Componentes da Seleção” (Capítulo IV do Regulamento), com discriminação do que compete: ao gestor, ao técnico, ao assistente técnico, ao preparador físico, ao médico, ao fisiologista, ao nutricionista, ao fisioterapeuta, ao psicólogo, ao estatístico, ao atleta, ao capitão da equipe, à Confederação Brasileira de Voleibol. Há ainda diretrizes para elaboração de relatórios pelo administrador e demais membros da equipe; além de princípios éticos e de conduta, deveres e responsabilidades de cada um a serem seguidos dentro do CDV. Devido a este diferencial apresentado pelo voleibol, adiante daremos um destaque para o trabalho multidisciplinar que é desenvolvido no CDV.

Outra constatação diz respeito à falta de homogeneidade das respostas acerca de como os **Atletas** são selecionados para treinar em tais ambientes. Seguem parte das respostas:

S1: “(...) no voleibol temos vários membros da comissão técnica que vão as competições pelo Brasil (...) e ali eles vão catalogando os atletas e depois eles são chamados para fazer uma avaliação...”.
S2: “(...) O CT é aberto para todos os atletas do Brasil (...)”.
S3: “(...) fazem a pré-seleções fora e aí os que vêm pra cá já vêm direcionados pela Confederação Brasileira de Boxe”.
S4: “(...) aqui não treina uma seleção Brasileira (...) a gente faz uma seletiva, tem uma seletiva grande no começo e no meio do ano (...) a gente abre algumas seletivas, detecta as crianças para começar na iniciação, e aí outro caminho que pode acontecer às vezes um atleta de outro Clube que tiver interesse”.
S5: “Na verdade o encaminhamento sempre tem nas equipes onde os atletas são formados e não tem condições de continuar...”.
S6: “Primeiro há solicitação da entidade dele, da Confederação, ou do Clube, solicitando que o atleta venha treinar aqui e aí ele tem que apresentar... ele assina um termo de responsabilidade do usuário...”.
S7: “Só avaliamos e prescrevemos treino para a Seleção Brasileira. Nosso contato é juntamente com os técnicos”.
S8: “(...) Nos temos um ranking internacional e os melhores do ranking de acordo com a categoria, a gente traz. Damos prioridade aos atletas mais novos, tá? (...)”.

Essa maneira heterogênea com que os atletas são encaminhados aos Centros pode denotar falta de políticas esportivas para utilização destes espaços, que na sua maioria são para atletas de seleções brasileiras que almejam disputar Jogos Olímpicos.

Ainda que de maneira não sistematizada, alguns CTs dão abertura a crianças que não são atletas de elite para frequentarem tais ambientes, sendo que alguns (boxe, canoagem, ginástica artística e atletismo) oferecem prática esportiva por meio de projetos como especificaremos adiante (tópico 5.5).

As respostas destes que possuem projetos sociais parceiros apontaram uma preocupação com a dimensão social do esporte e com a possibilidade de a comunidade das redondezas utilizar os espaços, indo ao encontro do que propõe Bernabé e Starepravo (2014) no tocante a favorecer com que haja um legado também educacional e social com as Olimpíadas de 2016 sendo sediadas no Brasil. De acordo com os autores, é possível desenvolver um legado para além do desenvolvimento econômico, material e estrutural. Estes acreditam que o legado pode contribuir para formar uma cultura esportiva, não objetivando apenas a formação de atletas, mas a formação de sujeitos conscientes, que atuem na sociedade e que entendam a importância da prática esportiva e das relações ligadas aos megaeventos.

Um dos pontos em comum identificado é que quase a totalidade desses Centros possuem atletas de base treinando. Como visto, isso é importante desde que haja continuidade e trabalho de longo prazo objetivando um direcionamento e trabalho de médio e longo prazo com esses atletas. Um exemplo muito positivo neste sentido foi encontrado no CDV de Saquarema, o qual possui base de dados, chegando a ter categorias com cerca de 80 atletas de base cadastrados, que já passaram ou passam por períodos de treinamentos lá. Como já foi dito, adiante abordaremos multidisciplinaridade e serão dados mais detalhes acerca do trabalho desenvolvido com a modalidade.

Também a canoagem, cujo Centro visitado fica em Foz do Iguaçu, apresentou preocupação com desenvolvimento de atletas de base, sendo que alguns membros da seleção em treinamento eram oriundos do próprio projeto desenvolvido em Foz, tendo iniciado na modalidade há cerca de cinco anos atrás. A informação corrobora com que afirma Santos (2008) referente à modalidade vir crescendo, já que para ele a canoagem: “é um esporte em expansão tornando-se atrativa do ponto de vista ecológico e do turismo”.

Importante entender que há uma especificidade nesta modalidade no sentido de que para treinamento não são muitos polos no Brasil visto que geralmente é preciso contar com recursos naturais. Ainda que haja possibilidade de praticá-la em ambientes controlados ou não controlados (SANTOS, 2008), há uma probabilidade relativamente maior de que atletas se desenvolvam em projetos tradicionais onde há regularidade de recursos naturais e estrutura adequada, como ocorre em Macaé (RJ), Primavera do Leste (MT), Pirajú (SP) e Foz do Iguaçu (PR).

Dando sequência na análise dos dados coletados por meio da entrevista, constatamos que no NAR e no CDV há profissionais específicos, em quantidades satisfatórias e preparação adequada para atender às demandas do esporte de alto nível. Houve pouca ou nenhuma queixa dos profissionais quanto à necessidade de mais profissionais e apenas alguns indicativos no CDV que pesquisadores envolvidos com pesquisa que permanecessem dentro das instalações desenvolvendo estudos e atendendo demandas regularmente poderiam lhes trazer grande contribuição, ainda que já tivessem alguns profissionais deste perfil no CT.

Já no que diz respeito a como os técnicos são selecionados para treinar em tais ambientes, o que se pode perceber é que há desde treinadores que são exclusivos das seleções, até treinadores de categorias de base. Algumas instalações possuem treinadores fixos, outras o fazem por meio de indicações pelas Confederações para permanecerem com suas equipes. Nota-se que não há uma filosofia nacional de encaminhamento e formação de treinadores.

Ademais, podemos inferir que o fato de haver diversos técnicos estrangeiros treinando seleções e atletas nacionais pode advir, dentre outros fatores, da falta de política esportiva de formação, capacitação e seleção de treinadores, cuja importância está ilustrada no modelo *SPLISS*, pilar 7, que trata do desenvolvimento e formação do treinador.

Acerca da avaliação do ambiente que trabalham, quando questionados (questão 9) se eles consideram o CT no qual trabalham de excelência se tomado como parâmetro padrões internacionais, sete dos oito gestores afirmaram que sim. Interessante perceber que mesmo aqueles que afirmaram não conhecer Centros internacionais (questão) responderam de forma afirmativa, o que nos permite inferir que a maioria deles poderiam não ter parâmetros para responder esta questão. Apenas um deles pontuou que considerava que o Centro no qual trabalhava deixava a desejar se comparado internacionalmente com outros.

Teve quem justificasse a resposta afirmando que no mundo talvez não existisse um Centro de Excelência específico da modalidade como há no Brasil “Existem Centros de Treinamento muito superiores ao nosso, mas eles são poliesportivos. Na Austrália tem um que é... tem tudo lá dentro, basquete, voleibol, handebol, natação, atletismo, o nosso é voleibol. E voleibol, unicamente do voleibol, que eu saiba só tem esse, então...!” (Sujeito 1).

Em contraponto, houve um entrevistado que apesar de considerar um bom centro no âmbito nacional, reconheceu que no âmbito internacional ele estaria aquém do que o esperado: “Internacionalmente é um ginásio bom, mas nacionalmente é um ginásio muito bom, mas se a gente for considerar no âmbito mundial deixa a desejar em alguns pontos ainda” (Sujeito 4). As demais respostas apontaram pontos positivos dos Centros para justificar o enquadramento deles como de excelência, conforme segue:

S3: “Em questão da organização também, pela estrutura aqui, a estrutura aqui dá pra se organizar um evento internacional, não deixa nada a desejar, eu digo isso porque eu participei de diversos campeonatos mundiais e não deixa nada a desejar assim”.
S5: “Porque nós temos tudo que possa precisar aqui dentro, botar um atleta aqui dentro e ele não precisa sair daqui, só pra ir em casa dormir e voltar, tudo ele faz aqui”.
S6: Sim, pelo que a gente tem de notícia, que a gente tem acompanhado tá? O Centro de Treinamento cada vez mais ele é aperfeiçoado, cada vez mais... Nós estamos agora com os laboratórios Olímpicos sem implementados até o mês que vem, entendeu?
S8: “Olha, o que eu posso dizer é que os resultados do Brasil na canoagem slalom tão crescendo de forma assustadora”.

Para responder a questão acima, houve quem considerasse a Infraestrutura e houve quem considerasse os Recursos Humanos. A Estrutura Organizacional também foi citada por alguns. A análise das respostas da mesma, portanto, passou pelas três categorias elencadas para serem analisadas. 1. Infraestrutura Física e Equipamentos 2. Recursos Humanos: Equipe Técnica e Multidisciplinar 3. Atletas e Estrutura Organizacional.

Finalmente, no que diz respeito à questão 10, que abordou a utilização do espaço após as Olimpíadas de 2016, sete gestores colocaram que não deve mudar, que deverá haver continuidade no que é feito e que se devem aproveitar as parcerias estabelecidas neste período anterior aos Jogos Olímpicos, intensificadas em função de o país ser sede do evento:

S1: “Não, não muda nada. A não ser que alguém faça alguma oferta pra dar mais condições ainda...”.
S: 3 “Eu acredito que não, que vai ter essa permanência porque independente do resultado é um trabalho que é feito de forma contínua, com qualidade e vai ser sempre uma preparação para as próximas Olimpíadas.”.
S4: “(...) E já existe um trabalho da prefeitura aqui dentro, então quando terminar todo esse projeto de preparação para Olimpíada esse ginásio já tem atletas que trabalham aqui dentro, diferente de alguns, pelo que eu sei do Brasil, que estão lá preparados só pra receber seleção né (...)?”.
S5: “(...) Nós vamos continuar com esse trabalho aqui e acredito que a Confederação também vai continuar utilizando esse centro com competições, com treinamentos, do jeito que tem sido feito...”.
S6: “A notícia que a gente tem é que este espaço do CT aqui, o Parque Aquático Maria Lenk continuaria com o Comitê Olímpico do Brasil, né? E seria ele acoplado a algumas instalações que vão ficar aqui na zona da Barra no Parque Olímpico que vão formar o grande Centro de Treinamento futuro”.
S7: “Esperamos continuar atendendo os atletas de alto rendimento do Brasil”.
S8: “Não, esse espaço que você tá dizendo, aqui de Foz do Iguaçu, não vai parar de usar, esse já tá consolidado, isso aí já vem desde 2006, independentemente dos Jogos Olímpicos”.

Um único gestor apontou que não sabe o que ocorrerá após os Jogos Olímpicos, alegando que os resultados poderiam influenciar no futuro da instalação “Aí veja bem, eu não poderei responder isso agora porque, depois de 2016, independente de resultado, ou não, né?” (Sujeito 2).

Pudemos perceber que os entrevistados, em um contexto geral têm boas impressões sobre a continuidade de utilização dos Centros após as Olimpíadas no Brasil e que consideram excelentes as instalações nas quais trabalham. Espera-se, de fato, que a utilização desses espaços seja feita de maneira a aperfeiçoar e justificar os investimentos feitos, especialmente na infraestrutura física das instalações.

Houve instalações construídas, outras reformadas e outras equipadas. Se houver planejamento de médio e longo prazo, estima-se que elas estejam em pleno funcionamento visando os jogos Olímpicos de 2020 e os demais Jogos que virão.

Mesmo porque há instalações, inclusive dentre as visitadas, que não puderam servir para preparação para os Jogos de 2016 vide o caráter emergencial com que foram construídas ou reformadas, ficando prontas às vésperas do evento mais no intuito de receber jogos e delegações. Dessa forma, faz-se preciso políticas esportivas que tratem da utilização, conservação e aperfeiçoamento destes Centros após os Jogos no Rio de Janeiro de 2016.

De acordo com o que explicam Proni et al. (2014) o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos sugere que os Jogos deixem não só o legado para a estrutura da prática de esportes, mas também o estímulo para que novas gerações tenham o esporte como algo permanente para um modo de vida saudável.

Outra sugestão seria uma visita para uma reavaliação daqui a alguns anos, a qual nos permitiria investigar se realmente se concretizou aquilo que foi respondido na questão 10 da entrevista, sobre a utilização dos ambientes após os Jogos Olímpicos do Rio 2016.

5.3 Questionários

Com a finalidade de obter um diagnóstico dos Centros de Treinamento do Brasil voltados para o alto rendimento, foi elaborado um questionário com 30 questões (Anexo I). Aplicado aos mesmos gestores que responderam à entrevista, tendo sido feito sequencialmente a ela. Elas abordam desde questões acerca das modalidades atendidas nos ambientes, até questões relacionadas à multidisciplinaridade, infraestrutura física, fontes de

recurso, permanência e frequência de atletas nos centros, esporte de base e possibilidade de receber atletas estrangeiros.

Acerca das modalidades atendidas nos Centros (questão 1), constatou-se que se trata daquelas com expectativas de conquista de medalha nas Olimpíadas de 2016. Não toa, já que o Ministério do Esporte deixou claro que intensificaria os investimentos – no tocante à infraestrutura inclusive – para as modalidades que tivessem mais chances de obter medalhas. Foram visitados Centros de: voleibol, voleibol de praia, judô, atletismo, ginástica artística, handebol, boxe, natação e canoagem slalom.

Sabe-se que o voleibol é a modalidade com mais medalhas olímpicas, são vinte no total, sendo nove de quadra e onze de praia (EBC, 2013). Das modalidades individuais, é o judô que assume este posto, com dezenove medalhas. A ginástica artística, a natação e o boxe também tiveram atletas que subiram ao pódio na última edição das Olimpíadas (2012).

Também o atletismo esteve no lugar mais alto do pódio nas Olimpíadas de 2008, sendo que sua prova de salto triplo é a prova em que historicamente o Brasil tem mais medalhas olímpicas, totalizando seis (EBC, 2012). Ou seja, isso torna coerente a expectativa que se tem em torno dessas modalidades para os Jogos do Rio em 2016.

A vela também é uma modalidade de destaque nos Jogos Olímpicos, porém, esclarecemos que a preparação dos atletas dessa modalidade vem sendo feita em um Clube (Búzios Vela Club), que não é parte do cenário desta pesquisa. Portanto, apesar de os Clubes estarem diretamente relacionados ao esporte de alto rendimento e a vela ser uma das modalidades com expectativas de medalhas no Rio 2016, não foi prevista visita no seu local de treinamento. Também o futebol, outra modalidade com medalhas olímpicas e expectativas de resultados nos próximos Jogos não teve seu CT contemplado, mas este foi pelo motivo de não ter autorizado a visita a seu CT (Granja Comary).

Acerca das questões 2, 3 e 4, estas foram respondidas com unanimidade pelos oito gestores. Ao serem questionados se as instalações possuem padrões oficiais, se os equipamentos são de alta qualidade e se os atletas tem acesso *full time* aos equipamentos, todos responderam que sim.

Já quanto às questões 5 e 6 não houve unanimidade. Ao serem questionados sobre os princípios de sustentabilidade considerados na construção e manutenção dos CTs, metade dos gestores respondeu que houve essa preocupação e outra metade assegurou que não. No tocante as inspeções que os Centros estariam sujeitos regularmente (manutenção de equipamentos, limpeza, de saúde dos atletas, dentre outras) cinco dos oito gestores afirmaram que estas avaliações ocorrem.

As questões 7 e 8 permitiram verificar itens relacionados à **Infraestrutura Física** que as instalações possuíam e serviços de apoio multidisciplinar, respectivamente. Os gráficos a seguir ilustram, dos Centros investigados, o que é oferecido aos atletas neste sentido:

Espaços e instalações existentes nos Centros de Treinamento

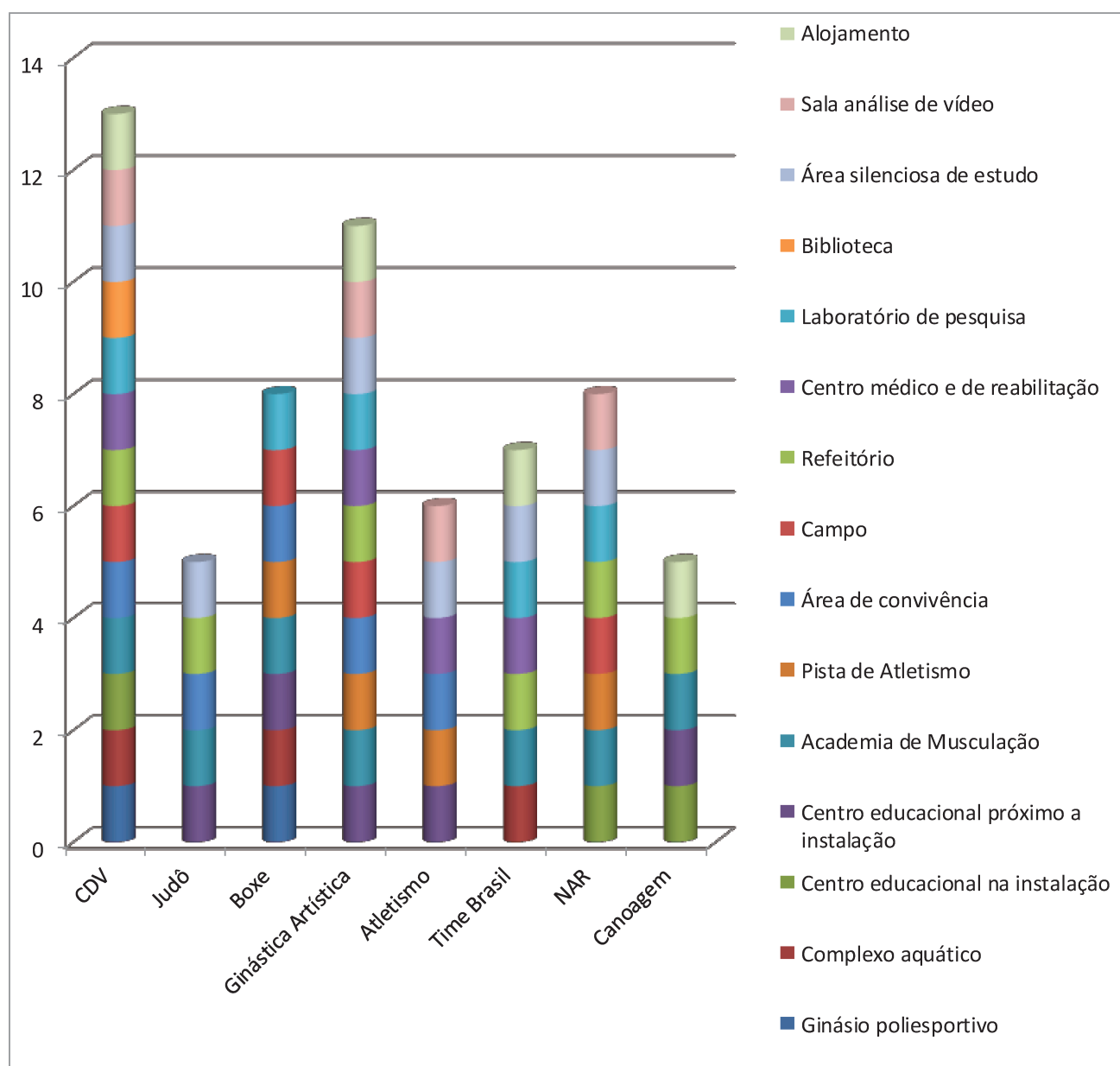


Gráfico 2- Respostas da questão 7 do questionário

Serviços de apoio aos atletas oferecidos nos Centros de Treinamento

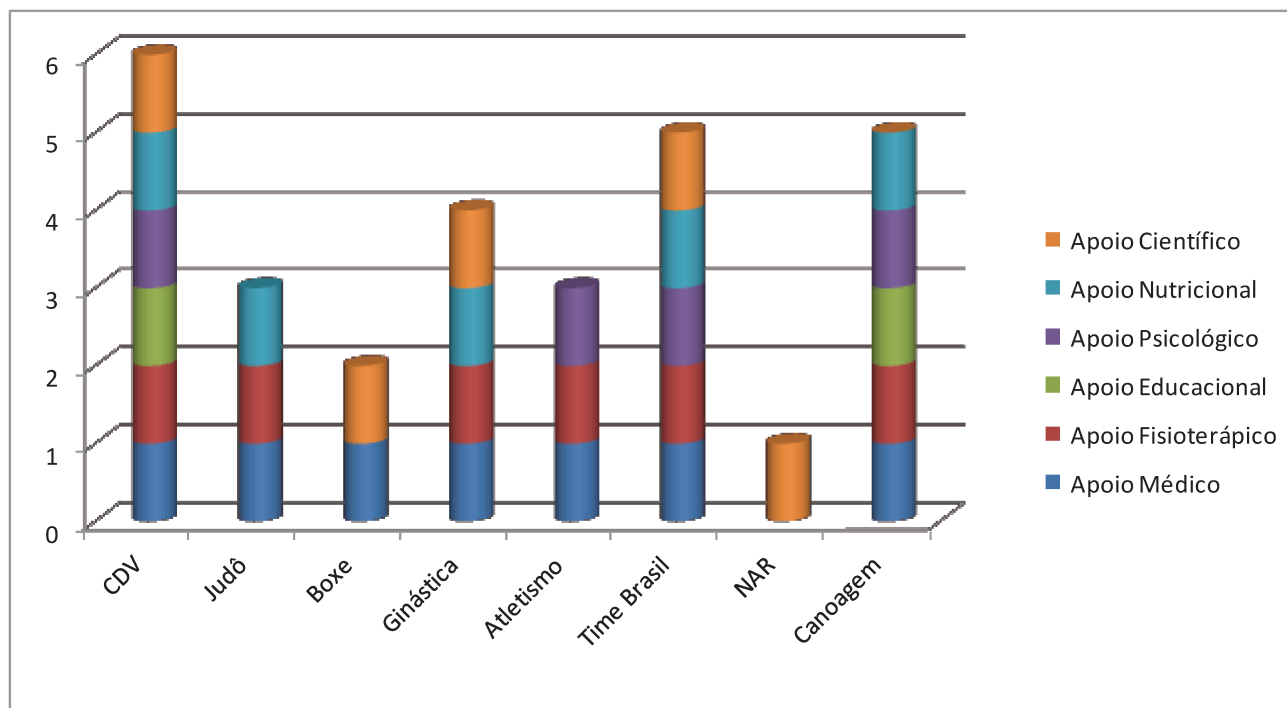


Gráfico 3- Respostas da questão 8 do questionário

Os gráficos 2 e 3, elaborados a partir da resposta dos sujeitos entrevistados responsáveis por cada Centro, revelam que o Centro de Desenvolvimento de Voleibol destaca-se por apresentar o maior número de espaços e instalações e por ser o único a oferecer todos os serviços de apoio considerados essenciais (MAZZEI et al., 2002) para ser considerado de excelência.

Um dos pontos diferenciais em relação aos outros Centros é o fato de o CDV ter na própria instalação um Centro Educacional, sendo o único CT dentre os investigados que o possui. O gestor do Centro de canoagem também afirmou possuir, embora tenhamos constatado que ele não fica exatamente dentro do CT, mas no alojamento dos atletas que fica a alguns quilômetros do Centro.

A relevância deste fator deve-se ao fato de atletas das seleções de base, como infante e juvenil, passarem por longos períodos no CDV para treinamento, períodos que podem durar meses. Neste tempo, as aulas regulares dos atletas seriam prejudicadas. Pensando nisso, recentemente o voleibol estabeleceu uma parceria com o SESI que dá aulas dentro do próprio Centro a atletas que passam por essa situação. Isso contribui para que eles minimizem possíveis prejuízos nos estudos.

Valem algumas considerações acerca do segundo Centro mais completo de acordo com o gráfico 2, o de ginástica artística de São Bernardo. Por ficar localizado no mesmo complexo que o Centro de Atletismo, pertencendo ambos à Arena Caixa, pode-se perceber nas respostas que foi considerado como se ambos fossem um só ao responder questões sobre infraestrutura e equipamentos.

Também o gestor do Centro de Boxe considerou parte das instalações e serviços do NAR como próprios devido à parceria existente entre ambos. Os gráficos ilustram a quantidade de serviços oferecidos e espaços existentes neste sentido. Essas parcerias se mostraram benéficas a ambas as modalidades nos lugares em que estivemos.

Enquanto isso, o gestor no CT de Judô optou por não considerar as piscina e minipista de atletismo ao responder as questões por não terem padrões oficiais, embora afirmou possuir alguns ambientes como academia de musculação e sala de pesquisas mesmo sem elas estarem equipadas na ocasião da visita. Com a característica particular devido à fase de experimentação, o entrevistado do Centro de Judô em Lauro de Freitas, explicou ainda que os serviços descritos no gráfico 3 são oferecidos quando há eventos, caso contrário, não. Isso, devido ao fato que notamos e nos foi explicado que este CT ainda não está em pleno funcionamento, uma vez que teve uma inauguração relativamente recente (2014).

Outra particularidade existente é referente ao Núcleo de Alto Rendimento (NAR), que possui uma característica diferente dos demais, pois não pertence a nenhuma Confederação e tem fins de avaliação de atletas e, devido a isso, oferece apenas apoio científico, pois os demais ficam a encargo das seleções que vão treinar lá levando seus profissionais multidisciplinares (médicos, fisiologistas e outros conforme necessidade).

Em resposta a questão 30, acerca de realização de estudos atualmente no CT vinculados a Universidades, metade dos entrevistados disse que há. Sabe-se que este é um pilar (número 9) do modelo *SPLISS* que contribui para que se tenham bons resultados nas competições internacionais.

Acerca das acomodações, dos CTs que possuem alojamentos, dois deles comportam uma média de 200 atletas e outros dois comportam uma média de 30 atletas. Consideradas as necessidades das modalidades que esses Centros atendem, há uma coerência, uma vez que o único Centro que atende modalidade coletiva (voleibol) é o que tem maior capacidade (250 pessoas). Os demais, voltados principalmente às modalidades individuais: judô, Time Brasil e de canoagem comportam respectivamente 140, 32 e 24 atletas.

Outra unanimidade foi na resposta acerca de se os membros da equipe multidisciplinar eram suficientes para a demanda de atletas. Todos disseram que sim, embora

encontremos uma contradição unindo ao fato de percebermos que alguns deles, como gestores, tinham que se ocupar de outras funções, como eles próprios relataram. Já no tocante a disponibilidade da equipe multidisciplinar para atendimento de atletas em período integral, um dos oito gestores disse que não estavam disponíveis o tempo todo. Os outros sete afirmaram haver essa disponibilidade.

Sobre os investimentos recebidos, 3/8 gestores assinalaram que os investimentos recebidos não são suficientes para manter a instalação. A maioria disse ser suficiente. Ademais, foi perguntado acerca de parcerias públicas, privadas e com Universidades. Parceria pública, todos relataram ter: com Prefeituras, Ministério do Esporte, Confederações, Comitê Olímpico Brasileiro e Secretarias Municipais. Parcerias privadas foram apontadas mais no tocante aos patrocinadores; todos também afirmaram possuir.

Já parcerias com Universidades, nem todos afirmaram estabelecer. Apenas cinco possuem, tendo sido citadas como parceiras as Universidades: Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Baiana.

Sobre subsídios advindos de Leis de Incentivo Fiscal, metade dos Centros investigados afirmou possuir. Outros quatro disseram que não. Dos que possuem, alguns são referentes a investimentos em infraestrutura, outros referentes a apoio e incentivos para atletas. Os incentivos recebidos que foram citados são: Lei de Incentivo ao Esporte, Bolsa Atleta, Bolsa Pódio e Lei Agnelo Piva.

Todos responderam que houve interesse de equipes estrangeiras utilizarem as instalações, quer fosse para treinamentos, aclimação para os Jogos Olímpicos ou estadia. Alguns CTs, inclusive, já haviam recebido estrangeiros para treinamentos. A totalidade afirmou permitir que estrangeiros treinassem nos locais, mas cada um estabelece um acordo para isso. No que diz respeito à abertura dos espaços para que houvesse treinos de atletas da base, os gestores dos locais também afirmaram possuir.

A permanência de atletas da base nos mesmos ambientes ou locais próximos à permanência das equipes profissionais é uma prática que pode ser benéfica também do ponto de vista social. Chiminazzo (2001) comenta em seu estudo sobre a influência dos ídolos para ajudar o esporte a crescer e aumentar o número de participantes. Siqueira (2004) afirma que os ídolos muitas vezes são responsáveis pelo surgimento de novos atletas e ajudam na evolução e popularização do esporte. Neste sentido, inferimos que a convivência de atletas de elite com atletas em formação pode ser uma estratégia importante e necessária a ser pensada como parte de uma política esportiva de uma nação.

5.4 Diários de Campo

Com intuito de investigar a dinâmica de utilização dos ambientes visitados e de confrontar o que foi observado com o que foi respondido na entrevista e no questionário foram elaborados diários de campo. Por meio deles foi possível complementar as informações que não foram obtidas de maneira integral nas respostas dadas pelos gestores. Em suma, pode-se constatar que grande parte das respostas dadas pelos gestores condiz com o que ocorre na prática.

Uma informação ainda não relevada que pudemos observar sobre a equipe multidisciplinar encontrada nos Centros, foi que a maioria de profissionais das funções de técnicos, fisiologistas, preparadores físicos e gestores são do sexo masculino. Dos oito entrevistados, apenas uma gestora era do sexo feminino. Já nas áreas de nutrição, educacional, fisioterapeutas, psicológica houve uma tendência um pouco maior em encontrarmos profissionais do sexo feminino.

Em um contexto geral, o número de profissionais do sexo masculino prevaleceu sobre o do feminino. Também Amaral et al. (2014) constataram em seu estudo com gestores do Estado de São Paulo que 85% dos gestores e dirigentes eram do sexo masculino.

Acerca dos alojamentos, embora relatadas as capacidades de cada um dos Centros que os possuem, vimos que alguns estão sendo utilizados na sua capacidade máxima ou quase máxima (canoagem e voleibol) enquanto outros permanecem com nenhum atleta ou poucos deles alojados (caso do CT de Judô e do CT Time Brasil). Esta constatação nos fez refletir acerca da utilização desses espaços, sendo que a visita ocorreu há cerca de um ano de antecedência aos Jogos Olímpicos do Rio 2016.

Investigamos e entendemos que a demanda no Centro de Treinamento Time Brasil é um pouco diferente das demais CTs. Nele, há atletas de Clubes, maioria de modalidades individuais, que vão fazer treinos diários na instalação com seus técnicos próprios, não demandando ficar alojado com suas equipes, diferentemente do que ocorre com o voleibol, no qual as equipes passam longos períodos alojadas.

Uma particularidade existente é quanto à pesquisa científica aplicada realizada no Núcleo de Alto Rendimento (NAR), que possui uma característica diferente, sendo de avaliação de atletas e, devido a isso, oferece apenas apoio científico, pois os demais serviços ficam a cargo das seleções que vão fazer as avaliações lá, levando seus profissionais multidisciplinares. Além de avaliar atletas e disponibilizar aparelhos de musculação e espaços para treinamento para realização dos treinos prescritos, há cursos no NAR a fim de capacitar

profissionais da área. Um dos mais recentes oferecidos foi o de “Metodologia de Treinamento para o Esporte de Alto Rendimento”.

Como a instalação de treinamento de boxe está localizada ao lado no NAR, o gestor do CT de Boxe considerou parte das instalações do Núcleo como também pertencente ao boxe ao responder as questões. Fez isso devido à parceria existente entre Prefeitura e NAR, afinal o terreno foi cedido pela Prefeitura de Santo Amaro para que tal Núcleo se instalasse. Devido a isso, pode-se notar nos gráficos 2 e 3 que o Centro de Boxe apresenta-se bastante equipado, embora percebamos que o espaço do boxe em si (imagem 8) apresenta condições, de certa forma, precárias.

O mesmo ocorreu com a ginástica artística que considerou as instalações do atletismo como parte própria. Visto que lá também ocorre parceria e ambos integram a Arena Caixa, nota-se que houve coerência no que foi respondido em ambos os casos. Inclusive no dia da visita a São Bernardo, em conversa com o ginasta Diego Hypólito que treinava no local, constatamos essa parceria, tendo ele nos explicado acerca dela e feito parte dos seus treinamentos do período da manhã no Centro de Atletismo.

Já o CT Time Brasil recebe atletas das proximidades, principalmente de clubes, visto que em Deodoro, onde está localizado, haverá nove instalações de diferentes modalidades que terão atletas do alto rendimento treinando para as Olimpíadas. De acordo com o gestor, destas nove, seis devem ficar e outras três serão desmontadas após os Jogos.

A parceria do CT Time Brasil com o COB permite com que atletas de seleções, de clubes ou não, apresentando exame médico e agendamento, utilizem o CT, que possui sala de treinamento de força e condicionamento e sala de treinamento funcional destinadas ao mais alto nível da preparação física de diversas modalidades (AIB, 2015). Ademais, há laboratórios em fase de finalização para realizar pesquisas científicas com os atletas que treinam lá.

A despeito das pesquisas científicas, notamos que nem todos os Centros visitados interagem diretamente com pesquisadores. Apesar de a maioria dos entrevistados reconhecerem a importância dessa interação, foram pontuais as intervenções encontradas neste sentido.

Além do NAR, que trabalha diretamente com pesquisas aplicadas ao esporte, o Centro de Desenvolvimento do Voleibol foi um dos que mais apontou para essa aproximação necessária da teoria com a prática. Porém, de acordo com o gestor do CDV, apesar de terem algumas pesquisas sendo desenvolvidas no Centro neste sentido, um ponto em que eles gostariam de se aperfeiçoar diz respeito a ter um laboratório de produção de conhecimento dentro do CDV.

Muito próximo dos padrões internacionais nos serviços e instalações oferecidas, o voleibol caminha para ser referência de Centro de Treinamento voltado para o alto rendimento. Com os inúmeros diferenciais apresentados pela modalidade, ter um laboratório de produção de conhecimento irá corroborar ainda mais para atestar a qualidade do CT. A manutenção e aperfeiçoamento do sistema de ensino regular, atualmente feito pelo SESI, de implantação relativamente recente, dentro do próprio CDV, também contribuirá para assegurar seus níveis de excelência.

Mais do que isso, os resultados que o país obtiver na modalidade em 2016 na principal competição de esporte mundial, os Jogos Olímpicos, poderá contribuir para atestar, por meio da constatação de fatos, que o Brasil possui um Centro de Treinamento voltado ao alto rendimento se comparado a padrões internacionais. Vale destacar, que no Mundial de 2015 o voleibol conquistou cinco de um total de dezoito medalhas conquistadas pelas diversas modalidades pelo Brasil na competição.

Outros Centros demonstraram valorizar as pesquisas científicas na área, mas seus laboratórios de pesquisa não foram vistos em funcionamento nos dias de visita, colocando-nos em dúvida de sua utilização efetiva pelas modalidades. Exceto o do NAR, que trabalha diretamente com este tipo de pesquisa e estava em pleno funcionamento na data da visita.

Esta questão pode ser apontada como um dos pontos mais falhos no contexto geral dos espaços investigados, pois apesar de o gráfico 3 mostrar que neles existem laboratórios de pesquisa, a utilização desses espaços não corresponde ao que é esperado perante a importância de se ter estudos científicos no esporte de alto nível. Não à toa o Conselho Superior de Deporto da Espanha (2002) coloca como condição, na Espanha, que o CT tenha laboratórios de pesquisa em funcionamento, com profissionais específicos e atuantes para que o Centro possa ser considerado de excelência.

Outra limitação encontrada nos CTs do Brasil ocorre no tocante ao apoio educacional oferecido. Também considerado essencial pelo CSD (2002), esta é uma questão à qual as modalidades precisam se organizar. Novamente, o CDV mostrou que está à frente de outras nesta questão tendo recentemente estabelecido parceria com o SESI com professores que atuam dentro do CT com aulas regulares, em especial a atletas das categorias de base que ficam alojadas. Trata-se de uma fase experimental de acordo com fala de profissionais do CT.

Já referente ao apoio educacional no âmbito de formação e capacitação de profissionais, há cursos oferecidos em parceria com o COB no Centro de Treinamento Time Brasil e, conforme apresentado, no NAR em parceria com o Instituto Península.

A canoagem foi outra modalidade que mostrou preocupação com questões educacionais dos atletas, dando apoio referente a transporte e bolsas de estudos para eles. Também contratou uma professora particular para ministrar aulas aos atletas no alojamento. Tanto para os do ensino médio como para os de ensino universitário há apoio da CBCa.

O CT gerido pela CBCa, foi também, das instalações percorridas, uma que se aproximou de padrões de excelência. Um complicador foi o fato de não haver alojamentos, academia e outras instalações e serviços essenciais dentro do CT, mas em locais próximos, por ficar dentro da Itaipu Binacional. Ainda que perto do CT, essas dependências deveriam estar dentro e não apenas próximas dele em condições ideais (CSD, 2002).

Outros Centros apresentaram limitações que os impediram de atender aos requisitos levados em conta para ser considerado Centro de Excelência. As limitações descritas a seguir não foram todas identificadas em um único Centro, mas identificadas pontualmente. Optamos por não referenciar ao CT de que modalidade se refere cada um desses pontos observados. Tais limitações relacionam-se a:

1. Gestão amadora, nas quais os gestores têm outras funções que não a de gestor, e assumem funções que não competem a eles, além da falta de formação acadêmica adequada;
2. Falta de equipamentos de qualidade compatíveis com exigências de excelência esportiva e com as especificidades da modalidade, acarretando condições precárias de treino;
3. Carência de apoio educacional aos atletas e de profissionais capacitados na própria instalação do CT para atender àqueles atletas em idade escolar;
4. A não realização ou carência de pesquisas científicas voltadas para o desenvolvimento dos atletas e falta de parcerias com Universidades e de profissionais que realizem pesquisas científicas que atendam às demandas das modalidades do CT;
5. Infraestrutura precária, sem manutenção adequada e sem medidas com padrões oficiais para treinamento;
6. Falta de apoios e serviços multidisciplinares, tendo o atleta de buscar em outro lugar que não o CT para tratamentos e acompanhamentos que deveriam ser feitos e oferecidos dentro da própria instalação;
7. Inexistência ou falta de clareza de critérios das Confederações sobre como se dá o funcionamento do CT, sobre quem pode frequentar as instalações e acerca do que compete a cada um dos profissionais que trabalham no local, o que implica profissionais sobrecarregados;
8. Falta de planejamento a médio e longo prazo e de interlocução do alto rendimento com o esporte de base e a iniciação esportiva.

Vê-se, portanto, que a observação não participante nos permitiu não só entender o que os gestores falavam, mas investigar como os CTs funcionavam. Não se trata de criticar o que existe no Brasil no tocante à infraestrutura e recursos humanos, pois os locais investigados não deixam de ser referências no país; mas tendo base padrões apresentados pela literatura de Centros do exterior e as próprias constatações feitas em um dos Centros (CDV), percebemos que ainda há um caminho a ser trilhado até alcançar níveis de excelência. Os investimentos, as pesquisas, as políticas esportivas de médio e longo prazo poderão permitir que futuramente os CTs em questão passem a ser considerados de alto nível.

5.5 Interlocuções da iniciação com o alto rendimento

Tratar do esporte contemporâneo é “compreendê-lo de forma ampla, não o restringindo a sua dimensão social em apenas um tipo de abordagem: o esporte de rendimento” (GOELLNER, 2005, p.82).

Galatti (2010) explica que o esporte contemporâneo pode ser considerado um fenômeno sociocultural presente em cenários e contextos. Para a autora, o fenômeno esporte tem acontecido nas escolas, nas praças públicas, nas academias, nos clubes, nas empresas, em complexos esportivos, entre outros espaços. É possível perceber, portanto que o acesso ao esporte não é apenas para os mais aptos, mas para todas as pessoas dentro de diferentes níveis de prática ou possibilidades de participação.

O esporte no início do século XXI tem se configurado com um dos maiores atrativos para adolescentes e crianças, estando presente, desta maneira, em diversos projetos sociais do país em que os professores visam oferecer uma prática educacional que contribua para a diminuição dos problemas sofridos pelos participantes destes projetos (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012).

De acordo com Galatti (2010) está havendo uma mudança de concepção de esporte em todo o mundo. Segundo ela, o modelo piramidal que existia há décadas atrás vem dando espaço a outro, que engloba estética, entretenimento público e lazer. Por meio de uma investigação em clubes na Espanha, a autora sugere que o esporte contemporâneo é fortalecido com um grande número de pessoas envolvidas.

Portanto, a não restrição do esporte apenas ao âmbito do alto rendimento é a evolução requerida pelo fenômeno esportivo globalizado. Ainda de acordo com Galatti (2010), “Na contemporaneidade é necessário manter o maior número possível de pessoas envolvidas com o fenômeno, emergindo diferentes manifestações esportivas com distintos

significados.” Assim sendo, a interlocução da iniciação esportiva com o esporte de alto rendimento pode ser considerada uma ferramenta para que haja demanda de praticantes futuramente.

Mazzei et al. (2012) afirmam que o desenvolvimento de políticas esportivas é um dos fatores que levam ao sucesso esportivo internacional de um país. Segundo os autores, o Estado tem destinado recursos para o desenvolvimento de modalidades olímpicas através de aportes direcionados para o Comitê Olímpico Brasileiro e às Confederações Brasileiras Olímpicas que devem aplicar os recursos, dentre outras coisas, em programas e projetos de fomento.

Projetos estes que, quer seja de iniciativa privada ou pública, foram identificados em Centros deste estudo. É preciso destacar, portanto, o que é feito em boa parte dos Centros de Treinamento visitados, os quais possuem projetos que permitem participação de crianças em atividades esportivas nos mesmos ambientes frequentados por atletas de alto nível. Isso contribui para a democratização do acesso esporte. Galatti (2010), a partir de um estudo de clubes espanhóis, sugere que essa democratização, em via contrária, cria possibilidade do próprio clube se fortalecer a partir das múltiplas possibilidades do fenômeno esportivo.

Acrescentamos que não só nos clubes, mas na esfera pública isso também pode acontecer, o esporte de iniciação beneficiar-se do esporte de alto rendimento e vice versa. Um dos ganhos para o esporte da iniciação seria a aproximação de crianças iniciantes com seus ídolos, que é de grande valia visto que permite que a criança sonhe em ser um jogador parecido com o ídolo e pode despertar nela o desejo pelo esporte (MORATO et al. 2011).

De acordo com Morato et al. (2011) a admiração por algum jogador sempre esteve presente na vida das crianças e em suas brincadeiras sempre falavam os nomes de seus ídolos. Portanto, elas veem na figura dos ídolos uma motivação para necessidade de tentar repetir os mesmos caminhos que os seus.

Diversos projetos puderam ser identificados em alguns dos Centros visitados, os quais engrandecem as modalidades existentes no CT à medida que favorecem que haja mais praticantes e mais espectadores, além do engrandecimento no que diz respeito a fatores sociais e educacionais (VIOLA, 2012).

Podemos citar o projeto desenvolvido no estudo piloto, no CEAR em Campinas, que oferece atletismo para crianças em parceria com instituto Vanderlei Cordeiro de Lima. Além deste, há o projeto de judô desenvolvido em Lauro de Freitas, intitulado “Avança Judô”, que atende cerca de 200 crianças da região. Há também no Centro de Boxe aulas de iniciação à modalidade para crianças. Na Arena Caixa, em São Bernardo, um projeto de atletismo que

oferece vivências aos alunos da escola que fica dentro do Complexo e aulas de iniciação à ginástica artística para meninos e meninas. No Centro de Canoagem, no Canal de Itaipu, há o projeto de iniciação à canoagem do Instituto Meninos do Lago, que oferece aulas para crianças e jovens.

Com tantas possibilidades sem custo, aulas gratuitas e variedade de opções, certamente nota-se uma contribuição social do esporte, intensificado pelos Jogos Olímpicos, que vai ao encontro do que se espera de uma política esportiva que compreende que “o esporte contemporâneo apresenta características que evidenciam sua evolução” (PAES, 2009). Interpretando, pois, seus múltiplos significados faz-se possível dar oportunidades às crianças promovendo a democratização do esporte.

5.6 Modelo possível: abordagem multidisciplinar

Em vistas a atender o segundo objetivo específico, iremos sugerir um modelo de Centro de Excelência para o Brasil, baseado na literatura nacional e internacional e nos acertos e limitações encontrados durante as visitas nos Centros pelo Brasil. Ademais foram considerados resultados internacionais das modalidades. A principal hipótese neste estudo foi se haveria um Centro de Treinamento de Excelência no Brasil que pudesse atender a padrões internacionais para este tipo de instalação.

O que mais se aproximou da excelência testada nesta hipótese foi o Centro que aborda a multidisciplinaridade não só na teoria, como a considera na prática. Que possui resultados relevantes em competições internacionais e praticamente toda a infraestrutura descrita pelo CSD (2002) necessária para um CT ser considerado de excelência. Ademais, há uma espécie de cartilha (Anexo IV) proposta pela Confederação da modalidade, detalhando as atribuições de cada membro da equipe, que é posta em prática e serve de balizamento para o programa de treinamento. Sem contar, que além das instalações serem adequadas, o CT possui todos os apoios essenciais que devem ser oferecidos.

Outras modalidades possuem instalações com infraestrutura física e equipamentos, se não melhores, de mesmo nível deste Centro referido acima. Porém, com falhas no corpo técnico e multidisciplinar. Dessa forma, algumas se aproximaram mais do modelo de excelência, outras menos.

Inferimos, portanto, que só a infraestrutura não foi determinante para se beirar ou mesmo chegar a excelência, mas os serviços de apoio e multidisciplinaridade presente neles, sim. De acordo com pesquisa realizada por Leonardi, Antonelli e Paes (2015), na base de

dados PUBMED, SCOPUS e SPORTDISCUS, cujas palavras chave foram *multidisciplinar team; sport; training*, nota-se que o número de artigos sobre atuação de equipes multidisciplinares no esporte vem ganhando destaque nos últimos anos.

O critério de inclusão adotado para confecção do gráfico abaixo foi: artigos que tivessem o esporte e a atuação de equipes multidisciplinares como temas centrais. Já o critério de exclusão foi referente a artigos que retratassem apenas de atuações clínicas e/ou hospitalares. Desta forma obtiveram-se os artigos analisados em seguinte quantidade PUBMED (11/48); SCOPUS (17/27); SPORTDISCUS (14/33).

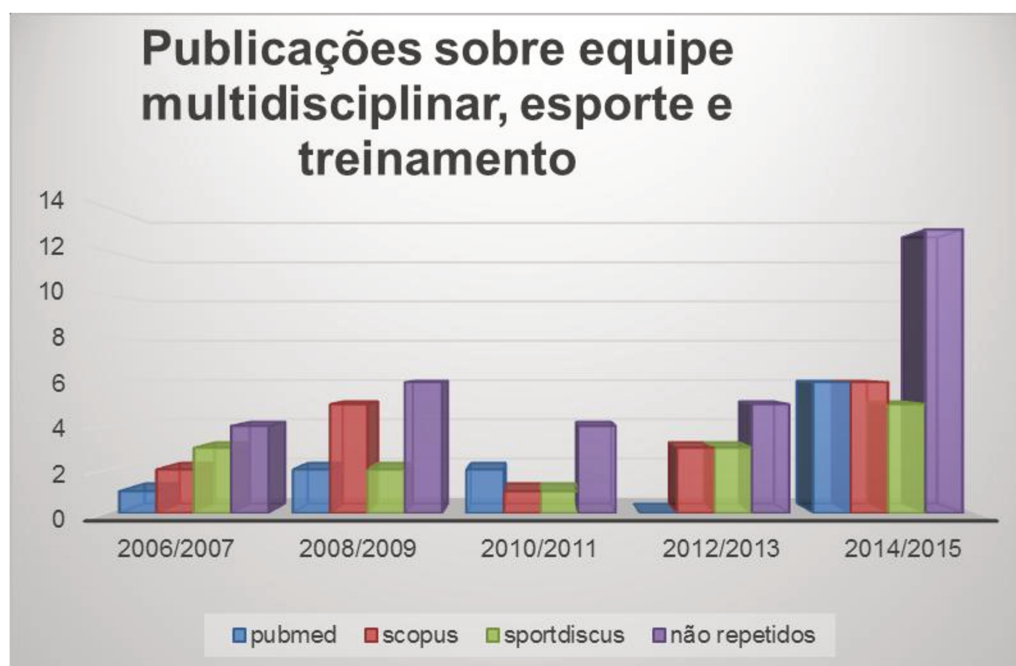


Gráfico 4 - Publicações existentes sobre multidisciplinaridade (LEONARDI; ANTONELLI; PAES, 2015).

Como mostrado, a crescente importância atribuída à multidisciplinaridade não é à toa. É reconhecido na teoria e na prática a importância de se ter profissionais capazes que atendam as demandas físicas, técnico, tática e psicológica dos atletas. Há diversas indicações de que uma equipe multidisciplinar intensifique o acompanhamento do treinamento dos atletas (GUSTAFSSON; HOLMBERG; HASSMÉN, 2008; TIVENER; GLOE, 2015).

Logo, apesar de a multidisciplinaridade estar presente nas respostas dadas pelos profissionais, não foi notória em todos os ambientes visitados sua aplicabilidade integral. A não ser no Centro a que referimos ter se destacado. Trata-se do Centro de Desenvolvimento do Voleibol Brasileiro: CDV. Lá é possível notar a abordagem multidisciplinar aplicada na prática envolvendo os componentes técnico, tático, físico, psicológico e social visando o alto

nível (NETO, 2004). Neto (2004) cita em seu estudo que a preparação da seleção feminina de voleibol juvenil que venceu o mundial de 2001 foi pautada nos seguintes princípios:

A estrutura do processo de treinamento, o trabalho multidisciplinar, a sistematização do treinamento, a evolução tática individual e coletiva, a evolução física, a integração social, a qualidade de vida, a saúde das atletas, o equilíbrio emocional durante a competição, pontos relevantes no moderno processo de preparação do desportista.

O principal objetivo do autor, que atualmente ocupa uma função de gestão na CDV, foi “contribuir com estabelecimento de uma metodologia de trabalho para jovens atletas especialmente voltado ao voleibol contemporâneo, onde as características físicas e anatômicas, aliadas as emocionais e táticas interferem diretamente nos resultados de um trabalho de alto rendimento.” Pautado nisso, ele abordou questões do treinamento envolvendo periodização, testes físicos, prevenção de lesões, tratamento fisioterápico, psicológico, dentre outros.

E foi exatamente isso que foi visto no treinamento das Seleções que estavam no CDV. Ou seja, não basta ter materiais e equipamentos, há de se ter uma filosofia de trabalho embasada cientificamente para acompanhar a evolução do esporte. E vimos a multidisciplinaridade como principal ferramenta para um trabalho coeso e completo. Multidisciplinaridade esta que já vinha sendo descrita e apontada como fundamental por Neto (2004):

Fica claro que não é possível desconectar os elementos que compõem o treinamento. Não se pode tratar separadamente, preparação física, preparação técnica, preparação tática, preparação psicológica. O treinamento multidisciplinar no esporte moderno é uma realidade e neste estudo busca-se a integração dos vários componentes do sistema de preparação.

Além disso, trata-se de uma estruturação de trabalho que não é de curto prazo. Portanto, o planejamento de médio e longo prazo é essencial para a manutenção de resultados. Nota-se que o voleibol mantém uma hegemonia de conquistas perante o cenário internacional. Atualmente, no Brasil, é a modalidade com mais medalhas olímpicas conquistadas, totalizando vinte medalhas.

Portanto, não nos cabe direcionar para um único modelo e fazer dele a verdade absoluta, mas fazer apontamentos acerca do que há de mais moderno e completo no âmbito

dos Centros de Treinamento voltados para o alto nível no Brasil a fim de dar subsídios para que se estruturarem mais programas e projetos de sucesso.

O modelo de Centro ideal deve ser construído por cada modalidade. Mas um modelo de CT que sugerimos de ser considerado, capaz de quebrar a hipótese que no Brasil não haveria CTs de Excelência, é o adotado pelo voleibol. Portanto, defendemos um modelo de CT para o alto rendimento no Brasil que se assemelhe ao CDV e ofereça:

1. Infraestrutura Física¹ e equipamentos condizentes com as necessidades e especificidades das modalidades com padrões de qualidade, em número suficiente e voltados ao treinamento de alto nível;
2. Equipe multidisciplinar capacitada e com quantidade de profissionais adequada, com função de cada membro bem definida. Incluindo médicos, psicólogos, nutricionistas, treinadores, fisioterapeutas, administrador, gestor, e outras funções que se julgarem pertinentes;
3. Possuir filosofia de trabalho estruturada a curto, médio e longo prazo, embasada cientificamente, que considere o esporte contemporâneo e sua evolução, a qual se mantenha em constante aprimoramento;
4. Oferecer apoio aos atletas em período integral nas diversas áreas (gráfico 3) e dar importância devida e subsídios para que os atletas se mantenham estudando mesmo em períodos de treinamento;
5. Estrutura Organizacional baseada no profissionalismo, dando condições aos atletas e todos os profissionais envolvidos de levarem o esporte como profissão;
6. Visão empresarial do esporte a partir do entendimento de suas diversas manifestações (educacional, rendimento e participação);
7. Possibilitar que atletas da base e do alto rendimento convivam em ambientes de treinamento e sejam ambientados e instruídos a ter responsabilidades e motivados a seguir na modalidade por estarem próximos de seus ídolos.
8. Recursos financeiros suficientes para manutenção de todos itens acima citados.

¹ O Conselho Superior de Desportos (CSD) da Espanha estipula condições de infraestrutura bastante pertinentes de serem empregadas no Brasil. Os requisitos propostos pelo CSD (2002) podem ser considerados como sugestão para estruturação das instalações do Brasil. São eles: ser instalações de caráter multidisciplinar ou monodisciplinar, com equipamentos esportivos de alta qualidade; possuir alojamentos, com residências amplas, localizadas em áreas silenciosas, próximas dos espaços esportivos e de centros educacionais, oferecendo ainda áreas de estudo e de convivência; dispor de um órgão de gestão administrativa que controle o funcionamento da instalação; contar com uma equipe técnica esportiva; dispor no local de serviço médico-esportivo para a prevenção e tratamento de lesões, e de reabilitação física; dispor no local de departamentos científicos e de investigação, que ajudem tanto aos treinadores como aos esportistas a conseguir seus objetivos de rendimento e dispor de um centro educacional, na própria instalação ou próximo a ela.

Outro ponto interessante seria considerar projetos sociais que apresentassem as modalidades a crianças e jovens nas proximidades ou dependências do CT.

Interessante acrescentar a ênfase que é dada no CDV ao trabalho psicológico. Como disse Neto (2004) “o acompanhamento psicológico, é fundamental dentro de um processo de treinamento com jovens atletas”. A abordagem psicológica é implementada no CDV de maneira eficiente e diferenciada. Como pequeno exemplo do que é feito lá, dentro CT há frases de incentivo e de motivação, por toda parte (Anexo V). A justificativa do psicólogo das seleções Hermes Balbino referente a isso é que seja criado um espírito vencedor, por meio de um ambiente que inspire vitória.

Além disso, o apoio nutricional também se mostrou bastante presente aos atletas, que possuem um cardápio diário com três refeições e lanches nos intervalos das refeições pensados de acordo com os treinamentos a atividades realizadas no CDV.

Em suma, percebe-se que não se pode avaliar a infraestrutura de um CT de maneira isolada. É preciso entender que o esporte é um fenômeno complexo e deve ser compreendido em toda sua essência. Para testar a hipótese principal deste estudo foi preciso considerar a infraestrutura, sem esquecer como se dá a utilização dela.

Notou-se que a ocupação multidisciplinar do CT é o que garante sua excelência. Também a sua manutenção, planejamento, aperfeiçoamento e gestão profissional contribuem para que se atendam às exigências do alto nível esportivo.

Esperamos que o estudo possa servir de referência para se pensar em Centros de Treinamento no Brasil voltados para o alto rendimento. É preciso entender as limitações de cada ambiente e modalidade para ter coerência e investir naquilo que vem sendo destinado ao esporte, especialmente devido aos Jogos Olímpicos de 2016 ocorrerem no Rio de Janeiro. Além de conhecer as limitações, são necessárias normas e padronizações a fim de tornar mais efetivos os investimentos, apostando em construções e reformas que acompanhem níveis de excelência de infraestrutura e equipamentos de países de sucesso esportivo internacional (DIGEL, 2002).

Além disso, apontar aquilo que vem sendo feito de maneira coesa e embasada cientificamente também se faz interessante à medida que serve de referência para àqueles que querem se aperfeiçoar. Não se trata de imitar, mas de considerar pontos que culminam para bons resultados; não fosse isso o voleibol não teria destaque de resultados em competições internacionais. A seleção brasileira adulta masculina atualmente ocupa o primeiro lugar no ranking geral da FIVB. As seleções de base masculina ocupam o quarto. A seleção principal feminina ocupa a terceira colocação mundial e a de base (júnior), o segundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notória a carência de estudos acerca das instalações esportivas brasileiras e nítida a falta de padronização nacional das instalações existentes (MAZZEI et al., 2012). Cada Confederação projeta da sua maneira a utilização dos Centros voltados a excelência esportiva.

Essa carência deverá ser suprida a fim de contribuir para que o país se aproxime do nível de excelência de outras nações. Em suma, entendemos que quanto mais o Brasil se aproximar de modelos de sucesso e se afastar de modelos de gestão amadora, mais próximo do primeiro lugar no pódio em competições internacionais ele poderá chegar.

Em atendimento aos objetivos deste estudo, o diagnóstico das nove instalações visitadas nos permite inferir que há quem se aproxime de parâmetros de excelência de treinamento se tidos como referência padrões e normas internacionais (CSD, 2002). A atual utilização dos espaços e o histórico de resultados obtidos colocam o CDV como muito próximo de oferecer altíssimo nível de qualidade.

Há modalidades que caminham neste mesmo sentido. Outras demonstraram-se mais estagnadas. O fato é que foi possível interpretar o fenômeno e fazer apontamentos do que é positivo e daquilo que não o parece. Portanto, não viemos aqui apresentar um modelo que é imutável e comum a todas as modalidades, mas iniciar uma discussão na área que permita sugerir um possível modelo baseado nas principais constatações obtidas.

O esporte contemporâneo exige profissionalização em todos os âmbitos, do gestor ao atleta. O modelo piramidal vem perdendo espaço (GALATTI, 2010) e a democratização do acesso, a mercantilização e espetacularização; vêm ganhando. O esporte de alto nível precisa acompanhar a evolução e considerar modelos de gestão empresarial do mesmo.

Os investimentos que têm sido feitos e intensificados no Brasil às vésperas das Olimpíadas de 2016 em instalações esportivas serão benéficos principalmente se a ocupação deles após os jogos for planejada, estruturada e baseada na multidisciplinaridade (LEONARDI; ANTONELLI; PAES, 2015). Caso contrário o país poderá não avançar tanto quanto poderia vide o incentivo de sediar os Jogos Olímpicos.

Às modalidades, cabe a cada uma estruturar e ver o que as levaria à excelência, ter conhecimentos de modelos de sucesso, nacionais e internacionais e sempre atrelar o trabalho à pesquisas no âmbito da ciência, além de oferecer apoio educacional aos atletas em toda fase da vida. Mesmo porque, o plano pós-carreira é um dos pilares que sustenta e assegura o sucesso esportivo internacional de um país como visto no modelo *SPLISS* (Figura 2).

O Plano Brasil Medalhas, implementado de 2012, tem contribuído, quer seja com infraestrutura e equipamentos, com contratação de técnicos ou apoio aos atletas, para os Jogos Olímpicos de 2016. Contribuiria ainda mais se já houvesse claro no momento de sua aprovação padrões e normatizações construídas por cada Confederação, referentes a requisitos acerca de infraestrutura, funções de cada profissional, políticas de encaminhamento e seleção de atletas aos locais de treinamento, apoios essenciais a ser oferecidos aos atletas e, em suma; uma Política Nacional do Esporte com planejamento de curto, médio e longo prazo.

Como visto, nem todos os Centros que se autointitulam de excelência apresentam serviços e instalações que, de fato, correspondam a excelência no alto nível esportivo. Porém, um dos Centros visitados surpreendeu positivamente e apresentou-se a fim de que nossa hipótese não fosse confirmada. Embora faltando um ou outro detalhe, consideramos que o Centro de Desenvolvimento de Voleibol Brasileiro pode se comparar a Centros internacionais e servir de referência de CT de Excelência do Brasil.

Em atendimento ao segundo objetivo específico deste estudo, propusemos indicativos daquilo que consideramos essencial a um Centro que atende ao alto rendimento. Tais indicativos estiveram presentes no CDV e não dizem respeito apenas à infraestrutura física, mas também e principalmente acerca de como se dá a utilização do espaço, dos equipamentos e a intervenção de profissionais multidisciplinares. Também expusemos algumas falhas encontradas nos CTs visitados e a partir desses indicativos apontamos para um modelo de Centro que possa ser adequado ao esporte nacional, desde que sejam consideradas as particularidades das modalidades e os nuances do esporte contemporâneo.

As respostas dadas pelos gestores entrevistados mostram que eles estavam satisfeitos com os locais de treino e consideravam-nos de excelência em âmbito internacional, mesmo os que não tinham conhecimento de como são os Centros do exterior. É preciso ampliar os horizontes, entendendo o que vem sendo feito não só no Brasil como mundo quanto a excelência esportiva a fim de ampliar o conhecimento e sugerir maneiras de aperfeiçoar o que já existe.

Portanto, apontamos para a necessidade de, tendo feito o diagnóstico das instalações do país - que não se encerra aqui, já que há outros Centros a serem investigados que em breve devem estar em funcionamento - conhecer Centros de Treinamento de outros países tidos como referências internacionais (INSEP- França, Colorado Springs- EUA) a fim de confrontar o que se tem no Brasil, com o que se tem no exterior e ver em que o Brasil se aproxima e em que o Brasil se distancia dessas instalações de renome no exterior.

Dessa maneira, poder-se-á avançar a discussão no campo das instalações esportivas no Brasil, que ainda é insipiente, e contribuir para que o fenômeno esportivo brasileiro (GALATTI, 2010) seja interpretado na modernidade e avance, possibilitando a conquista de títulos internacionais em competições do alto nível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGÊNCIA DE SUSTENTABILIDADE. **Esporte e sustentabilidade: uma perspectiva para o Brasil além da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos.** Disponível em: <<http://www.agenciadesustentabilidade.com.br>>. Acesso em 07 de janeiro de 2015.

AIB News. Associação de Imprensa da Barra. **CT Time Brasil conta com nova sala de Treinamento Funcional.** Disponível em: <<http://aibnews.com.br/noticias/plantao-barra/2015/12/ct-time-brasil-counta-com-nova-sala-de-treinamento-funcional.html>>. Acesso em 08 de janeiro de 2016.

ALMEIDA, S. S. **Criação do Centro Olímpico Nacional de Treinamento. Um Plano Estratégico.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para conclusão do Curso Executive Masters in Sport Organizations Management, Espanha, 214p. 2008.

AMARAL, C. **Gestor de instalações esportivas do município de São Paulo: perfil, formação e desempenho da função.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Escola de Educação Física e Esporte, USP, 2014.

AMARAL, C. M. S.; BASTOS, F. C.; SARMENTO, J. P. Perfil do gestor de instalações esportivas no norte de Portugal. **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**, vol. 3, n. 2. jul./dez, 2014.

ANTUALPA, K. **Centro de Treinamento de Ginástica Rítmica do Brasil: estruturas e programas.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). 2011. 187f. Faculdade de Educação Física, Unicamp, 2011.

ANTUNES, A. P.; LAUREANO, A. M. G. **Construção sustentável: principais tecnologias e inovações.** Trabalho de Conclusão de Curso (Engenharia Civil) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2008.

ATHAYDE, P; MASCARENHAS, F.; MATIAS, W. B.; MIRANDA, N. N. O agendamento dos Jogos Rio 2016: temas e termos para debate. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 3, p. 619-955, jul./set., 2013.

AZEVEDO, P. H., BARROS, J. F.; SUAIDEN, S. Caracterização do Perfil do Gestor Esportivo dos Clubes da Primeira Divisão de Futebol do Distrito Federal e Suas Relações com a Legislação Esportiva Brasileira. **Revista da Educação Física/UEM**, 15(1), 33-42, 2004.

BANCO MUNDIAL. Ranking Internacional da Economia do Banco Mundial, 2014.

BASTOS, F. C.; BARHUM, R.; ALVES, M. V.; BASTOS, E. T.; MATTAR, M. F.; REZENDE, M. F.; MARDEGAN, M.; BELLANGERO, D. Perfil do Administrador Esportivo de Clubes Socioculturais e Esportivos de São Paulo/BRASIL. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** 5(1): 13-22, ano 5, n.1, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2004, 229p.

BERNABÉ, A. P.; STAREPRAVO, F. A. Megaeventos esportivos: o desenvolvimento do legado esportivo educacional. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, 2014.

BINGHAN, J.; DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; SHIBLI, S.; VAN BOTTEMBRUG, M. **Readers Digest**. Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success. London: UKSport, 19p. 2006.

BLOG DO PLANALTO. **Com 661 mi, Brasil medalhas ultrapassa previsão de investimento em centros de treinamento**. Disponível em <<http://blog.planalto.gov.br/assunto/confederacao-brasileira-de-judo/>>. Acesso em 3 de dezembro de 2014.

BOHME, BASTOS. **Comparação internacional das políticas para o esporte de alto rendimento (SPLISS)** – Análise descritiva dos resultados brasileiros, EEFEUSP, 2012.

BORTOLETO, M. A. C. **La lógica interna de la gimnasia artística masculina (GAM) y estudio etnográfico de un gimnasio de alto rendimiento**. 2004. 668f. Tese (Doutorado em

Educação Física). Instituto Nacional de Educación Física, Universitat de Lleida, Lleida, Espanha, 2004.

BRADESCO, Esportes e Educação: Infraestrutura. Disponível em: <<http://www.bradescoesportes.com.br/programa/objetivos.shtm>>. Acesso em 06 de janeiro de 2015.

BRASIL (2004). Decreto Nº 5.139, de 12 de Julho de 2004. “Lei Piva”. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5139.htm>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

BRASIL (2014). Ministério do Esporte (ME). Plano Brasil Medalhas. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/plano-brasil-medalhas>>. Acesso em 22 de dezembro de 2014.

BRASIL (2014). Portal Brasil 2016. Mais estruturas para nossos atletas. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/instalacoes/centrosdetreinamento>>. Acesso em 12 de dezembro de 2014.

BRASIL (2014). Portal Brasil 2016. O Brasil entre os melhores do mundo em 2016. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/investimentos/plano-brasil-medalhas>>. Acesso em 03 janeiro de 2014.

BRASIL, Ministério do Esporte (ME). Rede Nacional de Treinamento. Centro Paraolímpico Brasileiro. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaltreinamento/Centro%20Paraolimpico%20Brasileiro%20v2%20-%20maio%202014%20.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2014.

BRASIL; Ministério do Esporte (ME). Caderno de orientações técnico operacionais dos Programas de Centro de Iniciação ao Esporte, 2014.

CAMY, J.; ROBINSON, L. Managing Olympic Sport Organisations. Olympic Solidarity. p. 61-98, 2007.

CARVALHO, S. **O discurso midiático da ginástica artística**. 2007. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

CARVALHO, S. **O discurso midiático da ginástica artística**. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

CASTANHEIRA, 2013. **Desenvolvimento Sustentável e Capital Social: o esporte voleibol como facilitador para construção do capital social**. Disponível em: <http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/sustentabilidade/maria_angelise.pdf>. Acesso em 05 de janeiro de 2005.

CHIMINAZZO, J. G. C. **A preparação física na modalidade tênis de campo: o estudo de um caso**. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) Universidade Estadual de Campinas, 79f. Campinas, 2001.

CHIZZOTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Lisboa, ano/vol. 16, n. 2, p. 221-36, 2003.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO (COB) (2006). **Boletim Brasil Olímpico**, 2006; ano IV, nº 15 jul./ago./set. Disponível em: <http://www.cob.org.br/downloads/downloads/boletimbrasilolimpico/boletim_Olimpico_15.pdf>. Acesso em 02 de dezembro de 2014.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Estatuto 2007, Rio de Janeiro: COB**, 2008. Disponível em <<http://www.cob.org.br>>. Acesso em 09 de janeiro de 2015.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Guia do Legado Olímpico**, 2011.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ (2013). **Estrutura do INSEP foi considerada excelente pela comissão técnica brasileira**. Disponível em <<http://www.cbj.com.br/noticias/2915&imprimir=sim/selecao-feminina-sub-21-treina-em-centro-olimpico-frances-que-e-referencia.html/imprimir>>. Acesso em 5 de janeiro de 2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS DE MESA. **INSEP tem um orçamento superior a U\$ 40 milhões por ano.** Disponível em <<http://www.cbtm.org.br/insep-tem-um-or%C3%A7amento-superior-a-u-40-milh%C3%B5es-por-ano.aspx>>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2012. **Infraestrutura.** Disponível em <<http://www.cbv.com.br/v1/institucional/infraestrutura.asp>>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

CONSEJO SUPERIOR DE DESPORTES. Socialización. In: MEC-CSD. **La función del deporte en la sociedad: salud, socialización, economía.** Espanha, Ministerio da Educação e Cultura, p.99-123, 1996.

CONSEJO SUPERIOR DE DESPORTES (2002). **Classificación de Las Instalaciones Deportivas para El Desarrollo Del Deporte de Alto Nivel y de Competición,** resolución de 17 de Junio de 2002. Espanha. Boletín Oficial Español. n. 166/13930, de 12 de Julio Madrid. 2002.

DACOSTA, L. P. **Atlas do esporte no Brasil,** Rio de Janeiro, CONFEF, 2006.

DE BOSSCHER, V., BINGHAM, J., SHIBLI, S., VAN BOTTENBURG, M., DE KNOP, P. The global Sporting Arms Race. An international comparative study on sports policy factors leading to international sporting success. **Aachen: Meyer & Meyer.** ISBN: 978-1-84126-228-4, 173p, 2008.

DE BOSSCHER, V., DE KNOP, P. & HEYNDELS, B. Comparing relative sporting success among countries: Create equal opportunities in sport. **Journal of Comparative Physical Education & Sport**, 3(3), 109-120, 2003.

DE BOSSCHER, V.; SOTIRIADOU P. Managing High Performance Sport Foundations. **Sports Management.** Kindle Edition, 352 p., 2013.

DE BOSSCHER, V; BINGHAN; J., SHIBLI, S., VAN BOTTENBURG, M., DE KNOP, P. Explaining international sporting success: A international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**; v.12, p. 113-136, 2009.

DE ROSE, D. J.; DESCHAMPS, S.; KORSAKAS, P. Situações causadoras de "stress" no basquetebol de alto rendimento: fatores competitivos. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 13, pag. 227-229, 1999.

DIGEL, H. A Comparison of Competitive Sport Systems. **New Studies in Athletics**, v. 17 n. 1, p. 37-50, 2002.

DIGEL, H. Comparison of Successful Sport Systems. **New Studies in Athletics**, v. 20, n.2, p. 7-18, 2005.

EBC, Escola Brasileira de comunicação. **Você sabe qual a prova o Brasil tem mais medalhas olímpicas?** Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2012/07/voce-sabe-em-qual-a-prova-o-brasil-tem-mais-medalhas-olimpicas>>. Acesso em 05 de janeiro de 2016.

EBC, Escola Brasileira de Comunicação. **Você sabe em quais modalidades o Brasil ganhou medalhas em jogos olímpicos?** Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2012/07/voce-sabe-em-quais-modalidades-o-brasil-ganhou-medalhas-em-jogos>>. Acesso em 05 de janeiro de 2016.

FERREIRA, R. L. **Deteccção, Selecção e Promoção de Talentos Desportivos. (DSPTD) em Países Iber-Americanos – Estudo comparativo com ênfase no atletismo, visando contribuir para o sistema brasileiro.** Tese (Doutorado em Educação Física), FADEUP, Porto, 2007.

FILHO, BOHME (2014) **Estrutura organizacional e qualidade da detecccão seleção e promoção de talentos do judô de alto rendimento no Estado de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2014.

GALATTI, L. R. **Esporte e clube sócio esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol**. 305f. Tese (Doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GOELLNER, S.V. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 79-86, jul./dez. 2005.

GUIMARÃES, 2008. **Um marco no desenvolvimento do esporte**. Disponível em: <<http://www.rio2016.com/noticias/noticias/um-marco-no-desenvolvimento-do-esporte>>. Acesso em 06 de janeiro de 2015.

GUITI, V. S.; BASTOS, F. C. Estrutura Organizacional e Perfil do Gestor de Equipes Participantes da Liga de Basquete Feminino (LBF) 2011/2012. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 53-75, jul./dez., 2013.

GUSTAFSSON, H.; HOLMBERG, H.; HASSMÉN, P. An elite endurance athlete's recovery from underperformance aided by a multidisciplinary sport science support team. **European Journal of Sport Science** (Impact Factor: 1.55). 09/2008; 8(5):267-276, 2008.

HERNÁNDEZ, Rubén Acosta. **Gestión y Administración de Organizaciones Deportivas**. Barcelona. Editorial Paidotribo, 2005.

HOLHFS, I. C. P. M; MAGALÃES, M. F. **A Gestão Desportiva para o Alto Rendimento do Minas Tênis Clube sob a ótica do SPLISS**. Curso avançado de Gestão Esportiva, 2013.

HOULIHAN, B.; GREEN, M. **Comparative elite sport development: systems, structures and public policy**. Burlington: Elsevier, 2008.

JUNIOR, J. G. C. L. NETO, J. F. **Análise diagnóstica da atual gestão das instalações esportivas do Complexo esportivo Deodoro**, Vila Militar. Apresentado para Conclusão do Curso de Gestão avançada em esporte, 2013.

KOSLOWSKI, A. A. **Diagnóstico dos Centros de Treinamento Olímpicos Brasileiros.** Trabalho de Conclusão do Curso de Gestão Avançada em Esporte, 2013.

LEONARDI, T. J.; ANTONELLI, M.; PAES, R. R. **Equipe multidisciplinar e alto rendimento. Estudo de Caso do Voleibol Brasileiro.** In: VI Congresso de Ciência do Desporto da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais: reflexões a partir dos jogos esportivos coletivos. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 39, p. 164-176, dez., 2012.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARONI, F. C.; MENDES, D. R.; BASTOS, F. C.. Gestão de Equipes de Voleibol do Brasil (Superliga 2007-2008) **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.24, n.2, p.239-48, abr./jun, 2010.

MARTINS, G. A. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.** Atlas, 2007.

MATSUDO, V. K. R. Detecção de talentos. In: GHORAYEB, N.; BARROS, T. **O exercício: preparação fisiológica, avaliação médica, aspectos especiais e preventivos.** São Paulo: Atheneu, 1999.

MAZZEI, L. C.; FERREIRA, R. L.; MEIRA, T. B.; BASTOS, F. C.; BÖHME, M. T. S. **Os Centros de Treinamento para o Esporte de alto rendimento de modalidades Olímpicas na Realidade Brasileira.** In: Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 2010, São Paulo. Anais 33º Simpósio Internacional de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul: CELAFISCS, v. 1. p. 252-252, 2010.

MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C.; FERREIRA, R. L.; BÖHME, M. T. S. Centros de Treinamento Esportivo para o Esporte de Alto Rendimento no Brasil: Um estudo preliminar. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 1 (Esp.), n. 7, p. 1575-1584, 2012.

MAZZEI, L. C.; AMAYA, K. BASTOS, F. C. Programas acadêmicos de graduação em gestão do esporte no Brasil. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 12, n. 1, 2013.

MEIRA, T. **Análise dos Programas de Desenvolvimento de atletas de alto nível de natação no Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Escola de Educação Física e Esporte, Universidade Estadual de São Paulo, 2008.

MEIRA, T.; BASTOS, F. C.; BOHME, S. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 2, n. 26, p. 251-262, 2012.

MINISTÈRE DES SPORTS. **Atlas des Equipements Sportifs Français par Grandes Catégories**. Paris: Republique Française. Acesso em 27 de fevereiro de 2015.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

MORATO, M. P., GIGLIO, S. S., GOMES, M. S. P. A construção do ídolo no fenômeno futebol. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.1, p.01-10, jan./mar. 2011.

NANOMURA, M. OLIVEIRA, M. S. Centro de Excelência e Ginástica Artística Feminina. A perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz**, Rio Claro, v.18 n.2, p.378-392, 2012.

NESS (Núcleo de Estudos em Esporte). Relatório Final. In: **Fórum de Discussão Permanente de Políticas de Esporte**. Fundação Getúlio Vargas, 12 pág., 2004.

NERI, C. **Análise do perfil de gestão baseada no discurso dos dirigentes esportivos dos clubes de Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2009.

NETO, A. R. **Uma Proposta de Preparação para Equipes Jovens de Voleibol Feminino**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, 2004.

NOLASCO, V. P.; BITENCOURT, V.; PAOLI, P. B.; GOMES, E. M. P.; CASTRO, M. Administração/Gestão Esportiva. In DACOSTA: **Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Lamartine DaCosta, organizador Rio de Janeiro, SHAPE Editora, v. 1 p. 760-761, 2005.

OAKLEY, GREEN 2001. Elite Sport Development Systems and Playing to win: uniformity and diversity in international approaches. **Leisure Studies**, v. 20, pág. 247-267, 2001.

OLIVEIRA, R. S.; PEREIRA, I. C. S.; ALMEIDA, M. A. B.. A gestão esportiva de categorias de base de basquetebol masculino em clubes da cidade de Campinas - SP. **Revista Conexões**, Campinas, ISSN: 1516-4381 págs. 619 - 629, v. 6, n. especial, 2008.

PAES, R. R. **Pedagogia do esporte: ensino, vivência e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos**. In: Congresso Internacional de Desportes de Equipo, 2009, La Coruña. Libro de Atas La Coruña: Universidade da Coruña, 2009.

PENHA, R. E. S. **O papel do Clube Esportivo no processo de formação esportiva para o esporte de alto rendimento no contexto nacional e internacional**. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física Esporte), Universidade de São Paulo, 2009.

PEIRÓ, J. M.; RAMOS, J.; GONZÁLES, P.; RODRIGUEZ, I.; TORDERA, N.; GONZÁLEZ-TUR, V.; WHITELY, W. Situational distinctions in organizations: The case of sport facility management. **Journal of Park and Recreation Administration**, v. 16, n.1, p. 1-24, 1998.

PHILIPS, E.; DAVIDS K.; RENHAW, I.; PORTUS, M. Expert performance in sport and the dynamics of talent development. **Sports Medicine**, v.40, p. 271-283, 2010.

PINA, L; W. **Planejamento e administração esportiva recreativa** In: Congresso Ibero americano de instalações esportivas e recreativas. Anais, 2010.

PINTO, A. A., SARMENTO, J. P. (2009). **Gestão das Instalações Esportivas**. Fórum Olímpico de Portugal. Disponível em <www.gestaodesportiva.com.br/Gestao das Instalações Esportivas.pdf>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

PIRES, G.; SARMENTO, J. P. R. Conceito de Gestão do Desporto. Novos Caminhos, Diferentes Soluções. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Universidade do Porto, vol.1 n.1. 88-10, 2001.

PIRES, J. **Gestão de Infraestruturas Desportivas Municipais no Distrito de Vila Real**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Ciência do Desporto e de Educação Física, 2000.

PORTAL BRASIL (2014), Ministério do Esporte. **Centros de treinamento são trunfos para evolução esportiva após 2016**. Disponível em: <file:///C:/Users/Mariana/Desktop/Centros%20de%20treinamento%20s%C3%A3o%20trunfos%20para%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20esportiva%20ap%C3%B3s%202016%20%E2%80%94%20Portal%20Brasil.html>. Acesso em 29 de abril de 2015.

PORTAL BRASIL (2014). Ministério do Esporte. **Em Fortaleza, Rebelo visita obras do Centro Olímpico do Nordeste**. Disponível em <file:///C:/Users/Mariana/Desktop/Em%20Fortaleza,%20Rebelo%20visita%20obras%20do%20Centro%20Ol%C3%ADmpico%20do%20Nordeste%20%E2%80%94%20Portal%20Brasil.html>. Acesso em 13 de julho de 2014.

PORTUGAL (2009). **Decreto-Lei 141/09 de 16 de junho de 2009**. Consagra o Novo Regime Jurídico das Instalações Desportivas de Uso Público. Diário da República. Acesso em 29 de janeiro de 2015.

PRONI, M. W; FAUSTINO, R. B.; SILVA, L. O. **Impactos econômicos de Megaeventos Esportivos**, Belo Horizonte, Casa da Educação Física, 2014.

REZENDE, J. R. **Organização e administração no esporte**. Rio de Janeiro. Sprint, 275p., 2000.

RIBAS, J. A. **Centro nacional de desenvolvimento de handebol: um sonho que se tornou realidade**. Trabalho de Conclusão de Curso de Gestão Avançada em esporte, 2013.

ROCHA E BASTOS, Gestão do Esporte: definindo a área. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 25, 2011.

ROSA, O Centro de Excelência do Basquetebol no Estado do Paraná: um olhar a partir de Elias e Dunning, In: Sociologia & Política, I Seminário Nacional Sociologia & Política UFPR, ISSN 21756880, **Sociedade e Política em tempos de incerteza** (Online), 2009.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F; LUCIO, P. B. **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTANA, L.; MONTEIRO, G.; PEREIRA, C.; BASTOS, F. Perfil dos gestores de academia fitness no Brasil: um estudo exploratório. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**, 1(1), 28-46, 2012.

SANTOS, M. **Gestão e instalação de infraestruturas esportivas**. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/pjc/imagens/publicacoes/09_Kit2012PJC_CadernoConteudo_Cap5.pdf>. Acesso em 02 de janeiro de 2015.

SANTOS, MILTON. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2006a [1996].

SANTOS, D. P M. **Proposta metodológica de iniciação a canoagem para criança e adolescentes de Jaraguá do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Jangada, Jaraguá do Sul, 2008.

SCHIAVON, L. M.; PAES, R. R. Condições dos treinamentos de ginastas brasileiras participantes dos jogos olímpicos (1980-2004). **Motriz**, Rio Claro, v.18, n.4, p.757-769, 2012.

SCHNEIDER, M. V. **Centro Esportivo de Alto Rendimento do sudeste: modelos de gestão administrativa**, Trabalho apresentado como Conclusão de Curso de Gestão avançada em esporte, 2013.

SIQUEIRA, R. S. **O Tênis de Campo em Campinas depois do surgimento de Gustavo Kuerten**. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SMOLEUSKIY, V.; GAVERDOUSKIY, I. **Tratado general de gimnasia artística deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 1996.

TEIXEIRA, M. R.; MATIAS, W. B.; MASCARENHAS, F. **O financiamento do esporte olímpico no Brasil: Uma análise do Ciclo de Londres (2009-2012)**. Disponível em: <revistacienciasociales.cl/archivos/revista31/pdf/rcs31_art05.pdf>. Acesso em novembro de 2014.

TELLES, F. **Legado de megaeventos esportivos sustentáveis**. A importância das Instalações Esportivas In: Legados de Megaeventos esportivos; Brasília-DF, 610p., 2008.

TELLES, F. Instalações Esportivas: planejamento e desenvolvimento. In: DACOSTA L.P. (Org). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro, CONFEF, 2006.

THOMAS, J. R.; NELSON, J, SILVERMAN, S. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 5ª ed; Porto Alegre: Artmed, 2007.

TIVENER, A.; GLOE, D. S., 2015. Designing Simulations for Athletic Training Students Through Interprofessional Teaching Collaboration. **Athletic Training Education Journal**: July-September 2015, Vol. 10, n. 3, p. 249-255, 2015.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. **Relatório de auditoria - Esporte de Alto Rendimento**. Tribunal de contas da União. Secretaria de fiscalização e avaliação de Programas de Governo, 2011. Disponível em <http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/programas_governo/areas_atuacao/esportes/Relat%C3%B3rio_Esporte%20Alto%20Rendimento_Miolo.pdf>. Acesso em 02 de dezembro de 2014.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, **Acórdão nº 357/2011** – Plenário, retificado pelo Acórdão nº 513/2011-Plenário Relator: Ministro Substituto Augusto Sherman, 2011.

VAEYENS, R.; GULLICH, A.; WARR CR, PHILIPPAERTS, R. Talent identification and promotion programmes of Olympic athletes. **Journal of Sports Science**, v. 27, n. 13, p. 1367-80, 2009.

VAEYENS, R.; LENOIR M.; WILLIAMS AM.; PHILLIPPAERTS R. M. Talent identification and development programmes in sport: current models and future directions. **Sports Medicine**, v. 38, n.9, p. 703-14, 2008.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VIEIRA, N. **Governo do Ceará** (online). Disponível em: 2013 <<http://www.dae.ce.gov.br/index.php/hist/43662-video-mostra-como-sera-o-novo-centro-de-formacao-olimpica-do-governo-do-estado>>. Acesso em 06 de janeiro de 2015.

VIEIRA, S.; FREITAS, A. **O que é ginástica artística**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

VILANOVA, A. INGLÉS, E.; MARTÍN, A.; BOU, L. GONZÁLEZ, S. **Memoria Científico Técnica**. Disponível em: <<https://inefcgiseafe.files.wordpress.com/2014/11/splisspain4.pdf>>. Acesso em 05 de janeiro de 2014.

VILLANO, H. **O Centro Olímpico de Treinadores como Legado dos jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Conhecendo a expectativa de diferentes stakeholders**. Trabalho de Conclusão de Curso Avançado de Gestão Esportiva. Simpósio Pós-Graduação em Gestão do Esporte no Brasil, Departamento de Esporte, 2013.

VIOLA, G. M. **Pedagogia do esporte : organização, sistematização, aplicação e avaliação de conteúdos esportivos na educação não formal**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

WYLLEMAN, P.; MANAGEMENT, V. S.; BRUSSEL V. U. **Case studies of elit sport centers: preliminary report**, 2010.

APÊNDICE I

Entrevista Semiestruturada e Questionário

Entrevista

1. Qual sua formação acadêmica?
2. Possui cursos de formação permanente? Quais?
3. Qual sua experiência internacional no esporte?
4. Você conhece outros Centros de Treinamento no Brasil e no exterior? Quais?
5. Quais suas atribuições como dirigente neste Centro de Treinamento?
6. Além da função de dirigente você possui outras atribuições? Quais?
7. Quem são os treinadores que podem utilizar a instalação? Há treinadores fixos?
8. De que forma ocorre o processo de seleção e encaminhamento de atletas para virem treinar aqui?
9. Considerando o âmbito internacional, você entende que este CT pode ser considerado de excelência?
10. Quais perspectivas de utilização deste espaço após as Olimpíadas de 2016?

Questionário

1. Quais modalidades são atendidas neste Centro de Treinamento?

- | | | |
|--------------------------------------|---|--|
| <input type="checkbox"/> Atletismo | <input type="checkbox"/> Handebol | <input type="checkbox"/> Remo |
| <input type="checkbox"/> Badminton | <input type="checkbox"/> Halterofilismo | <input type="checkbox"/> Taekwondô |
| <input type="checkbox"/> Basquetebol | <input type="checkbox"/> Hipismo | <input type="checkbox"/> Tiro |
| <input type="checkbox"/> Boxe | <input type="checkbox"/> Hóquei na grama | <input type="checkbox"/> Tênis |
| <input type="checkbox"/> Canoagem | <input type="checkbox"/> Judô | <input type="checkbox"/> Tênis de Mesa |
| <input type="checkbox"/> Ciclismo | <input type="checkbox"/> Natação | <input type="checkbox"/> Tiro com Arco |
| <input type="checkbox"/> Esgrima | <input type="checkbox"/> Nado Sincronizado | <input type="checkbox"/> Triatlo |
| <input type="checkbox"/> Futebol | <input type="checkbox"/> Saltos Ornamentais | <input type="checkbox"/> Vela |
| <input type="checkbox"/> Ginástica | <input type="checkbox"/> Polo Aquático | <input type="checkbox"/> Voleibol |
| <input type="checkbox"/> Golfe | <input type="checkbox"/> Pentatlo Moderno | |

2. A infraestrutura das modalidades atendidas possui padrões oficiais? ☐ Sim ☐ Não
3. Há número suficiente de equipamentos de alta qualidade? ☐ Sim ☐ Não

4. Atletas tem acesso *full time* aos espaços e aos equipamentos? ☐ Sim ☐ Não

5. O CT foi projetado com base em princípios de sustentabilidade? ☐ Sim ☐ Não

6. O Centro passa por avaliações/inspeções periodicamente? ☐ Sim ☐ Não

Quais? _____

7. Quais dos itens relacionados à infraestrutura este Centro de Treinamento possui?

☐ Ginásio Poliesportivo

☐ Refeitório

☐ Complexo Aquático

☐ Centro médico e de reabilitação

☐ Academia de musculação

☐ Sala de análise de vídeos

☐ Centro educacional na instalação

☐ Laboratório de Pesquisas

☐ Centro educacional próximo à instalação

☐ Biblioteca

☐ Áreas de convivência

☐ Alojamento

☐ Áreas silenciosas para estudo

Com capacidade total para atender quantos atletas? _____

☐ Pista de Atletismo

☐ Campo

☐ Outros

Quais? _____

8. Quais serviços são oferecidos pelo centro?

☐ Apoio médico

☐ Apoio fisioterápico

☐ Apoio educacional

☐ Apoio psicológico

☐ Apoio nutricional

☐ Apoio científico/tecnológico (Biomecânica, Fisiologia, etc.)

☐ Outros

Quais? _____

9. Há número suficiente de profissionais da equipe multidisciplinar? ☐ Sim ☐ Não

10. A disponibilidade para atender os atletas é em período integral? ☐ Sim ☐ Não

11. É permitido treinamento aos atletas estrangeiros? ☐ Sim ☐ Não

12. Os técnicos possuem formação continuada na instalação? ☐ Sim ☐ Não

13. Há parceria(s) pública(s)? ☐ Sim ☐ Não

Quais? _____

13. Há parceria(s) pública(s)? () Sim () Não
Quais? _____
14. Parceria(s) privada(s)? () Sim () Não
Quais? _____
15. Parceria(s) com Universidade(s)? () Sim () Não
Quais? _____
16. A instalação é beneficiada por alguma Lei de Incentivo Fiscal? () Sim () Não
Quais? _____
17. Quais são as fontes de recursos? _____

18. Os investimentos recebidos são suficientes? () Sim () Não
19. Há um órgão de gestão que controla o funcionamento da instalação? () Sim () Não
20. Há esporte de base? () Sim () Não
21. Existe relação entre as categorias da base e os atletas de elite? () Sim () Não
22. Atletas estrangeiros vêm treinar aqui? () Sim () Não
23. Equipes estrangeiras manifestaram interesse em treinar aqui? () Sim () Não
Quais? _____
24. O tempo que os atletas levam para se deslocar diariamente de suas moradias até o CT é adequado?
() Sim () Não
25. Existem atletas que moram no C.T? () Sim () Não
Quantos? _____
26. Em média, quantos atletas treinam diariamente na instalação?
() menos que 30 () de 30 a 50 () de 50 a 100 ()
de 100 a 200 () mais de 200
27. Em média, quantas vezes na semana os atletas treinam aqui?
() até 3 vezes () de 3 a 5 vezes () mais de 5 vezes
28. Há banco de dados sobre atletas ou equipes que já conquistaram títulos importantes que
treinam ou treinaram aqui? () Sim () Não
29. Quem são eles?

30. Há pesquisa científica sendo desenvolvida? () Sim () Não

APÊNDICE II

Transcrição da Entrevista 2 - Centro de Desenvolvimento do Voleibol Brasileiro (Saquarema)

1 – Qual sua formação acadêmica?

Sou professor de Educação Física.

2 – Possui curso de formação permanente?

Não.

3 – Qual sua experiência internacional com o esporte? Ou nacional também pode ser?

Várias vezes eu chefieei delegações pro exterior, certo? Inclusive, esse eu gosto de citar porque eu chefieei uma delegação... em 87, num campeonato mundial juvenil feminino em Seul na Coréia, e foi, o primeiro título que nós conseguimos mundial na categoria feminina depois que eu entrei pra Confederação de Voleibol, eu era o chefe dessa delegação em 87. E tive outras experiências internacionais também chefiando delegações, a delegação que foi bicampeã mundial juvenil feminina em 89 no Peru, eu estava junto nessa equipe. E tive outras experiências com outras equipes viajando, sempre viajando nessa função né? De chefe de delegação.

4 – E você conhece outros Centros de Treinamento no Brasil, e/ou no exterior?

Não. Já ouvi falar, já vi vídeos, certo? Já vi... mas nunca visitei. Nem no Brasil, no Brasil não acredito que tenha algum centro de treinamento semelhante ao nosso aqui não. Mas nunca visitei nenhum deles não.

5 - Quais suas atribuições nesse Centro de Treinamento?

Eu faço a parte administrativa das seleções, entendeu? Essa parte de controlar materiais que são ganhos, distribuídos aos atletas, alimentação, controle de alimentação, controle de passagens, algumas coisas que eu faço.

7 - Quem são os treinadores que podem utilizar a instalação? Eles são fixos?

Como que funciona?

Não, nós não temos treinadores fixos no Centro, certo? Nós temos alguns treinadores que são exclusivos, eles trabalham, mas somente estão aqui com as equipes quando elas estão aqui... é isso talvez... são exclusivos... mas outros esportes que queiram trazer treinadores aqui pra fazer cursos de atualização, de aperfeiçoamento, nada impede, entendeu? Agora... é, porque pode vir por exemplo, eles fazem cursos aqui de arbitragem de Futebol, eles vêm pra cá uma vez por ano, e aí tendo chance de ser instalados aqui pra fazer, faz! Não precisa necessariamente, não precisa ser envolvido com o voleibol, pode ser de futebol, pode ser de handebol, pode ser de basquete, se eles quiserem fazer entendeu?

8 - E os atletas, eles têm um processo de seleção pra eles virem treinar aqui, né? Do Vôlei é quem tá na própria seleção, e das outras modalidades como que seria?

De outros esportes?

É, do próprio vôlei e de outros esportes. Como que eles vêm pra cá?

No voleibol nós temos vários membros de comissão técnica que vão às competições pelo Brasil. Então ele vai assistir um campeonato regional em São Paulo, vai assistir um campeonato em Porto Alegre, vai pro Norte, Nordeste, Centro-Oeste, ele vai assistir várias vezes observando essas competições, e ali eles vão catalogando os atletas e depois eles são chamados pra fazer uma avaliação, e chega ao ponto às vezes de você ter aí oitenta, cem atletas dentro de uma categoria, que aí você traz pra cá em parcelas...

Desde o adulto até os menores?

Não, o adulto não. Normalmente a base, porque o adulto você já conhece ele, né? Tem sempre alguns juvenis que você não precisa mais observar nada, você já sabe por que ele já vem passando por aquilo no infantil, no infante, até chegar no juvenil, entendeu? Na categoria lá embaixo, infantil e infante é que é muito bem observado isso aí.

E tem alguém específico por categoria dentro da CBV pra fazer essa análise ao longo dos estágios?

Tem as comissões técnicas dentro daquela faixa.

Daquela própria categoria alguém se desloca?

Alguém, por exemplo, tá sendo o campeonato infante masculino, vamos dizer lá em Santa Catarina, vão profissionais que trabalham com a categoria infante daquele sexo que tá sendo disputado lá entendeu? Normalmente você tem ali treinadores, têm os técnicos, preparador físico, pessoas que conhecem voleibol que vão lá assistir entendeu?

9. E considerando internacionalmente, você acha que esse Centro seria de excelência a nível internacional?

É! Pra voleibol é! Pra voleibol é, porque eu acho que no mundo não tem nenhum específico de voleibol como o nosso.

Se era de excelência, por que você acha que aqui é de excelência?

Porque pra voleibol nós temos tudo necessário. Existem centros de treinamento muito superiores ao nosso, mas eles são poliesportivos. Na Austrália tem um que é... tem tudo lá dentro, basquete, voleibol, handebol, natação, atletismo, o nosso é voleibol! E voleibol, unicamente do voleibol, que eu saiba só tem esse, então...

O que é oferecido aqui é de excelência?

De excelência, é verdade.

10 - E quais perspectivas da utilização deste espaço após 2016? Muda muita coisa, segue?

Não, não muda nada. A não ser que alguém faça alguma oferta pra dar mais condições ainda, porque, por exemplo, nós estamos agora, brevemente devemos construir mais duas quadras lá atrás naquele espaço onde é o campo, que está sendo necessário. Então, a expectativa é construir duas quadras ali que possam ser transformadas em ginásio de jogo, como aquele sistema americano de... Né? Arquibancada retrátil, você entra naquelas universidades, é igual um caixote, quando você puxa vem montando né? Correndo sobre rodas e montam a arquibancada, nós tamos pensando, tá já num projeto, vai começar brevemente a fazer coisa aí.

APÊNDICE III

Transcrição de Entrevista 3 - Centro Pan-Americano de Judô (Lauro de Freitas)

1 - Qual sua formação acadêmica?

Bacharel em Filosofia. Eu vim de duas escolas né? Eu trabalhei no SESI, trinta e poucos anos no SESI, no SESC e no SESI, então minha experiência de... porque assim, lá não é um centro de treinamento, né? Lá é um clube com tudo isso, com ginásio, com sauna, com não sei o que lá, com esporte, então eu implantei o ginásio, implantei diversas modalidades, ginástica, então eu vivo... a minha vida né? Eu fiz Filosofia porque era um sonho, eu queria né? Entender, e saber e conhecer mais as pessoas do mundo de um modo geral, vivenciar os pensadores, mas no dia-a-dia da minha vida eu vivi muito o esporte né? Quer dizer, praticamente toda minha vida foi dedicada ao esporte.

2 – Tem alguma pós-graduação?

Não.

3- Cursos de formação permanente?

Eu tenho um curso pela universidade Federal Baiana. Na Unicamp, é... Curitiba, é de Curitiba, na área de lazer e recreação, tem uma de evento na Universidade Federal daqui do Estado Bahia, aí, tantas outras de fora.

4 - E qual sua experiência internacional no esporte? Como jogador, ou na profissão?

Eu fui atleta né? Assim... eu fui atleta, eu fui árbitro, técnico e dirigente. Quer dizer, praticamente na minha vida eu viajei quase 80 países através do esporte, como atleta, árbitro, técnico e dirigente. Fui técnico da equipe feminina, fui técnico da equipe masculina, não só da Bahia, viajei em diversos eventos assim como técnico, dirigente e atleta. Atleta eu viajei para o Colorado duas vezes como atleta, pra competir em Colorado, pra Argentina, é... como atleta.

5 – Você conhece Centros de Treinamento no Brasil e no exterior?

No Brasil não é Centro de Treinamento? Eu conheço toda uma referência de clube, não é centro de treinamento, mas de clube. O que eu fiquei impressionado, estrutura, limpeza, tudo, é o SESI Pinheiros, o SESC do Pinheiros lá em Pinheiros, é um espetáculo. Eu tive lá diversas vezes porque tinha um desafio, fui coordenador do Dia do Desafio né? Eu fui coordenador aqui na Bahia, ouviu falar do dia do desafio? E eu, quando eu trabalhava no SESC, eu fui por muitos anos coordenador do Dia do Desafio, eu comecei aqui com um município e saí de lá com cento e poucos municípios, cento e oitenta e poucos municípios, era uma dificuldade e nós temos 417 municípios no Estado, é... No Estado da Bahia, e pra você colocar cento e poucos municípios é muito difícil. Então eu fui coordenador desse projeto, coordenador dos eventos femininos de Judô, daqui muitos, tantos eventos, tanta coisa sobre cursos assim... eu tenho cursos fora do Brasil...

Centros no exterior, você pode repetir?

O da França, o do... foi em Katsura como eu falei, no Japão, eu tive na Kodokan várias vezes né? Lá é só Judô, uma referência. Em Colorado não é? Que não é só Judô, Colorado mais de 42 modalidades na época, independente de olímpica ou não na época, eu estive. Na China, eu não sei se é centro de treinamento, eu tive e visitei vários assim, tipos de ginásios, como se fosse um centro, eu não sei se era centro ou não me falaste desta dificuldade? Mas eu achei um espetáculo, era tipo uma cidade que eles fazem, assim, tipo uma cidade universitária na China onde tinha diversas modalidades, eu achei um espetáculo, super organizado, super cuidado, eu fiquei impressionado.

6 - E neste Centro, como gestor, quais são as suas atribuições?

Aqui minha atribuição é a manutenção do centro. É o que eu falei, até porque eu vim da experiência do SESI e do SESC né? Eu trabalhei lá como coordenador de eventos, eu fazia praticamente quase todos os eventos né? Do SESC, primeiro de maio na região, eventos esportivos, então vivenciei isso a minha vida toda praticamente, não só praticando, mas depois organizando e fazendo, e fui gerente de alguns centros no SESC, no SESI também, e aí foi importante essa experiência de como cuidar, de como tratar isso né? E independente disso, do trabalho e do profissionalismo, o carinho que eu tenho como judoca né? O carinho que eu tenho por esse centro como judoca né? Claro que eu quero que isso aqui, daqui a 25 anos, você venha fazer visita, você não encontre ele igual, você encontre melhor do que está.

6 - Além de ser gestor aqui você tem outras funções?

Eu sou primeiro vice-presidente da Confederação Brasileira de Judô, mas fui também aqui presidente da Federação Baiana de Judô, fui presidente da União das Federações Esportivas do Estado da Bahia, fui presidente da Federação Universitária, a FUBE.

7 - E quem são os treinadores que podem vir treinar aqui? Eles são fixos, como que funciona?

Não, nesse momento, como eu falei que nós estamos na fase experimental praticamente esse ano, o foco todo hoje é olimpíada não é? Então quem tá vindo treinar aqui, independente, tem uns treinamentos de campo organizado pela Confederação Brasileira de Judô, todo Brasil participa desse treinamento, tem o treinamento da seleção brasileira, né? Da equipe A e tem da equipe B, equipe de base que todos têm participado do treinamento. Treinadores de São Paulo vice-campeão olímpico, né? Eu dou os nomes todos pra você? Eu não posso me esquecer de alguns senão eles ficam preocupados “é não falou meu nome”, mas eu tenho aqui passo pra você.

Tanto atletas como treinadores visando Olimpíada?

Atletas, Thiago Cordeiro teve recentemente aqui né? Sarah Menezes campeã olímpica né? Campeã mundial.

8- Então o encaminhamento de atletas são aqueles que estão pra disputar a olimpíada?

Não só esses, mas também é aberto para todos os atletas do Brasil. Já veio pro treinamento aqui atletas de Mato Grosso do Sul, atletas de São Paulo, Rio de Janeiro, do Sul eu nem falo que o Sul participa de tudo, do Nordeste, de Manaus, de Alagoas, de Pernambuco, o centro é aberto para todo Brasil, judocas entendeu? O presidente tem uma preocupação muito grande com a questão das responsabilidades né? Quanto ao Centro, de ele ser realmente uma referência do judô.

9 – Como referência do judô, você acha que ele pode ser considerado de excelência se comparado a nível internacional com os outros que você já... e por quê?

Não tenho dúvidas disso, daqui a pouco você vai olhar você vai ver. Não só né? Em questão da organização também, pela estrutura aqui, a estrutura aqui dá pra se organizar um evento internacional, não deixa nada a desejar, eu digo isso porque eu participei de diversos campeonatos mundiais e não deixa nada a desejar assim.

Tanto estrutura como equipe profissional?

Profissional, nós somos os melhores do mundo hoje treinando com a seleção brasileira tomada de suporte...

Com uma equipe multidisciplinar?

Equipe multidisciplinar, são de 42 pessoas, 42 pessoas aqui, pra você ter ideia a preocupação da Confederação Brasileira em busca da medalha em 2016. Então são... essa equipe toda preparando esses atletas, não só da equipe A, equipe B, trabalhando a equipe de base e muitas outras, quem poderia dar todas essas referências seria o professor Wilson, que ele realmente é o técnico, mas eu vou passar pra você...

10 - E depois das Olimpíadas de 2016 qual que é a perspectiva de utilização daqui?

Aí veja bem, eu não poderei responder isso agora porque, depois de 2016, independente de resultado ou não né? Com certeza teremos bons resultados, aí o presidente né? Nós temos, o presidente tem que sentar e ter um novo planejamento do que vai acontecer aí até pra Olimpíada de 2020 que vai ser em Tóquio. Na verdade, essa resposta caberia ao técnico, quer dizer, como pra treinamento o técnico da seleção brasileira... Que é o Wilson? Tá vendo isso? Que ele já tem a resposta, já tão com o planejamento para 2020 que é o professor Wilson, que é o técnico, né? E o professor Paulo que é o presidente da Confederação com certeza deve ter já um planejamento pra isso, mas eu não tenho conhecimento.

APÊNDICE IV

Transcrição da Entrevista 4 - Centro de Judô (Santo Amaro)

1- Qual sua formação acadêmica?

Então, na verdade eu sou mestre de capoeira né? Minha atividade desportiva é a capoeira, faço capoeira há 36 anos e essa é minha formação dentro do esporte.

Ensino superior algum ou não?

Então eu terminei o colegial né? Fiz o colegial.

2 - Tem cursos de formação permanente?

Na verdade seria através da capoeira né? Fora isso não.

3 - Tem alguma experiência internacional no esporte?

Infelizmente não.

4 - Conhece outros Centros de Treinamento no Brasil ou fora?

Não, não conheço.

5 - Suas atribuições como coordenador daqui, quais são?

Então, na verdade é fazer uma coordenação administrativa né? No sentido geral de todo o espaço, é... Coordenação do ensino pedagógico né? Esse acompanhamento do ensino pedagógico e das atividades que existem, né? E enfim né, se responsabilizar por qualquer coisa que venha a acontecer seja boa ou ruim, né?

6 - E além de ser coordenador você tem outras funções aqui ou é só essa?

Não, só essa.

7 - Quem são os treinadores que podem utilizar aqui?

Todos os treinadores né? Desde que haja horários disponíveis de espaços né? Então assim, qualquer treinador pode estar usando o espaço para treinar.

E os que são da iniciação esportiva são da prefeitura, é a prefeitura que encaminha?

Isso, correto! Justo.

8 - De que forma é feito o processo de seleção e encaminhamento dos atletas para virem aqui? Do boxe e do atletismo no caso do alto rendimento?

Então na verdade, do boxe é feito através da Confederação Brasileira de Boxe, então eles é que na verdade fazem as pré-seleções fora e aí os que vêm pra cá já vêm direcionado pela Confederação Brasileira de Boxe, e do Atletismo, através do NAR que é o Núcleo de Alto Rendimento que, na verdade, o trabalho deles está mais ligado à questão das pesquisas tecnológicas no esporte, e aí eles recebem inclusive também atletas do Brasil inteiro, já alguns de outros países que vêm fazer essas pesquisas, né?

9 - Se for pegar o âmbito internacional, você acha que o Centro aqui como um todo é de excelência?

Então, se nós falarmos do NAR, esse espaço que foi reformado agora, com certeza! Se nós falarmos da Confederação Brasileira de Boxe, o espaço inclusive que eles estão usando, comparado inclusive a algumas Federações de outros países, inclusive da América Latina, também poderia ser considerado, né.

10 - E depois das olimpíadas de 2016 alguma coisa você acha que vai mudar na utilização desses espaços?

Eu acredito que não, que vai ter essa permanência porque independente do resultado é um trabalho que é feito de forma contínua, com qualidade e vai ser sempre uma preparação para as próximas Olimpíadas.

APÊNDICE V

Transcrição da Entrevista 5 – Centro de Ginástica (São Bernardo)

1 - Qual sua formação acadêmica?

Formado em Educação Física e sou formado pelo curso do COB de treinadores da Academia Brasileira de Treinadores.

2 - Cursos de formação permanente?

Atualmente não, eu terminei esse curso que foram três anos, né? Do COB, terminei agora no final do ano passado e agora não tô fazendo curso nenhum.

3 - Sua experiência internacional com o esporte?

Fui para dois sul-americanos e o primeiro eu levei uma atleta, viajei pra lá, mas não fui como técnico e no ano passado fui como técnico e a Seleção Brasileira foi campeã Sul Americana, e a minha atleta foi campeã individual.

4 - Conhece outros Centros de Treinamento no Brasil e no exterior? Se sim, quais?

Só do Brasil, no exterior não tive oportunidade de conhecer nenhum. Do Brasil conheci desses novos o de Porto Alegre e de Curitiba, acho que só.

5 - Suas atribuições aqui nesse Centro de Treinamento?

Sou técnico responsável pelo feminino e trabalho todo dia com elas, não sou só o responsável, eu sou o técnico principal.

6 - Além de técnico tem outras funções?

Tudo! Tem que cuidar de todo mundo.

Como por exemplo?

Cuidar do ginásio, manutenção do ginásio, a gente tem que relatar tudo que tá acontecendo, a gente tem que cuidar da rotina das meninas, tem que cuidar do que tá limpo, do que não tá limpo, a gente que tem que tocar o ginásio, a gente tá todo dia aqui e quem tem que fazer o ginásio é a gente, os técnicos.

7 - E os técnicos são fixos, quem que pode utilizar aqui?

Na verdade, tem os técnicos que são fixos das equipes né? Porque, a equipe que treina aqui todos os dias é a equipe de São Bernardo, aqui como é o Centro de Treinamento da Confederação né? Do COB, então quem tem interesse de treinar aqui precisa fazer um pedido né? Pedir uma autorização pra coordenação e ela vai agendar esse treinamento de acordo com a rotina do ginásio.

8 - De que forma é a seleção e encaminhamento dos atletas para virem aqui?

Então, na verdade assim, tem que ficar claro que aqui não treina uma Seleção Brasileira, então aqui quem tá falando é o técnico do São Bernardo, como a gente faz aqui, a gente faz uma seletiva, tem uma seletiva grande no começo e no meio do ano, e aí a gente faz alguns sábados durante esse período também esporádico, que a gente abre para algumas seletivas detecta as crianças pra começar na iniciação, e aí um outro caminho que pode acontecer às vezes um atleta de um outro clube que tiver interesse, aí a gente, ir procurar, pode ingressar dessa maneira independente da idade, a gente conversa com o clube, se tiver encerrado lá de forma correta e direitinho ela pode ingressar treinar com a gente também.

9 - Considerando internacionalmente você acha que aqui seria um Centro de Excelência de ginástica?

Internacionalmente é um ginásio bom, mas nacionalmente é um ginásio muito bom, mas se a gente for considerar no âmbito mundial deixa a desejar em alguns pontos ainda.

O Centro, mas não a parte do recurso humano talvez?

Não, a gente tem atletas bons, agora aqui é como eu falei, isso já existia, é uma estrutura que já existia e se adaptou pra fazer um ginásio, então existem ginásios que são, isso mundialmente, que são construídos para se fazer ginástica, projetado pra se fazer ginástica, não é o caso desse ginásio. Então se a gente for pensar nacionalmente é um centro de excelência sim.

10 – Quais perspectivas para a utilização daqui após as Olimpíadas de 2016? Muda alguma coisa?

No cenário nacional acho que deve ser um dos que está melhor estruturado pra se aproveitar o ginásio, porque já existe uma prefeitura que tá em parceria com a CBG, né? E já existe um trabalho da prefeitura aqui dentro, então quando terminar todo esse projeto de

preparação para Olimpíada esse ginásio já tem atletas que trabalham aqui dentro, diferente de alguns, pelo que eu sei do Brasil, que estão lá preparados só pra receber seleção, né? Só infraestrutura, mas não tem nada que gere aquele espaço, então esse é o diferencial daqui de São Bernardo.

APÊNDICE VI

Transcrição da Entrevista 6 - Centro de Atletismo- Arena Caixa (São Bernardo)

1 - Qual sua formação acadêmica?

Bom, sou professor de Educação Física formado pela Faculdade de Educação Física de Santo André. Sou... fiz curso de extensão na área de atletismo e handebol com curso de duração de dois anos em cada um deles, de seiscentas horas em cada um deles.

Que seriam os cursos de formação permanente, né?

Exato! E depois eu fiz... eu sou músico também, eu acho que é uma coisa bastante importante, eu cito isso sempre, eu estudei formação musical, sou regente de música, acho que isso ajuda muito aqui, ajuda demais (contemplou resposta da questão 2).

3 - Sua experiência internacional no esporte?

Bom, eu fui consultor da Confederação Brasileira de Atletismo na área de provas combinadas. Então eu tive uma experiência internacional bastante grande no período pré Rio 2007, foi o Pan, eu fui por quatro anos consultor da Confederação de provas combinadas, Decatlo e Heptatlo, e nós visitamos o mundo praticamente em cima dessas provas com os melhores atletas da época.

4 - Você conhece outros Centros de Treinamento no Brasil ou no exterior?

Sim, eu conheço bastante o Centro de Campinas, conheço o de Presidente Prudente, conheço de Uberlândia, de Fortaleza, o mais novo agora de Belo Horizonte que ainda não está sendo utilizado, mas é muito bem montado, parecido até com esse nosso a área externa com todo equipamento também em duplicidade, mas eles não têm gente usando por enquanto.

5 - E neste Centro quais são suas atribuições?

Eu sou coordenador técnico dentro do Centro, mas eu sou diretor financeiro da Associação que administra o centro também (contemplou resposta da questão 6).

7 - Quem são os treinadores que podem utilizar a instalação?

Bom, os nossos treinadores da Associação, que somos em oito.

Associação?

Associação São-Bernardense de Atletismo. E os treinadores que a Confederação possa encaminhar pra cá com alguma necessidade, isso é aberto.

Tá, então alguns fixos e outros...?

Exatamente, outros que vêm esporadicamente e outros que vêm fazer *camps* também... assim extraordinários.

8 - E de que forma ocorre a seleção e encaminhamento dos atletas para virem treinar aqui?

Na verdade o encaminhamento sempre tem pelas equipes de onde os atletas são... formados e não tem condição de continuar, então os Centros de periferia de grandes cidades ou de outros estados, os treinadores tendem a encaminhar pra gente, pela vultuosidade do espaço, da construção, então todo mundo fica muito impressionado e acho que é bastante interessante os garotos virem pra cá, mas a gente tem as pernas mais curtas ainda, então a gente lida na questão financeira, então a gente seleciona o que interessa para nós por enquanto tá? A gente quer que isso seja ampliado, mas ainda não temos condição de atender.

9 - Considerando o âmbito internacional, você acha que esse centro pode ser considerado de excelência?

Sim, tranquilo, pelo que a gente conheceu eu acho que aqui na América, do México pra baixo, é um dos melhores.

Por quê?

Porque nós temos tudo que possa precisar aqui dentro, botar um atleta aqui dentro e ele não precisa sair daqui, só pra ir em casa dormir e voltar, tudo ele faz aqui.

10 - Quais perspectivas de utilização dele após as Olimpíadas de 2016? É a mesma?

Na verdade acho que é um legado Olímpico isso aqui, quando se fala em qual o legado que a Olimpíada no Brasil vai deixar, é um legado porque acho que se não tivesse esse impulso da Olimpíada a gente não teria construído isso, né? É dinheiro que era para sobrar como coisa feita para Olimpíada, e a possibilidade acho que é total de continuar isso porque a nossa equipe tem 40 anos e não vai acabar depois da Olimpíada, certo? Nós vamos continuar com esse trabalho aqui e acredito que a Confederação também vai continuar utilizando esse centro com competições, com treinamentos, do jeito que tem sido feito e até intensificado

isso, acredito que seja... que passe a ser um centro de treinamento nacional da Confederação, que ainda não é considerado.

Vai ter uma continuidade independente de competição...?

Com certeza.

APÊNDICE VII

Transcrição da Entrevista 7 - Centro de Treinamento Time Brasil (Deodoro)

1 - Qual sua formação acadêmica?

Sou originariamente Oficial das Forças Armadas da Marinha, sou Engenheiro Mecânico e a principal é a Educação Física.

2 - Possui cursos de formação permanente? Quais?

Fiz pós-graduação na Gama Filho de Fisiologia do Esporte.

3 - Sua experiência internacional com o esporte?

Pan-Americano de 2007 e diversos eventos organizados aqui no Centro de Treinamento como o *Open* de Nado Sincronizado, Internacional de Natação piscina curta e outros eventos internacionais que aqui foram realizados.

4 – Você conhece outros Centros de Treinamento no Brasil e no exterior?

Sim, conheço São Paulo e conheci em Brasília, no exterior não.

Tá, qual de São Paulo?

Do Ibirapuera, próximo ao Ibirapuera.

5 - Quais suas atribuições como gestor?

Eu sou o gestor aqui do Centro de Treinamento do Brasil no Parque Aquático Maria Lenk né? Desde 2008.

E o que implica, quais suas funções aqui?

Não só a parte... toda a parte administrativa de todo o Centro, como a parte esportiva e a parte de eventos, programações de eventos e programações do uso das instalações.

6- Fora essa parte da gestão você tem outras funções também, atribuições?

É, eu como funcionário do COB eu participo também da... componho o *Staff* que organiza os Jogos Escolares da Juventude.

7 - Quem são os treinadores que podem utilizar a instalação aqui? Se há treinadores fixos...

Os treinadores são os treinadores indicados pelas Confederações, que vêm com suas equipes aqui de alto rendimento para fazer treinamentos, seja na parte aquática ou utilizar as salas de força e condicionamento, ou sala de lutas, né? E nós temos também subordinado à área de performance esportiva o treinador aqui que é fixo, que sempre que as Confederações solicitam ele apoia o treinamento na parte de força dos atletas de alto rendimento.

8 - De que forma é o processo de seleção e encaminhamento para os atletas poderem treinar aqui?

Primeiro há a solicitação da entidade dele, da Confederação, ou do Clube, solicitando que o atleta venha treinar aqui e aí ele tem que apresentar... ele assina um termo de responsabilidade do usuário, ele tem que apresentar um atestado médico tá? Os profissionais apresentam seus credenciamentos junto ao Conselho Regional deles né? No caso da Educação Física o CREF, se for Fisioterapeuta o CREFITO, tá? OK?

9 - E considerando o âmbito internacional você entende que este Centro pode ser considerado de excelência?

Sim, pelo que a gente tem de notícia, que a gente tem acompanhado tá? O Centro de Treinamento cada vez mais ele é aperfeiçoado, cada vez mais... nós estamos agora com os laboratórios Olímpicos Semi-implementados até o mês que vem, entendeu? Pra completar esse treinamento multidisciplinar dos atletas.

10 - Quais perspectivas de utilização deste espaço após as Olimpíadas de 2016?

A notícia que a gente tem é que este espaço do CT aqui, o parque aquático Maria Lenk continuaria com o Comitê Olímpico do Brasil né? E seria ele acoplado a algumas instalações que vão ficar aqui na zona da Barra no Parque Olímpico que vão formar o grande Centro de Treinamento futuro.

APÊNDICE VIII

Entrevista 8 - Núcleo de Alto Rendimento (Santo Amaro)

1 - Qual sua formação acadêmica?

Engenheira, com MBA em Gestão Empresarial.

2 - Possui cursos de formação permanente? Quais?

No NAR temos curso de pós-graduação em Alto Rendimento Esportivo.

3 - Sua experiência internacional com o esporte?

Fui atleta da Seleção Brasileira de Karatê por oito anos seguidos.

4 – Você conhece outros Centros de Treinamento no Brasil e no exterior?

Sim, conheço vários. Ex. CAR de Madri, Arhen na Holanda, etc.

5 - Quais suas atribuições como gestor?

Faço toda coordenação administrativa e financeira. Relacionamento com técnicos e atletas, relacionamento com patrocinadores e prestação de contas (contemplou resposta da questão 6).

7 - Quem são os treinadores que podem utilizar a instalação aqui?

Não há treinadores fixos das modalidades. Somos um centro de avaliação, então nossos funcionários são cientistas esportivos. Os técnicos que frequentam são técnicos da seleção.

8 - De que forma é o processo de seleção e encaminhamento para os atletas poderem treinar aqui?

Só avaliamos e prescrevemos treinamentos para as seleções brasileiras. Nosso contato é juntamente com os técnicos.

9 - E considerando o âmbito internacional você entende que este Centro pode ser considerado de excelência?

Sim.

10 - Quais perspectivas de utilização deste espaço após as Olimpíadas de 2016?

Esperamos continuar atendendo os atletas de alto rendimento do Brasil.

APÊNDICE IX

Transcrição da Entrevista 9 - Centro de Canoagem (Foz do Iguaçu)

1 - Qual sua formação acadêmica?

Eu sou formado em Direito.

2 - Possui cursos de formação permanente? Se sim, quais?

Eu fiz o curso de Gestão Desportiva do Comitê Olímpico Brasileiro.

3 - Qual sua experiência internacional com o esporte?

Olha, eu tô no esporte desde 1988, então eu tenho alguns jogos pan-americanos, jogos sul-americanos, participei de vários eventos internacionais que nós já organizamos aqui no Brasil em Foz do Iguaçu.

Sempre com a canoagem?

Sim, sempre com canoagem.

Como atleta também ou não?

Já fui atleta, mas na época em que era iniciação ainda da canoagem no Brasil em 1988, 87, então naquela época não tinha ninguém, estávamos engatinhando.

Aqui em Foz mesmo?

Não, isso era no norte do Paraná, então nós trouxemos este esporte para o Paraná e aí nós começamos a fazer os eventos estaduais. Não havia nem Federação, nós que fundamos a Federação Paranaense, começamos a fundar os clubes de canoagem no Paraná, então é bem no início.

4 - E você conhece outros Centros de Treinamento no Brasil ou no exterior?

Se sim quais?

Olha, eu conheço vários centros internacionais e no Brasil também. O do voleibol, o da canoagem, do handebol, o de natação... tem vários.

Qual do Handebol?

Do handebol, o da Confederação Brasileira de Handebol.

Tá! Que fica onde?

Antes eles estavam aqui próximos à Foz do Iguaçu, agora mudaram, deve tar em...

São Bernardo tá construindo ainda não dá pra utilizar...

Eu acho que é de São Bernardo...

Tá finalizado, mas não tá sendo utilizado.

Eu fui quando eles estavam aqui do lado, se eu não me engano.

Internacionais quais?

Olha de canoagem eu conheço... vamo lá, eu conheço o da França que antes ficava em *Bourg-Saint-Maurice*, conheço da Espanha que *La Seu D'Urgell*, conheço da Inglaterra em Londres, conheço... que mais que eu conheço? Acho que esses aí. E conheço dos Estados Unidos que tem... um... já me recordo o nome... nos Estados Unidos, eu acho que são esses. Tem uns países sul-americanos, mas os centros são bem pequenos, bem incipientes ainda.

5 - E quais suas atribuições como superintendente aqui nesse Centro?

Olha, hoje dentro da Confederação Brasileira de Canoagem, a parte de canoagem slalom ficou pra nós, então nós que organizamos e nós que gerenciamos, não só a equipe permanente, que seria a Seleção Brasileira, como todo o esporte no Brasil.

6 - Além dessa função de superintendente você possui outra?

Eu sou superintendente da Confederação Brasileira de Canoagem.

7 - Quem são os treinadores que podem utilizar as instalações?

Todos! Todos os treinadores do Brasil podem vir em Foz do Iguaçu e treinar sem problema nenhum.

A é?

Lógico! Tá aberto pra todo mundo, pra todos os atletas e treinadores. Por exemplo, tem equipe de 24, mas se quiser vir um outro treinador tem que ser dos atletas selecionados?

Você diz utilizar a estrutura do canal? Usar o Canal Itaipu?

Isso! Qualquer um pode vir da canoagem, só solicitar pra nós lá, é que nós estamos dentro de uma área da Itaipu Binacional, então aquela área é uma área de segurança nacional e uma área de Proteção Ambiental, então existe alguns é... alguma burocracia para se utilizar aquilo, mas não há nenhum problema desde que mande todas as informações, assim como vocês fizeram pra nós, para que nós possamos pedir essa autorização antes para a Itaipu Binacional. Até hoje não houve nenhum problema de atleta, treinadores que queiram vir

treinar pra cá. Isso não vale só pro Brasil, vale pro sul-americano também tá? Então nós estamos abertos pra todos que queiram treinar.

7- E tem treinadores que são fixos das escolinhas no caso?

É, cada núcleo tem o seu treinador né? Dentro do Brasil. Cada núcleo tem seus treinadores, aqui em Foz nós estamos... nós temos hoje um projeto que é um projeto de base chamado “Meninos do Lago”, esse projeto nós temos 4 treinadores, que é da base, e o projeto da Lei de Incentivo Fiscal ao Esporte que é a equipe permanente onde estão a seleção nacional, nós estamos com o italiano Ettore Ivaldi, com o espanhol Guillermo Diez-Canedo, e agora vem mais um espanhol, pra parte da C1, que ainda tá... ainda nós estamos muito aquém do desejado. Então serão três técnicos, treinadores estrangeiros, e aí nós temos mais dois auxiliares brasileiros.

8 - De que forma ocorre o processo de seleção e encaminhamento dos atletas para virem treinar aqui?

Nós temos um ranking nacional e os melhores do ranking, de acordo com as categorias, a gente traz. Damos prioridade para os atletas mais novos tá? Nós percebemos isso na... É que vocês encontraram hoje só os... praticamente os Juniores porque os Sêniores estão participando das Copas do Mundo né? Então, agora em setembro, daqui duas semanas, três semanas, tem o campeonato mundial em Londres e eles vão todos na Europa.

9 - Considerando o âmbito internacional, você sente que esse centro, esta estrutura pode ser considerada de excelência?

Olha, o que eu posso dizer é que os resultados do Brasil na canoagem slalom vão crescendo de forma assustadora. Então, se isso tá conseguindo mundial... O último que teve agora... aqui em Foz? Pois é, no Mundial a gente já surpreendeu o mundo com algumas medalhas que nunca tivemos, e agora nós estamos surpreendendo inclusive o Comitê Olímpico com a chegada, com a participação em finais de copas do mundo, coisa que era impossível há três anos atrás, quatro anos atrás, isso tava fora da possibilidade, e hoje não, nós estamos batendo na trave para entrar em final, não só no K1 feminino com a Ana Sátila, como também com o Pepe no K1 masculino e a C2 sempre ali entre os 15... 14 melhores. Então, de acordo com a planilha Excel eu digo pra você que é um Centro que tá tendo resultado.

O que ele oferece comparado internacionalmente é... Olha hoje nós vamos tendo uma estrutura advinda da Lei de Incentivo Fiscal ao Esporte através do BNDES e da GE, que

nos dão suporte de primeiro mundo tá? Hoje realmente nós podemos, nós devemos obter resultados e nós temos todas as condições de ter bons resultados internacionais.

10 - E você acha que quais as perspectivas de utilização deste espaço após as Olimpíadas?

Não, esse espaço que você tá dizendo, aqui de Foz do Iguaçu, não vai parar de usar, esse já tá consolidado, isso aí já vem desde 2006 independentemente dos Jogos Olímpicos ou não, já tá... o que você pergunta é com relação ao Rio de Janeiro, ao canal de Deodoro que tá sendo construído no Rio de Janeiro, é isso?

Não, é porque é uma entrevista padrão, então em todo Centro eu pergunto, porque tem lugares que a gente percebe que após as Olimpíadas não vai ser utilizado da mesma forma e aqui a gente já percebeu que tem uma tradição de utilização.

Não... não tem como tá? Porque além de nós termos a parceria através da Lei de Incentivo Fiscal com BNDES e GE, nós temos a grande parceria com a Itaipu Binacional, ou seja, essa parceria, independentemente de leis de incentivo fiscal, ela sempre vai estar conosco, não esperamos que...

Há quanto tempo tem ela?

Desde 2009, tá? Então nem havia ainda a possibilidade de Jogos Olímpicos. Então o que nós estamos, dentro da Itaipu, porque existe não só um conceito do Esporte, mas um conceito social que ele tem. Então o que eles investem é no trabalho social, para eles, nós ganharmos medalha de ouro, ou não, é uma consequência, é legal, mas o mais importante é termos 100 atletas ali de base que estejam frequentando a escola, que estejam dentro desses valores que o esporte pode proporcionar tá?

APÊNDICE X

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CENTROS DE TREINAMENTO DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO E CENTROS DE EXCELÊNCIA ESPORTIVA: investigação das instalações esportivas e do perfil dos profissionais nos ambientes atendidos pelo Plano Brasil Medalhas

Pesquisadores: Mariana Antonelli (responsável)

Membros da Equipe de Pesquisa: Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes, Riller Silva Reverdito

Número do CAAE:

Você está sendo convidado a participar como voluntário de um estudo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos e deveres como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houverem perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Justificativa e objetivos:

Os objetivos do estudo são:

1. Com objetivo de avaliar eficiência do Plano Brasil Medalhas no tocante a infraestrutura esportiva, espera-se ter como resultado qual contribuição do Plano para o legado esportivo do Brasil;
2. Com objetivo de **testar a hipótese** que os Centros de Treinamento do Brasil não se enquadram em parâmetros estabelecidos para este tipo de instalação, espera-se ter como resultado indicativos do que falta e o que é preciso ser feito para se enquadrarem como tais;
3. Gerar informações concretas sobre Centros de Treinamento do Brasil, que nos permitam comparar o que é oferecido às diferentes modalidades relacionando o impacto da infraestrutura e seus avanços com os resultados obtidos nas competições internacionais.

Ele se justifica a medida que visa dar um diagnóstico da situação dos Centros de Treinamento esportivos atendidos pelo Plano Brasil Medalhas.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a responder um questionário e uma entrevista semiestruturada. Para a resposta de ambas a duração estimada de até 30 minutos.

Desconfortos e riscos:

Não é previsto que a pesquisa apresente riscos, porém, na eventual ocorrência de risco ou inconveniência percebida pelo pesquisador responsável e não descrita nesse documento, o fato será imediatamente comunicado ao Sistema CEP/CONEP e, em caráter emergencial, será avaliada a necessidade de adequação ou suspensão do estudo. Como desconforto, há o tempo utilizado pelo sujeito da pesquisa (gestor) a fim de responder a entrevista que leva cerca de 15 minutos.

Benefícios:

Como benefícios indiretos o estudo poderá auxiliar a construção de melhores Centros de Treinamento por meio de informações concretas do diagnóstico dos Centros já existentes contribuindo não só no âmbito acadêmico mas também auxiliando treinadores, gestores, atletas e outros profissionais da área.

Acompanhamento e assistência:

Caso haja dúvidas sobre as questões da entrevista ou questionário, poderão ser esclarecidas imediatamente pelo pesquisador.

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do Participante

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Indenização:

Há garantia de indenização caso hajam eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Ressarcimento:

O estudo será feito em horário e local que participante tiver disponibilidade. Não será exigido que o participante se desloque, já que o pesquisador irá ao seu encontro, devido a isso, não haverá ressarcimento com gastos do participante, pois não haverá ônus ao mesmo.

Contato:

Em caso de dúvida, recusa ou reclamação recorrer a pesquisadora responsável Mariana Antonelli

Endereço e contato do responsável pela pesquisa:

Endereço: Alameda das Jangadeiras, 106, Jundiaí Mirim,
Jundiaí, SP CEP 13216776
Telefones p/contato: 11 996872007 ou 11 45842738
Email: mari_antonelli5@hotmail.com

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação no estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter tido esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante: _____

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do responsável)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Assinatura Pesquisador: _____

Data: ____/____/____.

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do Participante

APÊNDICE XI

Termo de Autorização para o Estudo

Antes de conceder o consentimento para que o Grupo de Estudos em Pedagogia do Esporte-GEPEESP/FEF/Unicamp desenvolva o projeto "**Diagnóstico de Centros de Treinamento do Esporte de Alto Rendimento**" o CENTRO DE TREINAMENTO

_____, através de seu representante legal, foi devidamente informado acerca dos objetivos, métodos, procedimentos, riscos e benefícios decorrentes desta adesão e declara que estará participando do mesmo.

Representante Legal: (administrador/gestor do Centro de Treinamento)

Autorizo a realização do projeto de pesquisa: **Centros de Treinamento do Esporte de Alto Rendimento**: modalidades atendidas pelo Plano Brasil Medalhas, realizado pela pesquisadora Mariana Antonelli (pesquisador responsável) e estudantes do Grupo de Estudos em Pedagogia do Esporte (GEPEESP/Unicamp), sob a orientação e coordenação do Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes.

Gestor do Centro de Treinamento

APÊNDICE XII

CEAR (fotos)



Imagem A – Complexo aquático do CEAR



Imagem B – Pista de atletismo do CEAR

ANEXO I

Prêmio no Congresso VI Congresso de Ciência do Desporto

VI Congresso de Ciência do Desporto


V Simpósio Internacional de Ciência do Desporto


2, 3 e 4 de Dezembro de 2015

Certificado


Faculdade de Educação Física
UNICAMP


Certificamos que o trabalho intitulado **"EQUIPE MULTIDISCIPLINAR E ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO: ESTUDO DE CASO NO VOLEIBOL BRASILEIRO"** do autor **LEONARDI, T.J.; ANTONELLI, M.; BALBINO, H.F.; PAES, R.R.**, apresentado no formato **ORAL**, foi premiado na área de Ciência do Esporte e Biodinâmica no **VI Congresso de Ciência do Desporto e V Seminário Internacional de Ciência do Desporto**, realizados nos dias 02, 03 e 04 de dezembro de 2015, no Centro de Convenções e Faculdade de Educação Física da Unicamp.





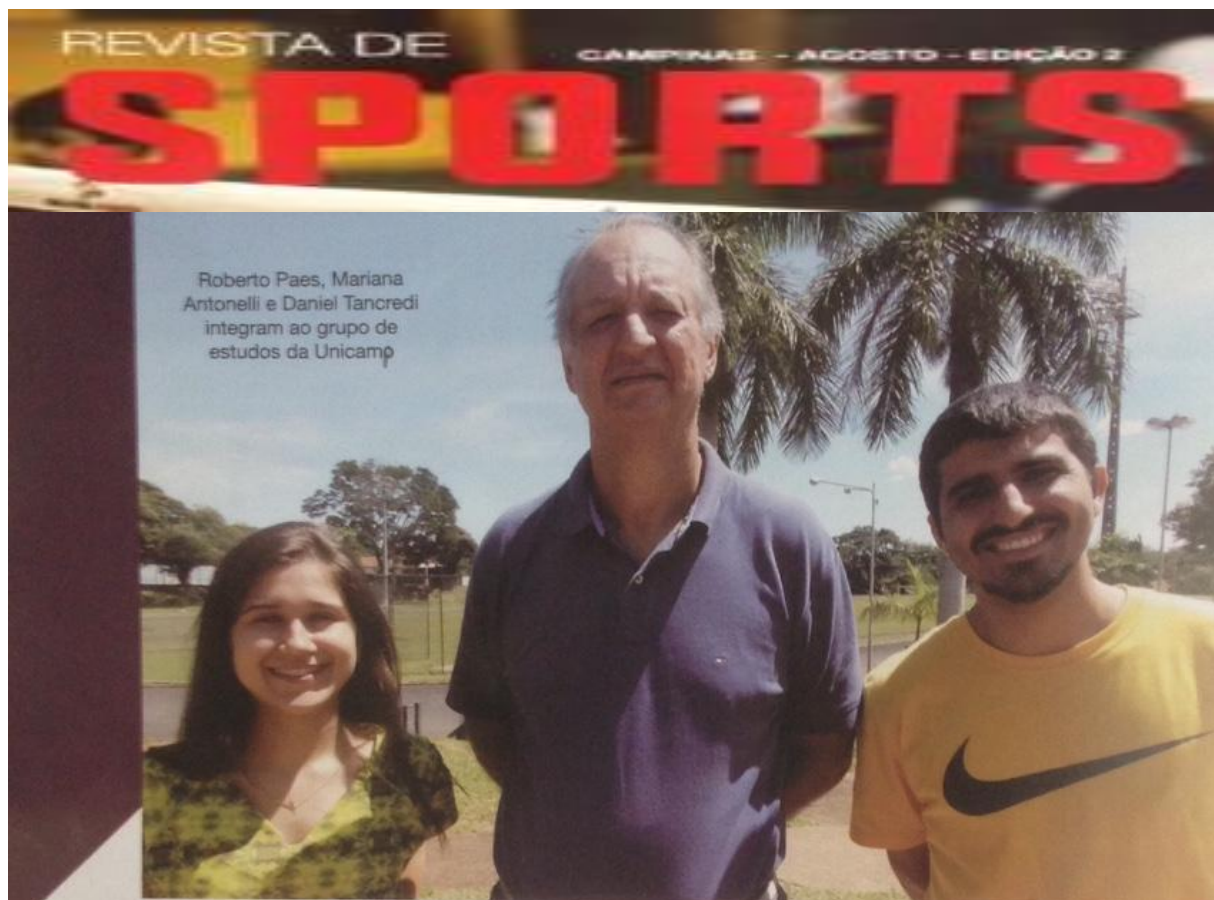
Prof. Dr. Miguel de Arruda
Presidente do Congresso





ANEXO II

Matéria Revista



UNICAMP PESQUISA CENTROS DE TREINAMENTO

Pesquisadores da Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas vão analisar 15 instalações que foram definidas para ajudar na preparação

A Olimpíada de 2016 está batendo à porta. No dia 5 de agosto do próximo ano, o Brasil, mais precisamente o Rio de Janeiro, será o a capital do mundo do esporte. E o Comitê Olímpico do Brasil sonha alto - quer o País no mínimo na 10ª posição no quadro de medalhas. Mas como está a prepa-

ração dos brasileiros? Os atletas têm toda a estrutura disponível para lutar por pódios? Pesquisadores da Faculdade de Educação Física da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) estão à caça das respostas.

Para isso, estão investigando os Centros de Treinamento de Esporte do

Brasil a fim de verificar se, de fato, podem ser classificados e reconhecidos como Centros de Alto Rendimento e/ou Centros de Excelência, de acordo com parâmetros estabelecidos para estes tipos de instalação, utilizando como referência os critérios propostos pelo Conselho Superior de

ANEXO III

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Pesquisador: Mariana Antonelli

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Título da Pesquisa: CENTROS DE EXCELÊNCIA ESPORTIVA: investigação das instalações esportivas e do perfil dos profissionais nos ambientes atendidos pelo Plano Brasil Medalhas

Versão: 5

CAAE: 44808415.7.0000.5404

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Número do parecer: 1.314.455

Comentários e Considerações sobre a pesquisa:

Esse projeto tem como objetivo verificar se os centros que estão sendo construídos no Brasil se encaixam nos moldes de centro de alto desempenho, como definidos pela Espanha, uma vez que o Brasil não possui essas definições. O projeto está bem escrito e tem financiamento da FAPESP, o que destaca suas qualidades.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram atendidas.

Situação do Parecer:

Aprovado

Assinado por: Renata Maria dos Santos Celeghini (Coordenador)

ANEXO IV**Regulamento para Integrantes das
Seleções Brasileiras****8ª Edição**

ANEXO V

